



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA
E PATRIMÔNIO CULTURAL



AS REPRESENTAÇÕES RUPESTRES DO SÍTIO ENTRE MORROS, ITATIM, BAHIA, BRASIL



MIRTA KELEN BARBOSA BEZERRA

CACHOEIRA – BAHIA

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO
CULTURAL – PPGap

AS REPRESENTAÇÕES RUPESTRES DO SÍTIO ENTRE MORROS, ITATIM, BAHIA, BRASIL

Texto apresentado para a defesa de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural (PPGap) do Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), como requisito final e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Arqueologia e Patrimônio Cultural.

Concentração: Arqueologia

Linha 1: Populações, ambientes e culturas

Orientador: Carlos Alberto Santos Costa

CACHOEIRA – BAHIA
2024

Barbosa Bezerra, Mirta Kelen.

As representações rupestres do sítio Entre Morros, Itatim, Bahia, Brasil. /
Mirta Kelen Barbosa Bezerra. Cachoeira, BA, 2024.
169f.; il.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Santos Costa

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia,
Centro de Artes Humanidades e Letras, Programa de Pós-Graduação em
Arqueologia e Patrimônio Cultural, 2024.

1. Arqueologia. 2. Pinturas Rupestres. 3. Itatim. 4. Bahia. I. Universidade
Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras. II.
Título.

CDD: 930.1

MIRTA KELEN BARBOSA BEZERRA

**AS REPRESENTAÇÕES RUPESTRES DO SÍTIO ENTRE MORROS, ITATIM,
BAHIA, BRASIL**

Texto da Dissertação de Mestrado, realizado sob a orientação do Prof. Carlos Alberto Santos Costa, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural (PPGap), do Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Arqueologia e Patrimônio Cultural, na concentração: Arqueologia, Linha 1 – Populações, ambientes e culturas.

Cachoeira, 15 de fevereiro de 2024.

FOLHA DE APROVAÇÃO:

Documento assinado digitalmente
 **CARLOS ALBERTO SANTOS COSTA**
Data: 15/02/2024 14:19:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Carlos Alberto Santos Costa (Orientador)
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Documento assinado digitalmente
 **CARLOS ALBERTO ETCHEVARNE**
Data: 15/02/2024 14:30:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Carlos Alberto Etchevarne (Membro interno)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Documento assinado digitalmente
 **DANIELA CISNEIROS SILVA MUTZENBERG**
Data: 15/02/2024 15:20:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Daniela Cisneiros Silva Mutzenberg (Membro externo)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

“Tudo começa assim: Representação. Afinal, tudo acontece para um sujeito que percebe. Ele é o sustentáculo de seu próprio mundo, sem ele, não há representação. Toda massividade do universo encontra-se na vaporosidade da consciência. As imagens nascem nesse amálgama entre corpo e mundo. Sujeito e objeto, essa é ligação que chamamos de Representação. Um não existe sem o outro. Um começa onde o outro termina. Tal como Kant nos mostrou, as Representações nos chegam através dos sentidos e se submetem ao nosso princípio de razão. Pensamos tudo sob a forma pura de tempo-espaço e causalidade. O vir-a-ser possui um quadro de fundo, possui um palco, uma moldura onde a ação acontece.

A Representação é o conceito que garante a realidade composta de sujeito-objeto. O cérebro organiza tudo para nós, todos os nervos sensoriais saem da superfície do corpo e vão até esta massa cinzenta de processamento. O cérebro funciona da mesma maneira que o estômago: digere sensações e retira aquilo que é necessário, o resto passa adiante, não importa. Dois tempos: as impressões trazem os dados, o intelecto os organiza. Os sentidos são prolongamentos do cérebro até o mundo, os músculos são prolongamentos do cérebro para agirmos no mundo. A primeira conclusão: fazemos parte deste mundo, somos objetos entre objetos. Os fenômenos são o que percebemos, o que não percebemos é o númeno (aquilo que não formamos representação).

Somos feitos de sensações, nossa consciência é a prova disso. O que há nos bastidores? Ninguém sabe! Kant chamou de coisa-em-si e se aventurou timidamente, se dispôs a colocar o pé na água numênica, mas ficou na margem, com medo de se afogar neste mar apavorante e sinistro. O que há além da representação? Calma, não precisamos atravessar o véu de Maia ainda, fiquemos um pouco mais na superfície, nas aparências. Cavernas escuras nos esperam, tomemos um pouco de Sol antes desta jornada desalumiada. [...]”

Autor: Rafael Trindade

O mundo como representação (2019)

<https://razaoinadequada.com>

Dedico esta dissertação:

Ao meu pai, Milton Barbosa (in memoriam):

Seus ensinamentos e valores sempre me acompanharão, servindo como bússola em minha jornada. Sua sabedoria e força me inspiram a seguir em frente, mesmo nos momentos mais desafiadores. Agradeço por sua presença constante em minha vida, mesmo após sua partida.

À minha irmã, Carla Regina Barbosa Vieira (in memoriam):

Sua presença assídua como companheira no início da minha jornada na Arqueologia foi fundamental para meu desenvolvimento profissional e pessoal. Sua alegria contagiante e seu sorriso radiante jamais serão esquecidos. Sua paixão pela vida e pela busca do conhecimento me inspiraram a seguir meus sonhos. A ela também dedico este trabalho com todo meu amor e saudade.

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta dissertação não seria possível sem o inestimável apoio e a inesgotável dedicação de diversas pessoas. A todas elas, dedico meu profundo e sincero agradecimento.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Alberto Santos Costa, agradeço por todo o seu apoio, orientação e confiança. Sua dedicação e disponibilidade foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Seus ensinamentos e sugestões foram essenciais para o meu crescimento acadêmico e para a qualidade da minha pesquisa.

Aos membros da comissão examinadora, Prof. Dr. Carlos Etchevarne e Profa. Dra. Daniela Cisneiros Silva Mutzenberg, agradeço imensamente pela leitura atenta e pelas valiosas sugestões. Seus comentários foram muito importantes para o aperfeiçoamento da minha dissertação. Eles me ajudaram a identificar pontos a serem melhorados, a esclarecer ideias e a tornar o meu trabalho mais claro e conciso.

Aos meus familiares Barbosa e Dantas Bezerra, agradeço imensamente a todos vocês por sua inestimável presença e apoio em minha vida, principalmente durante os anos de 2021 a 2023. Sem dúvida, essa fase representou um grande desafio para nossa família. Enfrentamos momentos de intensa dor e superação, e a união e o suporte de cada um de vocês foram fundamentais para que eu pudesse seguir em frente.

Em especial, agradeço à “D. Aída”, minha querida mãe, que mais uma vez me mostrou o que significa ser uma pessoa com propósito, segurança, força e determinação. Sua postura resiliente e seu amor incondicional foram a verdadeira fortaleza que me sustentou durante todo esse processo.

Ao meu querido sobrinho Thiago, sua alegria e entusiasmo sempre me motivaram. Sua presença radiante e seu otimismo contagiante iluminam nossas vidas com sua energia positiva. Ao meu cunhado Zéu, meu mais sincero agradecimento por sua presença constante e apoio incondicional. Seu carinho e companheirismo são fundamentais para nós. Obrigado por ser como um irmão para mim.

Agradeço por caminhar comigo ao longo dessa jornada, repleta de altos e baixos, sua paciência e companheirismo me ajudaram a atravessar momentos muito

difíceis, me dando força para superar cada obstáculo. Obrigada pelos momentos de alegria que você ajudou a me proporcionar.

Agradeço também ao nosso filho Matheus, que mesmo não tendo herdado a paciência do pai, contribuiu para tornar essa jornada mais leve do seu jeito único, com sua alegria, seu humor e seu carinho puro e verdadeiro. Agradeço por ser um filho tão especial e por me proporcionar momentos de tanta felicidade e amor. Ter você em nossas vidas é a maior benção que poderíamos receber.

Por fim, agradeço à minha sogra D. Raquel e meus queridos cunhados Iari, Ianai, Indira, Ivo e minha querida comadre Celina, por sempre estarem presentes em nossas vidas, tanto nos momentos de alegria quanto nos de dificuldade. Sua amizade, amor e apoio são muito importantes para mim e para nossa família. Saber que posso contar com vocês em qualquer situação me traz uma enorme segurança e conforto. Não posso aqui deixar de agradecer meu compadre Júnior, que a todo o momento esteve sempre disposto a me auxiliar no que fosse preciso.

Em reconhecimento à grandiosidade numérica da família Dantas e Bezerra, que excede os limites de páginas desta dissertação, dedico este espaço para expressar minha profunda gratidão a todos os tios, tias, primos e primas espalhados territorialmente, porém unidos em afeto, por Salvador, Feira de Santana, Alagoinhas e Rio de Janeiro.

Agradeço por cada palavra de incentivo, abraço caloroso e momento compartilhado. Embora seus nomes não estejam listados individualmente, saibam que cada um de vocês ocupa um lugar especial em meu coração. Sou profundamente grata por ter vocês em minha vida!

Aos meus amigos, impossível citar todos os amigos que foram importantes nessa jornada, certamente seria injusta e deixaria de citar algum por esquecimento, afinal a idade já não ajuda a memória. Desta forma, agradeço aos meus amigos de longas datas (ao ler eles saberão quem são), que sempre me apoiaram e incentivaram durante todo meu processo acadêmico.

No entanto, durante este período de mestrado devo agradecer particularmente a minha grande amiga Marcia Labanca, que me motivou a todo instante e não deixou que eu desistisse em nenhum momento da pós-graduação, ajudando e dando suporte em nossos trabalhos de campo para que isso fosse concretizado. Agradeço

também ao Luan Aquino por disponibilizar seu tempo e profissionalismo para auxiliar na pesquisa. Sua solicitude, novas ideias e constante auxílio foram extremamente valiosos para o desenvolvimento do projeto.

Ao PPGap e à UFRB, agradeço aos professores, colegas de curso e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural (PPGap) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), que contribuíram de diferentes maneiras para a minha formação acadêmica.

Obrigada a todos que me apoiaram e incentivaram durante essa jornada. Sem vocês, nada disso seria possível.

Lauro de Freitas, janeiro de 2024

BEZERRA, Mirta Kelen Barbosa. **As representações rupestres do sítio Entre Morros, Itatim, Bahia, Brasil**. Cachoeira: PPGap/UFRB, 2024, 169p.

RESUMO

O sítio arqueológico Entre Morros, localizado no município de Itatim, Bahia, é um importante sítio rupestre que apresenta, em sua maioria, representações humanas, de animais e geométricas, distribuídas em três diferentes setores. O foco central da pesquisa reside em mostrar as relações entre a paisagem e os elementos culturais presentes no sítio, investigando como os condicionantes ambientais e as características do suporte rochoso granítico influenciaram a criação das representações rupestres. A problematização das condições ambientais favoráveis à utilização da rocha como suporte para as imagens abre caminho para explorar as técnicas e estratégias empregadas na criação das pinturas. A análise das influências do suporte granítico sobre a escolha das áreas a serem pintadas e a tipologia das representações rupestres pode indicar aspectos importantes do modo de vida e da organização dos grupos humanos que ocuparam o sítio. A proposição de que os *inselbergs* na região de Itatim, apesar de oferecerem poucas áreas abrigadas, proporcionaram espaços específicos para as imagens é intrigante e abre espaço para investigação. A ideia de que o contexto paisagístico, as características morfológicas e tipológicas do suporte granítico influenciaram a escolha das áreas a serem pintadas é plausível e pode ser testada através de análises detalhadas das pinturas e do entorno do sítio.

Palavras-Chave: representação rupestre; *Inselberg*; Arqueologia da Paisagem; Itatim; Bahia.

BEZERRA, Mirta Kelen Barbosa. **The rock representations of the Entre Morros site, Itatim, Bahia, Brazil.** Cachoeira: PPGap/UFRB, 2024, 169p.

ABSTRACT

The Entre Morros archaeological site, located in the municipality of Itatim, Bahia, is an important rock site that presents, for the most part, representations of human, animal and geometric figures, distributed in three different sectors. The central focus of the research lies in showing the relationships between the landscape and the cultural elements present at the site, investigating how environmental conditions and the characteristics of the granite rock support influenced the creation of rock representations. The problematization of environmental conditions favorable to the use of rock as a pictorial support opens the way to explore the techniques and strategies used in the creation of paintings. The analysis of the influences of the granite support on the choice of areas to be painted and the typology of rock representations can indicate important aspects of the way of life, social organization and worldview of the human groups that occupied the site. The proposition that the inselbergs in the Itatim region, despite offering few sheltered areas, provided specific spaces for images is intriguing and opens up space for investigation. The idea that the landscape context, the morphological and typological characteristics of the granite support influenced the choice of areas to be painted is plausible and can be tested through detailed analyzes of the paintings and the site's surroundings.

Keywords: rock representation; Inselberg; Landscape Archeology; Itatim; Bahia.

LISTA DE SIGLAS

BIRD	Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento
CAR	Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional
CBH	Comitê de Bacia Hidrográfica
CNSA	Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos
CONAPAM	Conselho de Política e Gestão do Meio Ambiente do Ceará
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FLEM	Fundação Luís Eduardo Magalhães
GEF	Global Environment Facility (Fundo Global para o Meio Ambiente)
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEMA	Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos
IPAC	Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MAE	Museu de Arqueologia e Etnologia
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PPGAP	Programa de Pós-graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural
RPGA	Região de Planejamento e Gestão das Águas
SEDIR	Secretaria de Desenvolvimento e Integração Regional
SEI	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais do Estado
SEMA	Secretaria de Meio Ambiente
SEMARH	Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Recursos Hídricos
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Sítio rupestre Gruta da Cruz. _____	66
Figura 2. Sítio Gruta da Cruz. Representações rupestres em vermelho. _____	67
Figura 3. Município de Itatim. Sítio de arte rupestre Gildeon _____	67
Figura 4. Município de Itatim. Sítio de arte rupestre Gildeon. Representação de figura geométrica em vermelho. _____	68
Figura 5. Sítio rupestre Morrinho. _____	68
Figura 6. Sítio rupestre Morrinho. Representação monocromático em vermelho. _____	69
Figura 7. Sítio rupestre Morro de Baixo. _____	69
Figura 8. Sítio rupestre Morro de Baixo. Representações geométricas em vermelho. ___	70
Figura 9. Sítio rupestre Chama Galinha. _____	70
Figura 10. Sítio rupestre Chama Galinha. Representações monocromático em vermelho. _____	71
Figura 11. Sítio rupestre Morro do Santo Antônio. _____	71
Figura 12. Sítio rupestre Morro do Santo Antônio. Representações geométricas. _____	72
Figura 13. Sítio rupestre Morro do Tigre. _____	72
Figura 14. Sítio rupestre Morro do Tigre. Representação monocromático em vermelho. 73	
Figura 15. Sítio rupestre Pedra Redonda. _____	73
Figura 16. Sítio rupestre Pedra Redonda. Representação monocromático em vermelho.74	
Figura 17. Sítio rupestre Fazenda São João. _____	74
Figura 18. Sítio rupestre Fazenda São João. Representação monocromático em vermelho. _____	75
Figura 19. Sítio rupestre Toca Branca. _____	75
Figura 20. Sítio rupestre Toca Branca. Representação monocromático em vermelho. _	76
Figura 21. Sítio rupestre Toca do Índio. _____	76
Figura 22. Sítio rupestre Toca do Índio. Representação monocromático em vermelho. 77	
Figura 23. Divisão dos 27 dos Territórios de Identidade no Estado da Bahia. Destaque para o Território do Piemonte do Paraguaçu. _____	79
Figura 24. Detalhe dos municípios que fazem parte da divisão (14) do Território de Identidade do Piemonte do Paraguaçu. Destaque para o município de Itatim/BA. _____	80
Figura 25. Morro da Ponta Aguda, Itatim, Bahia. _____	81
Figura 26. Estação ferroviária de Itatim, 1950. _____	84
Figura 27. Praça da Matriz, 1983. _____	84
Figura 28. Igreja do Morro da Ponta Aguda. _____	85
Figura 29. Igreja de Nossa Senhora da Piedade, 1883. _____	85

Figura 30. Primeira locomotiva, 1884.	86
Figura 31. Trem de passageiros, s/d.	86
Figura 32. Venda de fumo de rolo, s/d.	87
Figura 33. Primeira venda de Itatim, s/d.	87
Figura 34. Igreja de Santo Antônio.	88
Figura 35. Igreja de N. Senhora da Conceição.	88
Figura 36. Linha Férrea que corta o município.	89
Figura 37. Fazenda Coité com aproximadamente 200 anos.	89
Figura 38. Detalhe do barro utilizado para a confecção dos objetos cerâmicos.	91
Figura 39. Bloco de barro umedecido, preparado para ser moldado pelas mãos da ceramista.	91
Figura 40. Ceramistas modelando as panelas para serem levadas para queima.	91
Figura 41. Panelas de barro modeladas secando para serem levadas ao forno para queima.	92
Figura 42. Chaleira de barro modelada que será levada para queima no forno.	92
Figura 43. Forno a lenha utilizado para a queima dos objetos cerâmicos.	92
Figura 44. Detalhe de alguns objetos cerâmicos utilitários produzidos pelas ceramistas.	92
Figura 45. Caatinga - Vegetação predominante em Itatim, Bahia.	95
Figura 46. Caatinga - Vegetação predominante em Itatim, Bahia.	95
Figura 47. Biomas – Estado da Bahia.	96
Figura 48. Inselberg Morro do Enxadão. Itatim, Bahia.	98
Figura 49. Inselberg Morro das Tocas. Itatim, Bahia.	99
Figura 50. Matacões sendo destruídos pela ação das pedreiras.	102
Figura 51. Ação das pedreiras nos blocos graníticos próximos aos blocos com representações rupestres.	103
Figura 52. Ciclismo - Clube Calangos da Aventura.	104
Figura 53. Rapel – Clube Calangos da Aventura.	104
Figura 54. Distância entre a sede do município de Itatim e a comunidade quilombola do Entre Morros.	107
Figura 55. Palestra no Povoado de Entre Morros.	108
Figura 56. Palestra no Povoado de Entre Morros.	108
Figura 57. Distância entre a comunidade quilombola e o sítio Entre Morros.	110
Figura 58. <i>Tacinga Palmadora</i> . (Palmatória).	111
Figura 59. <i>Encholirium spectabile</i> . (Macambira-de-flecha).	111
Figura 60. Contexto rochoso do sítio Entre Morros.	111
Figura 61. Solo arenoso característico do sítio Entre Morros.	111

Figura 62. Sítio Entre Morros. Escavação de uma das quadras do Setor 3. Decapagem dos sedimentos. _____	113
Figura 63. Sítio Entre Morros. Detalhe de uma pintura localizada acima de uma das quadras escavadas. _____	113
Figura 64. Sítio Entre Morros. Setor 3. Peneiramento dos sedimentos retirados da quadra. _____	114
Figura 65. Sítio Entre Morros. Setor 3. Peneiramento dos sedimentos retirados da quadra. _____	114
Figura 66 Vista de duas quadras no Setor 3. _____	115
Figura 67. Vista de duas quadras no Setor 3. _____	115
Figura 68. Primeira visita de campo realizada em 2021. _____	119
Figura 69. Segunda visita de campo realizada em 2023. _____	119
Figura 70. Terceira visita de campo realizada também em 2023. _____	119
Figura 71. Exemplo de minerais que deram origem a alguns pigmentos e que foram utilizados nas representações rupestres. _____	122
Figura 72. Exemplos de utilização do aplicativo <i>DStretch</i> no Setor 1. _____	124
Figura 73. Exemplos de utilização do aplicativo <i>DStretch</i> no Setor 2. _____	124
Figura 74. Exemplos de utilização do aplicativo <i>DStretch</i> no Setor 3. _____	125
Figura 75. Utilização da lente de aumento “ <i>Apexel</i> ” para registro do suporte granítico e posterior aplicação do aplicativo “ <i>DStretch</i> ” para evidenciar o pigmento. _____	126
Figura 76. Composição mineralógica do granito. _____	128
Figura 77. Detalhe de um maciço rochoso granítico. _____	129
Figura 78. Detalhe de um maciço rochoso granítico do sítio Entre Morros. Pigmento amarelo sobre o quartzo. _____	129
Figura 79. Entre Morros. Imagem dos três setores de análise a partir do Google Earth. _____	130
Figura 80. Entre Morros. Identificação dos setores de pintura, conforme a identificação nos <i>inselbergs</i> do sítio. _____	130
Figura 81. Sítio Rupestre Entre Morros. Vista geral do Setor 1. _____	132
Figura 82. Entre Morros. Setor 1. Falta de proteção da vegetação natural no paredão com representações rupestres. _____	135
Figura 83. Entre Morros. Setor 1 - Painel 1. Detalhe da “mancha vermelha” na base do paredão e do deslocamento natural. _____	135
Figura 84. Sítio Entre Morros. Setor 1. Representações monocromáticas (vermelho), bastante desgastadas pela ação das intempéries. _____	135
Figura 85. Entre Morros. Foto de uma sobreposição do painel 1 mostrando figuras bastante desgastadas. _____	136

Figura 86. Após o tratamento da imagem no <i>DStretch</i> “YDT”, foi possível perceber uma figura representada com pigmento amarelo sob as representações em vermelho. ____	136
Figura 87. Sobreposição localizada após tratamento no <i>DStretch</i> YRD, no primeiro painel do Setor 1. Várias figuras geométricas ficaram visíveis com a utilização do <i>DStretch</i> . ____	136
Figura 88. Sobreposição com figura vermelha sobre figura geométrica em pigmento amarelo, identificada após tratamento do <i>DStretch</i> YRE. _____	136
Figura 89. Sítio Entre Morros. Setor 1. Representações monocromáticas (vermelho), bastante desgastadas pela ação das intempéries. _____	136
Figura 90. Entre Morros. Visão geral do Setor 2. _____	137
Figura 91. Entre Morros. Detalhe do painel do Setor 2. _____	137
Figura 92. Setor 2 – Blocos de granito extraídos pela pedreira deixados próximo ao suporte com as pinturas. _____	139
Figura 93. Setor 2 – Dificuldade de acesso - pedras extraídas da pedreira. _____	139
Figura 94. Sítio Entre Morros. Setor 2. Representações de vários antropomorfos em vermelho. _____	140
Figura 95. Sítio Entre Morros. Setor 2. Representações de vários antropomorfos em vermelho. _____	140
Figura 96. Setor 2. Representação antropomorfa monocromática (vermelha) com destaque para mão em positivo. _____	141
Figura 97. Setor 2. Representação antropomorfa com braços abertos e levantados monocromática (vermelha). Logo abaixo a esquerda da figura, uma espiral realizada em outro momento. _____	141
Figura 98. Setor 2. Representação antropomorfa com braços erguidos. _____	142
Figura 99. Setor 2. Representação de dois zoomorfos e um geométrico em forma de círculo no canto direito. _____	142
Figura 100. Visão geral do Setor 3. _____	143
Figura 101. Setor 3 – Vegetação em frente ao painel com as representações rupestres. _____	144
Figura 102. Setor 3 – Esterco de gado na área do sítio. _____	144
Figura 103. Setor 3 – Pés de Juazeiro em frente ao painel com as representações rupestres. _____	144
Figura 104. Setor 3. Devido a quantidade de vegetação, em comparação aos demais setores, o paredão parece manter boa conservação dos pigmentos e melhor visibilidade das imagens. _____	144
Figura 105. Setor 3. Visão do painel principal com várias figuras geométricas policromáticas sobrepostas. _____	146
Figura 106. Setor 3. Figuras geométricas em formas de círculos. _____	146

Figura 107. Setor 3. No canto esquerdo da imagem está a representação geométrica em forma de ziguezague monocromático (vermelho). Logo abaixo, em pigmento preto, outra representação classificada como geométrica. _____ 147

Figura 108. Setor 3. a) Representação geométrica de um círculo com linhas verticais em vermelho; b) Representação geométrica em vermelho cheio; c) Representação geométrica em pigmento preto cheio. _____ 147

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Diferenças entre os conceitos de Representação na Filosofia, História e Arqueologia.	39
Tabela 2. Sítios cadastrados no IPHAN durante Programa de Mapeamento de Sítios com Representações Rupestres no município de Itatim.	77
Tabela 3. Setor 1 - Distribuição das representações por tipo:	133
Tabela 4. Setor 1 - Dimensão dos painéis.	134
Tabela 5. Setor 1 - Dimensão das figuras isoladas identificadas.	134
Tabela 6. Setor 2 - Distribuição das representações por tipo:	138
Tabela 7. Setor 3 - Distribuição das representações por tipo:	145
Tabela 8. Comparativo das Representações Rupestres nos Setores 1, 2 e 3:.....	153
Tabela 9. Proporções e Porcentagens das Representações Rupestres nos Setores 1, 2 e 3:.....	154
Tabela 10. Setores 1,2 e 3 por critérios comparativos:	154

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Evolução do conceito de Paisagem.	48
Quadro 2. Três olhares da Arqueologia da Paisagem:	56
Quadro 3. Aspectos Conceituais da Paisagem na Arqueologia.....	58
Quadro 4. Diversidade de paradigmas.....	62
Quadro 5. Aspectos naturais de Itatim/BA.	94
Quadro 6. Características das quadras escavadas - Setor 3 (2013)	112

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Setor 1 - Quantitativo das imagens identificadas nos painéis.	134
Gráfico 2. Setor 2 - Quantitativo das imagens identificadas:.....	139
Gráfico 3. Setor 3 - Quantitativo das imagens identificadas.....	145

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	20
INTRODUÇÃO	23
CAPÍTULO 1. ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM E REPRESENTAÇÕES RUPESTRES: APORTES TEÓRICOS À INVESTIGAÇÃO	30
1.1. Definições e conceitos sobre Paisagem.....	39
1.2. Os diferentes olhares da Arqueologia sobre a Paisagem.....	49
1.3. A arqueologia da Paisagem: paradigmas e práticas	58
CAPÍTULO 2 – ASPECTOS HISTÓRICOS, CULTURAIS E PAISAGÍSTICOS DA REGIÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO ENTRE MORROS	63
2.1. Breves aspectos do contexto arqueológico da região de Itatim	64
2.2. Breves aspectos geográficos, históricos e culturais do município de Itatim	78
2.3. Breves aspectos naturais de Itatim.....	93
2.4. A paisagem dos <i>inselbergs</i>	96
2.4.1. O contexto cultural dos <i>inselbergs</i>	101
CAPÍTULO 3. A CONSTRUÇÃO DO CONTEXTO ARQUEOLÓGICO: RELAÇÃO ENTRE REPRESENTAÇÃO RUPESTRE E PAISAGEM DO SÍTIO ENTRE MORROS	105
3.1. O sítio e a Comunidade Entre Morros.....	106
3.2. Escavações arqueológicas no sítio Entre Morros	108
3.3. Análise dos painéis rupestres do sítio Entre Morros e suas relações com a Paisagem	116
3.3.1. Elaboração da ficha documental e visitas a campo.....	117
3.3.2. Procedimentos analíticos dos painéis rupestres.....	120
3.3.3. Suporte e pigmento.....	127

3.3.4. Análise de Campo e Laboratório:	131
3.4. Setor 1	132
3.5. Setor 2	137
3.6. Setor 3	143
CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS.....	157
APÊNDICE I – FICHA DOCUMENTAL	163

APRESENTAÇÃO

Formada em Museologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 2002, atuo na área de Arqueologia desde o ingresso na faculdade, em 1998. Participei de projetos de pesquisa, escavações e educação patrimonial. No primeiro semestre do curso de graduação, participei de uma pesquisa sobre as urnas funerárias utilizadas nos sepultamentos da tradição Aratu no acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da UFBA. No mesmo ano, comecei a fazer estágio voluntário durante as escavações da antiga Igreja da Sé de Salvador, coordenada pelo arqueólogo Dr. Carlos Etchevarne.

A pesquisa arqueológica realizada entre 1998 e 2002, como parte das comemorações dos 500 anos do Brasil e dos 450 anos da cidade de Salvador, foi uma iniciativa de grande relevância e repercussão. O trabalho, iniciado como estágio voluntário, foi posteriormente financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), permitindo minha continuidade no campo da Arqueologia durante meu percurso acadêmico.

Após concluir o curso de Museologia em 2002, continuei envolvida em vários projetos arqueológicos, especialmente em pesquisas voltadas à identificação e registro de locais com pinturas e gravuras rupestres. No âmbito do “Projeto Homem e Natureza”, coordenado pelo Dr. Carlos Etchevarne, tive a oportunidade de conhecer, pela primeira vez, as diferentes formas de representações rupestres. Essas experiências suscitaram questionamentos e oportunidades para analisar as pinturas e gravuras, especialmente considerando o contexto ambiental e o aproveitamento do suporte rochoso, conforme apontava o coordenador Etchevarne durante todo o levantamento.

A segunda etapa do Projeto dos Circuitos Arqueológicos da Chapada Diamantina (2012-2013), mapeou 67 sítios rupestres nos municípios baianos de Lençóis, Palmeiras, Iraquara, Morro do Chapéu, Wagner e Seabra. Além disso, foram realizados palestras, oficinas e cursos para a comunidade local. Participei das escavações no Abrigo I da Lagoa da Velha no município de Morro do Chapéu, no sítio Serra das Paridas I no município de Lençóis e no sítio Lapa do Sol município de Iraquara (IPAC, 2011). Essas experiências foram enriquecedoras, pois

contribuíram para o meu conhecimento sobre a aplicabilidade e efetivação das representações rupestres, considerando o aproveitamento litológico e o entorno paisagístico.

Ao longo da minha trajetória na Arqueologia, também me deparei com muitos casos de destruição desse patrimônio. As exposições aos agentes naturais que ocorrem ao longo do tempo são um problema, mas as ações antrópicas, causadas pelo ser humano, são as mais graves. Pichações, fuligem proveniente de fogueiras e outras ações provocadas pelo homem podem causar danos irreversíveis às pinturas rupestres.

Um dos casos de degradação mais graves que presenciei ocorreu na região de Itatim, Bahia. Em 2012, participei do “Programa de Mapeamento de Sítios com Representações Rupestres e Educação Patrimonial”, realizado no âmbito do “Projeto de Conservação e Gestão Sustentável do Bioma Caatinga” (Projeto Mata Branca), promovido pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (SEMARH), Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR) da Secretaria de Desenvolvimento e Integração Regional (SEDIR) e Fundação Luís Eduardo Magalhães (FLEM), na Bahia, em conjunto com o Conselho de Política e Gestão do Meio Ambiente (CONAPAM) do Ceará.

O Programa Arqueológico foi dividido em cinco etapas e, entre elas, foi realizada a identificação e registro de sítios com representações rupestres, com a participação ativa da comunidade local. Nesta etapa, a equipe identificou a existência de dez sítios arqueológicos com pinturas, localizados em diferentes regiões dos municípios de Itatim e Santa Teresinha.

À época da pesquisa, o estado de vulnerabilidade desses sítios arqueológicos – devido ao extenso trabalho de pedreiras que destroem os maciços rochosos de granito para fazer paralelepípedos usados na construção de estradas e calçamentos – despertou o interesse em trabalhar, de alguma forma, para preservar esses espaços. Por isso, o Programa Arqueológico promoveu a comunicação entre autoridades municipais, representantes da comunidade, professores e alunos de instituições públicas, comunicando sobre as atividades previstas e informando da importância dessa iniciativa para a preservação e proteção dos sítios rupestres de Itatim.

A iminente possibilidade de destruição de sítios arqueológicos na região, aguçou o desejo de registrar o potencial arqueológico desses locais. Essa experiência adquirida com a implantação e implementação de ações promovidas durante o Programa em Itatim deu a oportunidade de elaborar a proposta de um projeto de pesquisa que contempla a análise da incompatibilidade da retirada de pedras em áreas com painéis de pinturas rupestres. Assim, após um recorte espacial com intuito de tornar viável a elaboração da pesquisa, foi definida a seleção do sítio arqueológico Entre Morros, por ser aquele que apresenta maior potencial de destruição devido à exploração das pedreiras.

Além da importância das características mencionadas para a preservação do patrimônio arqueológico, um outro elemento de extrema significância considerado na abordagem da pesquisa é o tipo de formação rochosa na qual estão as representações rupestres, conhecida como *inselberg*, que compõem uma ampla paisagem de morros graníticos, de diferentes tipos e tamanhos e um cenário natural de beleza singular, além de inestimável valor ambiental e cultural (LIMA, 2009).

A geodiversidade da região pode ter tido um impacto significativo na seleção destas áreas para a realização da arte rupestre, na escolha do tipo de técnica a ser empregada, no tipo de painel a ser escolhido, nas formas de preparar os pigmentos e nas fontes de recursos para, por exemplo, produzi-los. Além disso, em algumas situações, utilizar elementos do suporte rochoso que fossem incorporados às representações, como o aproveitamento de feições dos abrigos na composição dos painéis de arte rupestre (MAIA, 2018).

Certamente, o conhecimento adquirido ao longo dos anos e, em particular, a participação em projetos de pesquisa como “Homem e Natureza”, aliados à experiência de quatro anos trabalhando como técnica de fiscalização na área de Arqueologia no atual Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (INEMA) e participando do programa Mapeamento do Itatim, contribuiu para a realização da atual pesquisa de mestrado.

INTRODUÇÃO

As grandes descobertas arqueológicas modernas ocorreram entre os séculos XVIII e XIX, principalmente na Europa e Oriente Médio. Porém, não ficaram restritas a essas regiões, como também ocorreram nas Américas, África e Ásia, como descreve o autor Brian Fagan, sobre a história dos “arqueólogos mais famosos, desde os observadores casuais de quatro séculos atrás às equipes de pesquisa coesas do século XXI” (FAGAN, 2019, p. 4). E foi nesse contexto cronológico e espacial da Arqueologia, que os primeiros pesquisadores saíram mundo afora em busca de estruturas e artefatos antigos que pudessem utilizar na reconstrução de sociedades pretéritas.

Com o aumento das escavações arqueológicas em diferentes partes do mundo, os pesquisadores foram se adequando às necessidades impostas em campo para a análise de suas descobertas, como, por exemplo, a necessidade da classificação dos artefatos, na tentativa de serem estabelecidas cronologias que explicassem a existência do ser humano na Terra. Tal sistematização das informações foi realizada através do sistema das três idades, iniciado por Christian Jürgensen Thomsen, que pode ser considerado como o primeiro exemplo de ordenamento para a classificação cronológica dos artefatos arqueológicos armazenados nos museus do século XIX. Neste mesmo século, no intuito de elaborar quadros cronológicos que pudessem auxiliar nos registros dos acontecimentos conforme estes ocorreram no tempo, deu-se início a concepção da datação relativa (TRIGGER, 2004).

Durante o século XIX e as primeiras décadas do século XX ocorreram profundas indagações e discussões teóricas e metodológicas sobre os procedimentos de escavação e, sobretudo, sobre a forma de analisar os vestígios arqueológicos que estavam sendo pesquisados. Contudo, apesar das soluções e orientações elaboradas pelos pesquisadores, naquele momento o foco do olhar do arqueólogo estava direcionado para o objeto em si e sua relação com os outros materiais encontrados num mesmo contexto espacial.

No início do século XX o antropólogo Julian Steward (1902-1972), com certo conhecimento em Arqueologia, realizou um estudo antropológico com os povos Shoshone, mapeando como os padrões de assentamento mudavam conforme as

estações do ano e com essa observação, pode perceber as variações nos padrões de assentamento em diferentes paisagens. Essas variações eram cruciais para entender as sociedades antigas. A perspectiva de Shoshone ficou conhecida como ecologia cultural, ou seja, o estudo da relação entre pessoas e seus ambientes (SANTOS, 2020).

A inclusão da paisagem, que a Arqueologia identificou culturalmente como objeto de análise, assenta na crença de que, por ser um elemento da cultura material analisável como artefato, está inscrita no seu campo de estudo. A visão da paisagem como artefato preocupa-se principalmente com a incerteza da sua natureza particular, isto é, com as suas características passivas, como produto de relações sociais e ativas como portadoras de relações sociais (MENESES, 1983).

A Arqueologia como ciência social baseada no comportamento humano reconheceu a importância de criar conceitos sob os quais os indivíduos pudessem ou não ser inseridos. A ascensão da Arqueologia da paisagem surgiu como resposta a questões sobre o lugar da existência humana. No entanto, ainda hoje não existe consenso sobre os termos que englobam estes conceitos. Desta forma, os profissionais do campo da Arqueologia têm sentido a necessidade de fragmentar e superar suas barreiras intelectuais para melhor compreender seus objetos de estudo. Estas divisões interdisciplinares refletem a forma como os próprios cientistas veem os seus campos (MARQUES DA SILVA, 2014).

Os diferentes propósitos da utilização dos conceitos da Arqueologia da paisagem podem ser muito bem observados no universo das representações rupestres. Nos últimos anos, por exemplo, o estudo desses testemunhos humanos avançou de uma perspectiva puramente morfológica e estética para incluir o contexto cultural e histórico dos espaços em que foram criados, bem como os processos de apropriação que os lugares sofreram e ainda sofrem na atualidade. Os esforços dos arqueólogos para desenvolver novos métodos de estudo e análise do registro arqueológico desempenharam um papel significativo nesta mudança.

Durante o período da descoberta das pinturas rupestres nas cavernas europeias (séculos XIX e XX), o objetivo foi tornar visível essa “arte” de forma contemplativa e simbólica, enfatizando a estética, caracterizada por grupos com uma tendência para querer expressar nas extensas paredes de rochas. A partir das análises feitas por Gilbert Simondon em *“El Modo de Existencia de Los Objetos*

Técnicos” (2007), o arqueólogo Carlos Xavier aborda a interação entre a técnica e a estética com a seguinte discussão:

Considerando que o objeto técnico, tanto móvel como fixo (no caso dos grafismos discutidos aqui) pode possuir uma epifania estética na medida que prolonga e se insere no mundo, onde sua beleza vai se dar pela inter-relação que estabelece com o mundo humano que prolonga, de determinada maneira, em determinado tempo e lugar. Com isso pode-se ver que tanto o objeto estético como o técnico estabelecem questões de analogias com as ações dos humanos que os produziram (AZEVEDO NETTO, 2022, p. 321).

Esta impressão estética surge da separação entre as “figuras esquemáticas” do “mundo real” do “mundo mágico”, e é finalmente reconectada através de uma nova ligação determinada pela técnica em colaboração com “diagramas técnicos e forças naturais”. Neste ajuste, a impressão estética é novamente tangível, introduzida e conectada ao mundo através de elementos fundamentais mais importantes que vão além das técnicas.

As técnicas, depois de terem mobilizado e separado do mundo as figuras esquemáticas do mundo mágico, voltam ao mundo para aliar-se a ele pela coincidência da fundação e da rocha, do cabo e do vale, do pilão e da colina; instaura-se uma nova reticulação, escolhida pela técnica, que privilegia certas partes do mundo, numa aliança sinérgica de esquemas técnicos e poderes naturais. Aqui surge a impressão estética, neste acordo e superação da técnica 'que se torna novamente concreta, inserida, ligada ao mundo pelos pontos-chave mais marcantes (SIMONDON, 2007, tradução nossa).

Um fator que contribuiu para a mudança no estudo da ‘arte’ rupestre é o reconhecimento de que elas representam não apenas a expressão artística, mas também fornecem percepções únicas sobre as crenças, valores e práticas das culturas antigas. Certas pinturas rupestres retratam cenas de caça, gerando especulações sobre a importância dessa atividade e o papel dos caçadores em grupos pretéritos. Estes “artistas” da antiguidade não pretendiam alcançar fama ou influenciar as gerações futuras através das suas obras. Fizeram-no por razões pessoais – podiam ser de uso sagrado, ritualístico ou mesmo privado como meio de comunicação entre pessoas pertencentes a diferentes grupos e entre si.

A 'arte rupestre' é uma indicação da inventividade, originalidade e diversidade cultural dos seus criadores. Por isso, não devemos conformar-nos com

os padrões estéticos modernos para estas obras de arte antigas e, em vez disso, dar-lhes um significado que corresponda às nossas próprias tradições culturais e sociais. Embora as interpretações variem, é geralmente aceito que as pinturas rupestres serviam a uma variedade de propósitos, desde a expressão religiosa ou cultural até o registro de eventos históricos ou atividades cotidianas.

A Arqueologia foi se tornando cada vez mais sistemática, detalhista e abrangente. Deixa de ser apenas a observação de objetos e se amplia, inserindo a paisagem e o meio em que os seres humanos realizaram as tarefas cotidianas. É esse pressuposto de investigação do cenário paisagístico integrado ao espaço cultural, que é utilizado nesta pesquisa, o qual considera que os meios naturais possibilitam os suportes físicos manuseados por diferentes sociedades humanas para manifestações de representações mentais, elaboradas, partilhadas e compartilhadas em contextos socioculturais e ambientais (VIALOU; VIALOU, 2015).

Com base nessa premissa, esta pesquisa se dedica à análise da relação entre os aspectos culturais dos grupos humanos que ocuparam o sítio Entre Morros e o contexto ambiental do local, conforme as representações rupestres e sua integração à paisagem. Através dessa investigação, busca-se compreender a conexão entre o elemento natural (a rocha granítica) e as representações rupestres do sítio, considerando a escolha e o aproveitamento de áreas específicas para a realização das pinturas.

A análise conjunta das representações rupestres e da paisagem do local busca evidenciar a relação entre os setores pintados no sítio e as formas de utilização e percepção do ambiente ao longo do tempo. Alguns elementos naturais (cursos d'água, vegetação etc.) podem ser identificados nos painéis rupestres. A distribuição desses elementos no suporte granítico pode revelar padrões de uso e ocupação do espaço rochoso.

As representações rupestres do sítio Entre Morros, quando analisadas em conjunto com a paisagem local, revelam uma relação complexa e dinâmica entre os setores pintados e as formas de utilização e percepção do ambiente ao longo do tempo. Essa relação se manifesta através de:

- Padrões de escolha e ocupação de áreas específicas para a execução das

representações, considerando a topografia, a luminosidade e outros aspectos do entorno;

- Representação de elementos naturais (cursos d'água, fauna, flora etc.) nos painéis rupestres, revelando a importância simbólica e prática desses elementos para os grupos humanos que ocuparam o sítio;
- Integração das representações rupestres à paisagem circundante, configurando um espaço ritualístico, simbólico e culturalmente significativo.

O estudo da relação entre os grupos humanos que ocuparam o atual sítio arqueológico e o contexto ambiental do entorno exige um exame aprofundado das pinturas rupestres e sua integração à paisagem. A variedade de estilos e temas presentes nas representações, como figuras geométricas, antropomorfas e zoomorfas, pode ser um indicador de diferentes grupos humanos que ocuparam o local ao longo do tempo, cada um com suas características culturais e sociais. Essa diversidade também pode indicar diferentes períodos históricos ou atividades que eram desenvolvidas no sítio.

A análise espacial das pinturas, por sua vez, pode revelar padrões de distribuição que podem indicar relações entre os diferentes elementos representados. Por exemplo, a concentração de pinturas em áreas específicas pode indicar áreas de maior importância ritualística ou simbólica.

Para uma compreensão mais abrangente da relação entre os grupos humanos e o ambiente, é fundamental integrar diferentes métodos de pesquisa de diversas áreas do conhecimento. A arqueologia pode fornecer informações sobre a cultura material dos grupos humanos, enquanto a etnografia pode fornecer perspectivas sobre suas crenças e práticas. A história pode ajudar a contextualizar as representações rupestres em um período histórico específico, enquanto a geografia pode fornecer informações sobre o ambiente físico do sítio.

A interdisciplinaridade permite uma análise mais completa e profunda da relação entre os grupos humanos e o contexto ambiental do sítio Arqueológico, contribuindo para a compreensão da cosmovisão, organização social e práticas culturais desses grupos. Essa análise também amplia o conhecimento sobre a relação entre homem e natureza no contexto das sociedades pré-coloniais do Brasil.

A perspectiva analítica desta pesquisa busca compreender as relações entre os grupos humanos que ocuparam o Sítio Entre Morros e o contexto ambiental local. Para tanto, realiza um levantamento abrangente das representações rupestres presentes nas superfícies graníticas e sua integração com a paisagem.

Nesse contexto, a Arqueologia da Paisagem se configura como um referencial teórico adequado para a observação, estudo e investigação de sítios arqueológicos com representações rupestres. Através dessa abordagem, é possível aprofundar o conhecimento sobre as relações entre os grupos humanos e o meio ambiente no passado, o que é essencial para a gestão sustentável dos recursos naturais e do patrimônio arqueológico no presente.

A dissertação fundamenta-se na abordagem teórica da Arqueologia da Paisagem, utilizando como base um levantamento de dados secundários sobre os diversos conceitos do termo "Paisagem". A pesquisa busca identificar as origens epistemológicas do termo no contexto acadêmico, desde o século XIX até os dias atuais, percorrendo diferentes períodos históricos. Como referência, foram utilizados estudos de geógrafos, especialistas no tema.

Em seguida, a pesquisa redefine o olhar sobre a paisagem, trazendo o contexto teórico para o campo da Arqueologia. O objetivo central é analisar a relação entre o ambiente natural e os vestígios arqueológicos identificados em uma área específica. Através dessa análise, serão identificados os paradigmas atuais da Arqueologia da Paisagem, que servirão como norteador teórico principal para a pesquisa.

Considerando o processo conceitual e prático da pesquisa, a dissertação foi dividida em três partes. O primeiro capítulo aborda os aportes teóricos e metodológicos, destacando a relevância dessas contribuições para a compreensão do mundo e do seu funcionamento. No caso da Arqueologia da Paisagem, as contribuições teóricas se concentram em ampliar a compreensão da relação entre homem e natureza. Para tanto, o primeiro capítulo inicia com a apresentação das definições de Arqueologia, paisagem e Arqueologia da Paisagem. Em seguida, explica como a pesquisa pretende desenvolver e aplicar os aportes teóricos e metodológicos selecionados.

O segundo capítulo se dedica à análise dos aspectos históricos e culturais do município de Itatim, incluindo os diferentes processos de ocupação humana da região. Também serão abordadas as transformações sociais e econômicas ocorridas no território ao longo do tempo e a relação da comunidade atual com as representações rupestres.

Em seguida, o capítulo apresenta as características do contexto ambiental do Sítio Entre Morros, com ênfase no cenário paisagístico dos *inselbergs* (morros graníticos) e nas suas relações com as diferentes conjunturas socioculturais que marcaram a história da região.

O terceiro capítulo apresentará os métodos e técnicas utilizados no desenvolvimento da pesquisa. Serão descritas as análises realizadas no suporte rochoso das pinturas rupestres, como análise petrográfica e análise microscópica, para identificar sua composição e características.

Em seguida, serão detalhadas as técnicas de registro das representações rupestres, como o uso do software *DStretch* e outros recursos digitais para capturar imagens de alta resolução e realizar análises detalhadas das pinturas.

Também serão apresentados os métodos utilizados para a coleta de dados espaciais, como a obtenção das coordenadas geográficas, a altimetria e a posição geográfica da abertura do sítio. Por fim, serão descritos os procedimentos utilizados para o preenchimento das fichas técnicas das pinturas rupestres e para a atualização dos registros cadastrais do sítio arqueológico.

As considerações finais, após os três capítulos, retomarão de forma sintética algumas das discussões e conceitos abordados na pesquisa. O objetivo será destacar o desenvolvimento do trabalho, analisando e apontando para a literatura utilizada, de forma coerente com as observações e práticas de campo.

Será destacada a importância da associação entre as conceituações teóricas e a percepção do contexto ambiental para a elaboração das representações rupestres nos *inselbergs* de Entre Morros.

CAPÍTULO 1. ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM E REPRESENTAÇÕES RUPESTRES: APORTES TEÓRICOS À INVESTIGAÇÃO

As abordagens teóricas e metodológicas são fundamentais para qualquer pesquisa científica, independentemente do objeto de estudo. Na Arqueologia, ciência que norteia esta dissertação, o pesquisador investiga os mais diversos vestígios materiais para compreender o contexto das atividades humanas em um determinado tempo e espaço. Em uma perspectiva mais ampla, como será abordado neste trabalho, a Arqueologia também investiga as relações estabelecidas entre grupos humanos e o meio ambiente, conforme exprimem Copé e Rosa:

Ao compreender a Arqueologia enquanto uma prática interpretativa, que constrói socialmente e de forma ativa o passado no presente (e não meramente como um reflexo passivo das coisas que ocorreram em tempo remoto), esta disciplina deixa de tratar apenas de eventos ou de cultura material. Passa a ser compreendida enquanto um evento e uma produção material, pois elabora todo o conhecimento sobre o modo de viver de sociedades antigas (COPE; ROSA, 2008, p. 2).

A Arqueologia é uma ciência que tem na interpretação arqueológica um caminho de construção social de diferentes períodos. Os arqueólogos não são apenas observadores passivos dos dados arqueológicos, mas também participantes ativos na sua construção. Suas interpretações são influenciadas por seus próprios valores, crenças e perspectivas, que são adaptados pela sociedade e cultura (COPE; ROSA, 2008).

A forma como os vestígios arqueológicos são coletados e estudados também é uma decisão interpretativa. Os arqueólogos podem usar diferentes técnicas e métodos para coletar e analisar os restos materiais, o que pode levar a leituras diferentes. Essas escolhas refletem as teorias arqueológicas que o pesquisador adota, bem como suas próprias perspectivas sobre o que investiga. A interpretação dos testemunhos humanos é uma atividade complexa que envolve a consideração de uma variedade de fatores, incluindo a cultura material, o contexto arqueológico, as teorias arqueológicas e as perspectivas do pesquisador.

A Arqueologia busca compreender as diferentes culturas através do registro arqueológico, tais como artefatos, estruturas construtivas, restos de alimentação e o contexto ambiental onde esses materiais estão inseridos. O arqueólogo vai a campo, identifica o sítio arqueológico, escava, analisa o material em laboratório e interpreta os dados em gabinete ou escritório. Essas etapas são fundamentadas em métodos científicos que consideram os seres humanos como agentes ativos e dinâmicos, capazes de produzir instrumentos e artefatos para construir e alterar relações sociais complexas, que vão além da simples atividade de subsistência. Estas técnicas funcionam no estabelecimento e organização das práticas sociais, gerando vinculações entre os indivíduos (COPÉ; ROSA, 2008). Em outras palavras, os arqueólogos reconhecem que os seres humanos são agentes ativos na construção da própria história e, nesse aspecto, os vestígios materiais deixam de ser objetos utilitários cotidianos e passam a ser observados como documentos, capazes de revelar identidades, simbolizar também status e poder.

Como forma de perceber as informações procedentes dos estudos arqueológicos, as teorias são desenvolvidas com o sentido de orientar o olhar do pesquisador para a compreensão do que estamos vendo no contexto de um espaço cultural. Ao entender as maneiras pelas quais se processam os dados arqueológicos, começamos a dar sentido aos dados arqueológicos e a construir as diferentes temporalidades históricas. Há maneiras diversas de desenvolver teorias, uma delas é procurar padrões nos dados e tentar explicá-los. Outra maneira é criar um modelo que possa ser testado em estudos de casos específicos.

A Arqueologia é uma ciência interdisciplinar, que dialoga com os métodos e teorias de várias disciplinas, a exemplo da História, Antropologia, Geologia, Biologia, Física e Química, o que é essencial para a compreensão das culturas humanas. Diferentes campos de conhecimento podem oferecer perspectivas diversas sobre os vestígios arqueológicos, permitindo construir uma visão mais abrangente dos diferentes grupos socioculturais. A Arqueologia é uma ciência que busca perceber a complexidade dos grupos humanos, incluindo o contexto social, cultural e ambiental em que os vestígios materiais foram produzidos (ARAUJO, 2018).

Para explicar sobre as múltiplas hipóteses e a interdisciplinaridade, o arqueólogo Astolfo Gomes de Mello Araújo (2018) argumenta que a Arqueologia é

uma ciência que se caracteriza pela pluralidade de hipóteses. Isso ocorre porque a Arqueologia trabalha com evidências incompletas e fragmentadas, o que abre espaço para interpretações diferentes. A interdisciplinaridade é essencial para a Arqueologia porque permite que os arqueólogos considerem diferentes perspectivas e interpretações. Ao incorporar métodos e teorias de outras disciplinas, os arqueólogos podem desenvolver hipóteses mais abrangentes e realistas sobre o que estuda. Conforme nos demonstra o autor:

Em suma, se há vários motivos para supor-se que a Arqueologia deva ser parte de alguma outra disciplina, nenhum deles passa pela ontologia, epistemologia ou pela simples prática científica, e sim por questões de política acadêmica ou pendor pessoal. A Arqueologia, com essa característica um tanto anárquica, onde diferentes disciplinas são empregadas e nenhuma delas consegue se impor sobre as outras, acaba por se constituir em um paradigma de ciência que consegue congrega várias ontologias em um só ramo do conhecimento. Paradoxalmente, a disciplina que está mais voltada para o passado é justamente a que melhor prenuncia como será a ciência no futuro (ARAUJO, 2018, p. 302).

Em sua análise, Araujo afirma que a Arqueologia é uma disciplina autônoma, que não deve ser subordinada a nenhuma outra e que essa autonomia decorre de sua própria natureza, que é interdisciplinar e plural. A interdisciplinaridade é fundamental para a Arqueologia, pois permite aos pesquisadores obterem uma compreensão mais abrangente do ser humano. No entanto, ela também pode ser uma fonte de conflito, pois diferentes disciplinas podem ter perspectivas diferentes sobre a humanidade (ARAUJO, 2017).

No entanto, apesar desse conflito, a Arqueologia é capaz de reunir diferentes interpretações em um só ramo do conhecimento. Por isso, pode ser considerada uma disciplina que está constantemente confrontando diferentes formas de interpretar as culturas. Por exemplo, os arqueólogos podem estar interessados em interpretar as diferentes realidades socioculturais como uma série de eventos históricos, ou como uma construção social, ou como uma manifestação de processos naturais. A capacidade da Arqueologia de lidar com essas diferentes interpretações é um sinal de seu crescimento e abrangência enquanto disciplina. A Arqueologia está se tornando uma ciência que é capaz de compreender as sociedades de forma mais complexa e aprofundada, se reinventando a cada dia,

incorporando novos métodos e novas perspectivas, fazendo com que seja um campo de conhecimento sempre dinâmico e inovador (ARAUJO, 2017).

Ainda segundo Araujo, “*Teoria é um conjunto coerente de proposições (conceitos) e de relações entre proposições usado como base para a explanação de uma classe geral de fenômenos*”¹ (ARAUJO, 2017). O pesquisador define teoria como um conjunto de ideias que se relacionam entre si e que são usadas para explicar um fenômeno. Essas ideias, chamadas de proposições, podem ser conceitos, leis ou hipóteses, a frase “*classe geral de fenômenos*” significa que a construção teórica deve ser aplicável a um conjunto amplo de fenômenos, e não apenas a um caso específico. Portanto, as conjecturas são importantes para a ciência porque permitem que os pesquisadores entendam o mundo ao seu redor, pois fornecem um quadro conceitual para organizar os dados e previsões sobre o comportamento do mundo natural (ARAUJO, 2017).

A teoria arqueológica é fundamental para a construção de hipóteses sobre as culturas. Essas hipóteses orientam as pesquisas arqueológicas, que podem levar à descoberta de novas evidências. A interdisciplinaridade da Arqueologia permite a incorporação de teorias de diferentes áreas do conhecimento, o que possibilita aos arqueólogos desenvolver interpretações mais abrangentes sobre a complexidade dos vestígios humanos.

Ao falar sobre os “Sistemas de Teóricos”, Karl Raimund Popper², diz: “As teorias científicas estão em perpétua mutação”. Popper argumenta que as teorias científicas estão em constante mudança porque as ciências são empíricas. Ou seja, elas se baseiam em evidências observacionais, que podem ser refutadas por novas evidências. Por isso, as teorias científicas devem ser formuladas de maneira clara e abrangente, para que seja possível identificar facilmente quaisquer novos pressupostos que sejam necessários para explicar novas evidências (POPPER, 1993).

¹ Definição de Araujo considerando: “Teoria como um conjunto de conceitos, não necessariamente articulados”.

² Karl Raimund Popper foi um filósofo das ciências e professor austro-britânico, nascido em Viena, 28 de julho de 1902 e falecido em Londres, 17 de setembro de 1994. Disponível em: <http://www.univie.ac.at/science-archives/popper/>.

Basicamente, como parte de um universo científico interdisciplinar e em constante mudança, as teorias arqueológicas seguem em curso e a cada novo desafio contextual ou mudança de paradigma, os pesquisadores continuarão seus trabalhos de revisão e atualização dos mais variados preceitos teóricos. E, nesse decurso de inserção ou modificação dos conceitos aplicados na Arqueologia, os procedimentos metodológicos vão acompanhando todo o processo e sua aplicabilidade depende dessa relação conceitual.

Nesse sentido, a metodologia é um instrumento indispensável para a pesquisa científica, pois articula os aspectos teóricos e práticos da análise. Ela proporciona um arcabouço para a coleta, análise e interpretação de dados, o que capacita os especialistas a categorizar pesquisas, selecionar abordagens adequadas, buscar soluções para problemas, testar hipóteses e atingir objetivos (RIBEIRO, *at al.*, 2013). A definição dos métodos de pesquisa é uma etapa imprescindível para a realização de qualquer trabalho científico. Os métodos adequados devem ser selecionados de acordo com os objetivos da pesquisa, para que os resultados sejam confiáveis e relevantes (POPPER, 1993). Com demonstram Edna Silva e Estera Menezes:

(...) hoje, mais do que nunca, se percebe que a ciência não é fruto de um roteiro de criação totalmente previsível. Portanto, não há apenas uma maneira de raciocínio capaz de dar conta do complexo mundo das investigações científicas. O ideal seria você empregar métodos, e não um método em particular, que ampliem as possibilidades de análise e obtenção de respostas para o problema proposto na pesquisa (SILVA; MENEZES, 2001, p. 28).

Conforme argumentam Edna e Estera, a ciência é um processo complexo e dinâmico, que não pode ser reduzido a um método único. Elas afirmam que, como consequência dessa complexidade, não existe uma única maneira de raciocínio capaz de dar conta de todas as investigações científicas. Para obter resultados mais satisfatórios, é importante empregar uma variedade de métodos de pesquisa, pois cada método tem suas próprias limitações e potencialidades. A escolha do método mais adequado depende do problema específico que está sendo investigado (SILVA; MENEZES, 2001).

Como já foi mostrado, a Arqueologia é uma disciplina em constante progresso, impulsionada por novos desenvolvimentos e avanços metodológicos.

Esses avanços permitiram aos arqueólogos explorar novos campos de pesquisa, criar métodos inéditos e desenvolver seus próprios modelos conceituais e investigativos (POLITIS, 2003).

Nesse sentido, essa dissertação abordará os aspectos conceituais e metodológicos da pesquisa em sítios arqueológicos com representações rupestres, mostrando sua aplicabilidade no sítio Entre Morros, localizado no município de Itatim, Bahia, conforme será apresentado nos capítulos posteriores. No entanto, antes de prosseguir com a análise, é necessário esclarecer o significado do termo "*representação rupestre*". Essa definição é baseada nas conceituações do termo no campo da Filosofia e na História.

A representação para a Filosofia³, sobre o aspecto da subjetividade, é entendida como a maneira de perceber o mundo e de que forma esta percepção está relacionada à realidade. Sendo assim, é a forma pela qual o sujeito dá sentido ao mundo. Objetivamente, a representação é entendida como a realidade é manifestada em nossas mentes (LUCAS, 2012). É possível compreender a representação como uma relação entre um modelo existente e o que ele pretende representar. De certa forma, na perspectiva da objetividade, o conceito de representação está normalmente relacionado às artes, especificamente à pintura, à escultura ou ao cinema, e está ligado à capacidade do artista de expressar seu mundo interno ou o que eles veem no mundo externo e na capacidade do objeto de comunicar certos aspectos da realidade. Para ser capaz de representar um objeto (uma figura, uma paisagem e/ou uma concepção), é necessário que o objeto tenha a capacidade de significar (LUCAS, 2012). Portanto, o objeto deve ser capaz de representar algo. Esta capacidade de representar outra coisa é o que é conhecido como a função representativa. Assim, segundo Marco Lucas:

Se considerarmos a mente humana com um sistema formal que manipula símbolos os quais podem representar nossos raciocínios (desde que o sistema seja bem programado para fazer isto), a cognição humana poderia ser considerada como um sistema de tratamento simbólico de informações, onde os símbolos "substituem" certas operações da mente visto que eles são capazes de representar tais operações de modo adequado (LUCAS, 2012, p. 14).

³ "Em filosofia o conceito de representação possui várias acepções distintas dependendo da corrente filosófica abordada. De uma maneira geral, esta noção aparece caracterizada segundo dois aspectos: do ponto de vista de subjetividade ou da objetividade" (LUCAS, 2012).

Ainda segundo o autor, os símbolos usados por povos pretéritos não apenas representam as operações da mente, mas também capturam o processo de realização dessas operações. Em outras palavras, os símbolos são usados para representar os processos mentais envolvidos na execução de uma tarefa. A representação dos processos mentais na forma de símbolos pode ser vista como uma maneira de formalizar e capturar a complexidade da cognição humana. No contexto da Arqueologia, essa representação simbólica pode ser usada para analisar os processos da cognição humana em culturas antigas e suas mudanças ao longo do tempo.

Por sua vez, no campo da História⁴ se entende que os grupos sociais criam representações para compreender e agir sobre o mundo. Essas representações são formas de dar sentido à realidade e estão ligadas às vontades e interesses dos grupos. Assim, o mundo social é formado por uma complexa rede de representações e vontades, e cada grupo social busca se afirmar e ser reconhecido como único (COELHO, 2014).

A representação para Bourdieu e para Chartier⁵, não é apenas uma forma de informar sobre as coisas, mas também de construí-las e reconstruí-las. É uma forma de poder que manipula o que é visto e experimentado. Na Arqueologia assume um papel ainda mais crítico, já que as evidências arqueológicas podem muitas vezes ser usadas para apoiar ou refutar diferentes interpretações das sociedades. A representação é um conceito chave nas ciências sociais, sendo por vezes definida como o processo pelo qual os grupos criam significados que visam agir sobre experiências históricas. A representação é, portanto, a vontade de existir socialmente e ser percebido como diferente (COELHO, 2014).

⁴ Para a História “[...] o conceito representação é discutido, sobretudo, em torno das perspectivas de Roger Chartier e Pierre Bourdieu, que possuem visões semelhantes quanto ao conceito, [...] retomando as ideias dos sociólogos Marcel Mauss e Emile Durkheim [...]” (COELHO, 2014).

⁵ “Este retorno a Marcel Mauss e Emile Durkheim e à noção de “representação coletiva” autoriza a articular, [...], três modalidades de relação com o mundo social: de início, o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exhibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais “representantes” (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe” (CHARTIEU, 1991).

As perspectivas filosófica e histórica se alinham na compreensão de que a representação é um processo complexo que envolve a construção de significados. No entanto, elas divergem na forma como a definem e no papel que desempenha. A concepção filosófica entende a representação como uma construção subjetiva, ou seja, a maneira como o indivíduo percebe o mundo a partir de suas experiências e crenças. Esse pensamento é mais abrangente, pois pode ser aplicado a outros tipos de representação, como a política e a científica.

De acordo com o pensamento filosófico, as pinturas e gravuras rupestres podem ser entendidas como formas de expressões subjetivas que revelam as visões de mundo e as relações dos povos com o ambiente em que viviam. A figura de um animal, por exemplo, pode significar a importância da caça para uma determinada sociedade, ou representar uma imagem mítica que desempenhava um papel relevante na vida do grupo.

Na abordagem histórica, a representação rupestre é entendida como um modo de expressão social que reflete os valores e crenças de um grupo específico. Facilitando a compreensão, a imagem de uma cena de caça pode representar a necessidade dessa atividade para uma sociedade de caçadores-coletores. A perspectiva histórica considera a representação como uma construção social, ou seja, como uma forma de comunicação que permite aos indivíduos compartilhar significados e experiências. Essa concepção é mais específica, pois enfatiza o aspecto social e cultural da representação.

Na Arqueologia, a noção das pinturas e gravuras rupestres como representação também foi abordada. Carlos Costa afirma que a idealização, o planejamento e a execução da representação rupestre são processos complexos que envolvem elaborados esquemas mentais e redes de relações socioculturais:

Ao falar de representações rupestres, estamos nos referindo especificamente aos desenhos, grafismos ou figuras aplicadas pela técnica aditiva (pigmentos) ou subtrativa (gravuras) sobre suportes rochosos fixos encontrados em diferentes paisagens. Trata-se de um segmento da cultura material reconhecido como pinturas e/ou gravuras rupestres, deixadas por populações que existiram em períodos pré-coloniais [...] (COSTA, 2012, p. 5).

Ainda no âmbito dessa discussão, evocando as discussões de Denis Vialou – talvez, o autor que melhor aborde as pinturas e gravuras rupestres como representação – Carlos Costa e Antônio Wilson Souza irão considerar que:

A idealização, o planejamento e a execução da arte rupestre são conduzidos por meio de elaborados esquemas mentais, associados a redes de relações socioculturais. Acerca desta concepção, utilizando a designação “representação rupestre”, Denis Vialou diria que esta categoria da cultura material corresponde à “manifestação gráfica de representações mentais” (COSTA; SOUZA, 2022, p. 2).

Denis Vialou e Agueda Vilhena Vialou (2015) afirmam que as representações nascem no cérebro e são essencialmente sociais, pois investem significado visual e oral nas relações entre os indivíduos. As representações rupestres, por sua vez, são encontradas nos locais onde foram produzidas pelos grupos humanos, caracterizando assim o espaço por eles ocupado. Isso torna “*relevante estudar as relações criadas entre os comportamentos simbólicos*”, manifestados por meio das “*atividades gráficas, e os territórios*” (VIALOU; VIALOU, 2015)

Partindo dos conceitos abordados pelos pesquisadores mencionados, considero que as representações rupestres só podem ser compreendidas em relação às paisagens em que se encontram. As representações rupestres não são objetos isolados, mas fazem parte de um sistema maior que inclui as pessoas que as criaram, os materiais que elas utilizaram e o ambiente em que foram feitas. Ao tentar entender esse sistema, podemos estudar as representações do passado e como elas ainda influem nossa compreensão do mundo de hoje.

Nesse ponto de vista, a paisagem associada às pinturas e gravuras rupestres se torna parte indissociável da história, enquanto os sítios arqueológicos são testemunhas de um momento cultural muito mais amplo e complexo do que as representações rupestres isoladamente. É por isso que uma perspectiva arqueológica analítica é tão importante para entender as representações rupestres, levando em consideração o entorno do local, incluindo a investigação paisagística da região. O estudo da paisagem é essencial para compreender as representações rupestres em seu contexto histórico e cultural.

Tabela 1. Diferenças entre os conceitos de Representação na Filosofia, História e Arqueologia.

ÁREA	CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO	ÊNFASE	FOCO	EXEMPLOS
FILOSOFIA	Construção subjetiva da realidade	Individualidade	Relação com a realidade	Representação de um objeto
HISTÓRIA	Modo de expressão social	Coletividade	Relação com o poder e a ideologia	Representação de heróis nacionais
ARQUEOLOGIA	Manifestação gráfica de pensamentos e ideias	Materialidade	Relação com o contexto social e cultural	Representação de animais

Elaboração: Mirta Barbosa, 2023.

1.1. Definições e conceitos sobre Paisagem

Acompanhando uma noção simplória e talvez mais afeita a visão do senso comum, o dicionário Michaelis apresenta a paisagem com a “*extensão de território e de seus elementos que se alcança num lance de olhar; panorama, vista*”. Em outras palavras, é o espaço visual que está ao nosso redor e que conseguimos enxergar dentro de um determinado contexto territorial. Essa noção é generalizante, pois não considera a dimensão cultural da paisagem.

Maria Cristina Kormikiari defende que a paisagem pode ser entendida de três maneiras: como ideia, como processo e como lugar. Como ideia, a paisagem é um conjunto de imaginações ou concepções que adequam a nossa experiência do mundo. É o resultado da maneira como vemos, sentimos e interpretamos o espaço ao nosso redor. Por exemplo, uma pessoa que cresceu em uma cidade pode ver a paisagem de um campo como um lugar calmo e relaxante, enquanto uma pessoa que cresceu no campo pode ver a cidade como um lugar selvagem e perigoso. Como processo, a paisagem é algo que nos acontece. É formada pelas ações humanas e naturais que ocorrem ao longo do tempo. Por exemplo, a construção de uma estrada pode alterar a paisagem de uma área rural, assim como

a erosão causada por chuvas fortes. Finalmente, como lugar, a paisagem é um ambiente que ocupamos e interagimos. É o espaço físico em que vivemos, trabalhamos e nos relacionamos com os outros. Por exemplo, uma pessoa pode sentir-se em casa em uma paisagem urbana, enquanto outra pode sentir-se mais confortável em uma paisagem rural (KORMIKIARI, 2000).

Em todos os casos apresentados, a paisagem é sempre um local de atividade humana, no qual nossas percepções e experiências do espaço são influenciadas pelas ideias e imaginações que trazemos para ela (KORMIKIARI, 2000).

Como forma de compreender novos horizontes conceituais para a paisagem e inseri-los no contexto cultural da Arqueologia, especialmente no ambiente das representações rupestres, que é foco dessa dissertação, faz-se necessário analisar a relação entre o conceito de paisagem e os aspectos culturais ao longo da história.

Nos séculos XVII e XVIII uma interpretação simplista afirmava que a humanidade sempre foi parte integrante da natureza e tinha uma relação harmoniosa com o mundo. Essa visão começou a mudar com a Revolução Industrial, quando o ser humano passou a se ver como separado e superior à natureza. Essa atitude, aliada ao desenvolvimento de novas tecnologias, permitiu que as pessoas dominassem e modificassem o ambiente⁶ de acordo com suas necessidades. Foi a partir desse momento, no final do século XIX, que a teoria da paisagem teve origem, tendo como principal representante o geógrafo e naturalista Alexander von Humboldt⁷ (RIBEIRO, 2019). Acerca dessa discussão, segundo Rafael Winter Ribeiro:

Se há uma grande controvérsia sobre forma como a ideia de paisagem foi construída ao longo do tempo, sua transformação em conceito científico é bem demarcada. Entre os responsáveis, sem dúvida foi Alexander von Humboldt (1769-1859) quem tem a primazia. Para Humboldt, no espírito da Naturphilosophie alemã, a paisagem é entendida como imagem da natureza. [...]. Em

⁶ No dicionário Michaelis significa: “Que envolve ou circunda os seres vivos ou coisas e constitui o meio em que se encontram. Conjunto de condições físicas, biológicas e químicas que rodeiam os seres vivos e as coisas”.

⁷ Alexander von Humboldt (1769-1859), geógrafo, naturalista e explorador alemão. Um dos primeiros a estudar a geografia física das Américas, ficou fascinado com a relação entre geografia e paisagem, e fez uma extensa pesquisa sobre o tema (MESQUITA, 2017).

Humboldt, ao mesmo tempo poética e artística, a observação da paisagem é também uma operação científica, reveladora dos processos da natureza e a pintura sua representação e registro (RIBEIRO, 2019, p. 8).

A ideia de paisagem foi construída ao longo do tempo de forma controversa, mas sua transformação em conceito científico é bem delimitada por Humboldt (1769-1859), que entendia que a paisagem é uma totalidade complexa que revela os processos da natureza. Para Humboldt, a observação da paisagem era uma operação científica, vista como obra de arte e objeto de estudo científico (RIBEIRO, 2019).

Ainda no século XIX, outros geógrafos também conceituaram a paisagem, influenciados pelas ideias do darwinismo, que eram amplamente difundidas no mundo acadêmico europeu. Um dos principais representantes dessa abordagem foi o francês Paul Vidal de la Blache⁸, que definia a paisagem como uma expressão da história das pessoas que a construíram (BRITO; VITTE, 2011).

Baseado nas ideias de Charles Darwin, La Blache argumentou que a paisagem era o resultado das interações entre os seres humanos e seu ambiente, e que, portanto, poderia ser usada para entender o passado. Para Vidal de la Blache, a paisagem não era apenas uma categoria estética, mas também uma categoria histórica. Era uma forma de entender as transformações das sociedades humanas e suas relações com a natureza. O conceito de paisagem permitiu uma abordagem mais abrangente e integrada para o estudo do ser humano e seu ambiente (BRITO; VITTE, 2011).

As ideias do darwinismo desempenharam um papel fundamental no pensamento de Vidal de la Blache, e ele as utilizou para desenvolver suas próprias teorias sobre a evolução da paisagem. Isto estava de acordo com suas ideias de determinismo ambiental, que sustentavam que o meio ambiente físico era a principal influência sobre as sociedades humanas e seu desenvolvimento. Isto levou à ideia da paisagem como uma série de elementos físicos que interagem entre si, o que, por sua vez, influenciaria a atividade humana. Vidal de la Blache

⁸ Paul Vidal de la Blache (1845-1918), historiador e geógrafo francês, é considerado uma das figuras mais importantes no desenvolvimento da geografia moderna. Enfatizou o estudo das paisagens e como os seres humanos interagem com seu ambiente (BRITO; VITTE, 2011).

acreditava que esta interação era regida pelas mesmas leis que Darwin argumentava – de que toda a vida estava sujeita às leis da evolução. Desta forma, foi capaz de fornecer uma justificativa científica para a importância da paisagem nos assuntos humanos, ou seja, que a paisagem era o produto de um longo processo evolutivo no qual os seres humanos tinham desempenhado um papel ativo (BRITO; VITTE, 2011).

Esta compreensão da paisagem como uma entidade dinâmica e evolutiva teve um profundo impacto na forma como os geógrafos abordaram o estudo das sociedades humanas e seus ambientes. O conceito de paisagem tem sido particularmente influente no campo da Geografia Humana, onde tem sido utilizado para ajudar a explicar uma ampla gama de fenômenos, desde a forma como as pessoas interagem com o ambiente até a forma como pensam e utilizam o espaço.

Durante as primeiras décadas do século XX, as discussões sobre o conceito de paisagem continuaram dentro da disciplina Geográfica, mas começaram a ter outras conotações, apresentando mais destaque a inserção dos princípios culturais relacionados ao ambiente. O maior expoente desse período e dessa nova concepção conceitual é o geógrafo americano Carl Ortwin Sauer⁹ que dizia ser a paisagem cultural o produto de uma longa série de interações entre o homem e seu ambiente, sendo assim um processo evolutivo (VIEIRA *et al.*, 2021). No âmbito da Geografia, as discussões sobre Paisagem Cultural produzidas por Sauer se afirmam na Escola de Berkeley, na Califórnia (EUA), no início do século XX, fundamentadas no artigo “*The Morphology of Landscape*” escrito em 1925 (COSTA; GASTAL, 2010, p. 2).

Para Sauer, pautado numa perspectiva carregada de um certo determinismo ambiental, a paisagem inanimada é uma conceituação geográfica simplista, pois culturas se desenvolvem a partir da interação entre o meio natural e o meio cultural. A Geografia, portanto, deve considerar a combinação desses dois elementos. O conteúdo da Geografia pode ser encontrado nas peculiaridades físicas da área e nos usos da cultura humana, principalmente porque estamos

⁹ Carl Ortwin Sauer (1889-1975), geógrafo americano que teve um profundo impacto no campo da Geografia. É considerado uma das figuras mais importantes da disciplina. Seu trabalho sobre padrões de paisagem e assentamento ajudaram a moldar o campo da história ambiental. Suas teorias e conceitos ainda hoje são relevantes e seu trabalho continua a ser estudado e debatido por estudiosos de todo o mundo (VIEIRA, *et al.*, 2021).

interessados em: "*culturas que se desenvolvem com vigor original a partir do berço de uma paisagem natural, a qual cada um está ligado por toda a sua existência*" (SAUER, 1925).

O trabalho de Sauer é significativo porque ele foi um dos primeiros a enfatizar a importância da paisagem cultural como objeto de estudo. Ele também foi um dos primeiros a sugerir que a paisagem é um produto da interação humana com o meio ambiente. Em seu entendimento, o ambiente físico é transformado pelas atividades humanas, criando uma paisagem cultural (VIEIRA; *et al.*, 2021). Esta abordagem ainda tem sido relevante no desenvolvimento dos estudos da paisagem.

Para esse geógrafo, as paisagens são adaptadas pelas forças sociais, políticas e econômicas da sociedade, e elas contêm sinais, símbolos, marcadores e fronteiras que podem indicar as noções do mundo; em outras palavras, são tanto produtos quanto símbolos da cultura de um povo. A conceituação de Sauer sobre a paisagem cultural tem sido altamente influente, não apenas dentro da Geografia, mas também em outras disciplinas, como Arqueologia, Antropologia e História. Sobre a importância de Sauer para a Geografia, Rafael Ribeiro irá demonstrar que:

Na bibliografia de Língua inglesa, [...], Carl Ortwin Sauer (1889-1975) foi um dos que mais popularizou a ideia de paisagem e de paisagem cultural como objeto da Geografia a partir da Geografia Cultural. O artigo publicado por ele em 1925, A morfologia da paisagem (SAUER, 1996), dois anos após se instalar como professor na Universidade da Califórnia em Berkeley, em caráter propositivo, procurava dar forma a um novo campo de análise que tomava como central os estudos de caráter genético da paisagem (RIBEIRO, 2019, p. 11).

Sauer, olha para a paisagem em termos de suas características físicas e sua capacidade de sustentar a existência humana. É por isso que o seu conceito de paisagem é frequentemente visto como mais ligado à Ecologia e à Geografia do que à Sociologia ou à Antropologia. Isto é evidente na forma como ele descreve a paisagem em termos de suas características espaciais e ambientais, bem como sua história evolutiva e as formas de atividade humana que a marcaram. Seu conceito de paisagem enfatiza a relação entre o ser humano e seu ambiente, sendo este último visto como um conjunto de elementos dinâmicos e interdependentes. Embora muitas vezes negligenciado, este conceito darwiniano de paisagem foi, no entanto, significativo para nortear a forma como entendemos e agimos com nosso

ambiente natural hoje (RIBEIRO, 2019).

Entre as décadas de 50 e 70 do século XX, ocorreram muitas críticas e um certo afastamento do conceito de paisagem. Havia, por um lado, uma forte desaprovação ao fato de que o estudo das formas mascarava a compreensão dos processos que nelas ocorriam, já que formas semelhantes podiam ser encontradas em diferentes paisagens. Por outro lado, havia também um questionamento da cientificidade do trabalho de Carl Ortwin Sauer, já que para ele a chave para entender as paisagens era focar no elemento humano e na forma como as pessoas interagem e adaptam o seu entorno (VIEIRA; *et al.*, 2021).

Esta abordagem, conhecida como neopositivismo¹⁰, era um afastamento radical da forma como a paisagem havia sido tradicionalmente estudada. Sob outra perspectiva, havia um novo interesse pelo conceito de paisagem como produto cultural e pela forma como ela era diversificada pela atividade humana. Isto levou ao desenvolvimento posterior de um novo campo de estudo, a Arqueologia da Paisagem.

A partir da década de 1980, houve uma mudança significativa na teoria e na prática do estudo sobre a paisagem. Essa contribuição teórica e metodológica deu um novo rumo aos estudos da paisagem, fazendo com que ela não fosse vista como uma categoria inativa ou neutra, mas, sim, como uma categoria repleta de significados, valores e crenças que devem ser apreendidas, identificadas e decodificadas (RIBEIRO, 2019). Trata-se de um campo de pesquisa aberto e em constante mudança que requer diálogo e confronto entre diferentes disciplinas e abordagens.

Nos últimos anos, a paisagem tem sido estudada de forma cada vez mais abrangente, incorporando contribuições de diversas áreas do conhecimento, como Geologia, Sociologia, História da Arte, Antropologia, Arqueologia, Biologia Humana,

¹⁰ O neopositivismo é um ramo da filosofia fundado na Alemanha no final do século XIX. Ele defende que os seres humanos criam seus próprios valores, normas e padrões, que utilizam para orientar seu comportamento. Em outras palavras, o neopositivismo rejeita a ideia de que existe uma realidade objetiva que podemos descobrir através de nossos sentidos. Em vez disso, alega que criamos nossa própria realidade através de nossas interações com o mundo. Essa perspectiva tem tido um impacto significativo no estudo da paisagem. Carl Ortwin Sauer é considerado um dos seus mais importantes proponentes. O trabalho de Sauer se baseia na concepção de que a superfície da Terra é o resultado de uma longa série de processos, naturais e humanos. Sauer argumenta que o estudo desses processos é essencial para a compreensão da paisagem (FURLANETTO, 2014).

Neurociência, Estudos Espaciais e Estudos Ambientais. Essa interdisciplinaridade reflete a complexidade da paisagem, que é resultado da interação entre os elementos naturais e humanos.

A Geografia tem uma longa tradição de estudos de paisagem. Diversos pesquisadores têm enfatizado a importância da relação entre o ser humano e o ambiente natural. Por exemplo, o geógrafo francês Augustin Berque propôs uma abordagem que considera a paisagem como um "produto da ação humana sobre o meio natural, mas também um meio que condiciona a ação humana" (RIBEIRO, 2019). Por exemplo, acerca do geógrafo francês Augustin Berque¹¹, Ribeiro considera que:

Na literatura de língua francesa, autores como Augustin Berque ganham relevância nos anos 1980 também fazendo da paisagem um conceito central. Para ele, a paisagem não é o próprio espaço ou a própria natureza, ela é, antes de mais nada, o mediador entre o homem e o meio, entre o sujeito e o objeto (...). É dessa forma, que talvez o principal elemento que une esse conjunto de autores contemporâneos com matrizes metodológicas tão distintas, seja a ideia de paisagem como socialmente construída e uma representação do mundo (RIBEIRO, 2019, p.15).

No Brasil, a partir da década de 1970, o geógrafo Milton Santos¹² desenvolveu uma série de reflexões conceituais sobre a paisagem. Sua visão da paisagem passou por algumas mudanças ao longo do tempo, mas sempre reconheceu a sua importância como fonte de inspiração e identidade para o ser humano. Santos também destacou o papel da paisagem na compreensão dos processos sociais e econômicos, além de propor uma nova relação com o meio ambiente, fundamentada no reconhecimento do valor cultural da natureza (SERPA, 2010).

No início de sua obra, Santos destaca a necessidade da preservação das paisagens naturais, que ele considera um patrimônio cultural fundamental do Brasil. No entanto, também defende uma abordagem mais ampla da conservação da

¹¹ Augustin Berque (1942). Geógrafo francês que tem a fenomenologia como premissa para seu estudo sobre a paisagem (MARANDOLA, 2004).

¹² Milton Santos (1926-2001), geógrafo, escritor, cientista, jornalista, advogado e professor brasileiro. É considerado um dos mais importantes geógrafos brasileiros do século XX, conhecido por seu trabalho sobre as relações entre a geografia e a sociedade. Sua obra é essencial para compreender a geografia e a paisagem do Brasil. Disponível em: <https://miltonsantos.com.br/site/biografia/>.

paisagem, que leve em consideração as condições sociais e econômicas que influenciam a relação das pessoas com seu ambiente (SERPA, 2010).

No início da carreira, Santos tinha uma visão bastante pessimista da paisagem, vendo-a como um produto da destruição humana. Ele acreditava que a paisagem natural estava sendo cada vez mais degradada pela ação humana, o que representava uma ameaça ao futuro do planeta. No entanto, com o passar do tempo, Santos passou a adotar uma visão mais otimista da paisagem. Ele reconheceu que a paisagem é também uma obra humana e que pode ser modificada de forma a ser mais sustentável e harmônica com o meio ambiente. Santos passou a defender um modo de vida ecológico e sustentável, acreditando que esse é o caminho para a preservação da paisagem e do planeta (SANTOS, 2006).

A visão de Milton Santos sobre a paisagem teve grande influência na forma como pensamos sobre o meio ambiente hoje. Ele foi um dos primeiros pensadores a questionar a relação entre os seres humanos e a paisagem, argumentando que o contexto paisagístico é uma construção social e histórica. Para Santos, a paisagem não é apenas um produto da natureza, mas também um produto das atividades humanas. Seu trabalho contribuiu para uma compreensão mais complexa e crítica da paisagem, o qual ajudou a promover uma nova relação entre os seres humanos e o meio ambiente (SERPA, 2010).

Para Milton Santos, a paisagem não é apenas um produto da natureza, mas também uma construção social. Essa distinção é fundamental, pois nos permite compreender a paisagem como algo dinâmico, mutável e em constante alteração pelas ações humanas. Em vez de entender a paisagem somente como um elemento visual e estético, Santos procura contemplar a dimensão espacial e suas múltiplas camadas. Seu trabalho é impulsionado pela convicção de que o espaço é o fator organizador da realidade e que constitui a origem e a chave para a compreensão da paisagem (RIBEIRO, 2019).

Uma abordagem crítica da produção do espaço, tanto material quanto simbólico, também é enfatizado por Milton Santos. Ele argumenta que é necessário compreender a dinâmica de produção e apropriação dos espaços para transformá-los em espaços de liberdade, justiça e solidariedade. A contribuição de Santos à paisagem brasileira é relevante para a compreensão da realidade, pois revela

lugares, sistemas e significados que de outra forma permaneceriam ocultos. De forma simples e objetiva, Santos compreendia a paisagem como:

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc. (SANTOS, 1988, p. 21).

Nessa discussão sobre a paisagem, Milton Santos estabeleceria os limites e diferenças dessa noção em relação ao conceito de espaço sem, no entanto, estagnar o debate, mostrando a relação dialética entre as duas definições. Para Santos a paisagem não é um ambiente rígido e fixo, mas sim um espaço social em constante evolução. Ele compreendeu a relação dinâmica entre sociedade, espaço e paisagem, acreditando que a interação entre os seres humanos e seu ambiente era dinâmica, na qual ambos podiam influenciar um ao outro.

Ainda sobre a associação dialética entre as noções de paisagem e espaço, complementa Milton Santos,

É a maneira com que se dá a produção, e o intercâmbio entre os homens que dá um aspecto à paisagem. O trabalho morto (acumulado) e a vida se dão juntos, mas de maneiras diferentes. O trabalho morto seria a paisagem. O espaço seria o conjunto do trabalho morto (formas geográficas) e do trabalho vivo (o contexto social) (SANTOS, 1988, p. 26).

Nesta perspectiva, a disposição espacial de um determinado lugar não é mais o resultado de forças naturais, mas o produto de decisões humanas. O reconhecimento do espaço como produto da ação humana leva à compreensão da natureza mutável de uma paisagem, pois ela está sendo constantemente remodelada pelas forças da produção, do intercâmbio e da comunicação. Santos explica essa relação:

[...]. Quando há uma mudança social, há também mudança dos lugares [...] O espaço é igual à paisagem mais a vida nela existente; é a sociedade encaixada na paisagem, a vida que palpita conjuntamente com a materialidade. A espacialidade seria um momento das relações sociais geografizadas, o momento da incidência da sociedade sobre um determinado arranjo espacial" (SANTOS, 1988, p. 26).

As diferentes correntes, principalmente as geográficas, contribuíram para a definição e o conceito de paisagem, proporcionando abordagens diferentes e às

vezes opostas. Essa complexidade aumentou à medida que a paisagem passou a ser entendida como o resultado da interação entre os elementos naturais e culturais. Assim, a paisagem não é apenas um espaço físico, mas também um produto cultural. É o resultado da percepção que as pessoas têm de seu ambiente, e está em constante mudança, pois é influenciada pela forma como a vemos e interagimos com ela.

Nesse sentido, o conceito de Paisagem Cultural¹³, utilizado na Arqueologia e, mais especificamente, nesta dissertação, é considerado uma ferramenta útil para compreender o contexto das representações rupestres e das pessoas que as criaram. A análise das representações rupestres à luz dos conceitos básicos de paisagem permite entender melhor a relação entre as pessoas e seu ambiente. Essa relação se reflete nas representações, que podem fornecer informações sobre as crenças, valores e práticas culturais das pessoas que as criaram.

Quadro 1. Evolução do conceito de Paisagem.

Autor	Período	Conceito de Paisagem	Enfoque
Humboldt (1769-1859)	Século XIX	Totalidade complexa que revela os processos da natureza.	Natureza
La Blache (1845-1918)	Final do século XIX e início do XX	Resultado das interações entre os seres humanos e seu ambiente; ferramenta para entender o passado.	Interação Humano-Natureza
Sauer (1889-1975)	Século XX	Paisagem cultural como objeto de estudo, produto da interação humana com o meio ambiente.	Paisagem Cultural
Milton Santos (1926-2001)	Século XX e início do XXI	Fonte de inspiração e identidade; espaço social em constante evolução, com papel importante na compreensão dos processos sociais, econômicos e na relação com o meio ambiente.	Espaço Social

Elaboração: Mirta Barbosa, 2023.

¹³ Do ponto de vista legal no Brasil, a de Paisagem Cultural foi definida através da Portaria IPHAN 127 de 30 de abril de 2009, que em seu art. 1º determina que "Paisagem Cultural Brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores" (COSTA; GASTAL, 2010, p. 2).

1.2. Os diferentes olhares da Arqueologia sobre a Paisagem

O conceito de paisagem tem sido objeto de diversas reflexões ao longo da história. Como já foi apresentado anteriormente, os geógrafos europeus do final do século XIX e meados do século XX foram pioneiros na definição como um produto da interação entre a natureza e as atividades humanas. Milton Santos, por exemplo, contribuiu para aprofundar essa compreensão, destacando a dimensão social da paisagem. Seus conceitos continuam sendo aplicados por pesquisadores de diversas áreas científicas, que trabalham com a interpretação da paisagem.

Nessa revisão teórica, apresentamos o olhar da Arqueologia sobre a paisagem. Este olhar caracteriza-se por um amplo conjunto de perspectivas científicas sobre o contexto paisagístico definido por diversos pesquisadores. A ideia é mostrar como a Arqueologia integra vários aspectos conceituais da paisagem e aplica na interpretação dos sítios arqueológicos. Na maioria das vezes, os pressupostos teóricos discutidos e implementados por diferentes geógrafos, servem de referência para a Arqueologia.

A paisagem na perspectiva da Arqueologia exige uma análise detalhada para compreender como as sociedades se ajustaram ao ambiente em que vivem, levando em consideração as necessidades relacionadas ao estilo de vida, bem como as questões sociais, simbólicas, religiosas, político-econômicas e de poder em uma região específica.

Segundo o arqueólogo Ricardo González Villaescusa (2006), a aplicação dos princípios da Ecologia Humana provocou uma mudança significativa na prática arqueológica. A partir dessa nova perspectiva, o foco deixou de ser apenas o sítio arqueológico em si, passando a ser a compreensão da relação entre as sociedades do passado e o meio ambiente.

Essa mudança se manifestou na forma como os sítios eram escavados e analisados. Os arqueólogos passaram a considerar variáveis ambientais como a distribuição dos assentamentos em relação a recursos hídricos, topografia e vegetação e, através dessa análise espacial, puderam identificar padrões e diretrizes que guiavam a relação de diferentes sociedades com o meio ambiente.

Essa abordagem deu origem à Arqueologia como Ecologia Humana e à Geoarqueologia, que incorporaram métodos e técnicas da Geologia,

Geomorfologia e da Nova Geografia (VILLAESCUSA 2006).

Neste âmbito, Villaescusa destaca o papel fundamental de Karl Butzer¹⁴ nesse processo, como sendo o primeiro pesquisador a mencionar a importância da paisagem na Arqueologia, tanto no sentido geológico (“geologischen Landschaft”) quanto no sentido cultural (VILLAESCUSA 2006).

Para isso, as considerações acerca da análise da paisagem ultrapassam as delimitações de um possível assentamento arqueológico e devem contemplar ambientes mais extensos, levando em consideração toda a área que foi modificada, tanto por causas naturais, como por atividades e intervenções humanas ou, até mesmo, por interações recíprocas, conforme defendido e apresentado por Felipe Criado Boado (1991).

Além disso, deve-se considerar o simbolismo associado ao ambiente, na medida em que o espaço, em algum momento, foi utilizado por populações humanas, gerando um vínculo sentimental com o local (FAGUNDES; PIUZANA, 2010).

Segundo Binford (1982), a organização regional de estruturas arqueológicas é importante para compreender a relação entre grupos humanos e o ambiente. Essa relação pode ser estudada através do registro arqueológico, que fornece informações sobre a oferta e aquisição de recursos, como o tipo de habitat, a fonte de extração e aquisição de matérias-primas, áreas de caça, pesca e coleta, além de espaços ritualísticos (FAGUNDES; PIUZANA, 2010).

A Arqueologia tradicional costumava considerar o ambiente natural como um lugar estático, onde a atividade das pessoas ocorria. No entanto, essa visão está sendo cada vez mais questionada por pesquisadores que defendem que o espaço não é apenas um lugar neutro, mas é ele próprio um objeto material que está sempre envolvido na ação humana.

Um dos principais defensores dessa perspectiva é o arqueólogo inglês Christopher Tilley, que argumenta que o lugar é um artefato cultural, no mesmo

¹⁴ Karl Wilhelm Butzer nasceu na Alemanha em 1934. [...] foi um importante estudioso e cientista cuja pesquisa se concentrou no nexo entre geografia, arqueologia e geologia. [...], o Dr. Butzer trabalhou no Departamento de Geografia e Meio Ambiente da UT-Austin de 1984 até seu falecimento em 2016. (Disponível em: <http://beachlabgroup.weebly.com/in-memoriam-dr-karl-w-butzer.html>)

sentido que um pote de cerâmica ou uma pedra lascada. Para Tilley, o lugar é produzido pela ação humana; através dele que os indivíduos expressam ideias, valores e identidades.

A visão de Tilley tem importantes implicações para a prática da Arqueologia. Ela sugere que os arqueólogos devem prestar atenção nos artefatos materiais e no espaço em que eles estão localizados. O espaço não é apenas um cenário para a ação humana, mas é ele próprio um produto da ação humana (TILLEY, 1994).

O estudo do espaço e da paisagem em Arqueologia tem uma longa história, que remonta aos primórdios da disciplina. Desde o início, os arqueólogos reconheceram que o espaço e a paisagem são importantes para compreender os diferentes grupos culturais. No entanto, foi no final dos anos 1960 e início dos anos 1970 que surgiu uma nova abordagem conhecida como Arqueologia Espacial. Essa abordagem surgiu em resposta à predominância do paradigma histórico-cultural na Arqueologia, que enfatizava a importância dos artefatos e das culturas. Os arqueólogos que abordavam perspectivas da Arqueologia Espacial argumentavam que o espaço e a paisagem são tão importantes quanto os artefatos e as culturas para compreender os grupos humanos. Eles usaram o espaço e a paisagem como ferramentas para estudar o comportamento humano, a organização social e as relações econômicas.

Entre os principais colaboradores para o campo da Arqueologia Espacial estavam Lewis Binford (1931-2011)¹⁵, Leslie White (1900-1975)¹⁶ e David Clarke (1937-1976)¹⁷. Binford defendia que o espaço é um produto da ação humana e que podia ser usado para entender como as pessoas se organizavam e interagiam com seu ambiente. White estava interessado em entender como o espaço e a paisagem poderiam ser usados para explicar a evolução cultural. Clarke desenvolveu uma

¹⁵ Lewis Roberts Binford (1931-2011), arqueólogo americano com maior destaque nos postulados teóricos da Arqueologia Processual (DI BACO *et al.*, 2009).

¹⁶ Leslie White (1900-1975), antropólogo evolucionista americano responsável pela elaboração de conceitos de evolução cultural (ORTNER, 2011).

¹⁷ David Clarke (1937-1976), arqueólogo e acadêmico inglês, seguidor da corrente processualista. Reformulou o conceito de cultura, definindo esta entidade como série compreensiva e poliética de tipos sistemática e concomitantemente presentes nos conjuntos arqueológicos de uma área geográfica limitada (ALARCÃO, 1995).

teoria da paisagem cultural, que argumentava que a paisagem é uma construção social que reflete os valores e as crenças de uma sociedade.

A Arqueologia Espacial é um campo de estudo produtivo e influente que ajuda os pesquisadores a analisar a organização social e as relações econômicas. Além disso, contribui para um maior entendimento das distribuições dos assentamentos, das redes comerciais e das relações entre diferentes grupos culturais, abrindo novas possibilidades por meio de ferramentas de investigação dinâmica e em constante mudança. Continua a fornecer novos olhares sobre os grupos socioculturais e tem o potencial de aperfeiçoar a forma como entendemos a Arqueologia.

A Arqueologia Espacial tem sido aplicada a uma ampla gama de problemas e locais e provou ser uma ferramenta valiosa para a compreensão dos grupos culturais. É importante ressaltar que esta perspectiva permitiu uma interpretação e aspectos conceituais mais contextualizados dos dados coletados em campo, ajudando a situar os achados arqueológicos em um contexto mais amplo. Como aponta Villaescusa (2006), o nascimento dessa perspectiva está ligado a uma crítica conceitual e metodológica da Arqueologia Histórico-Cultural diante das novas propostas da Arqueologia Processual:

O surgimento da Arqueologia Espacial situa-se no final da década de 1960 e início da década de 1970, como resposta da arqueologia processual ao paradigma histórico-cultural vigente desde os primórdios da arqueologia. Destacam-se nomes como L. Binford, L. White ou D. Clarke, cuja contribuição para a Arqueologia Espacial (1977) será decisiva para um novo arquétipo da prática arqueológica. (VILLAESCUSA, 2006, p. 30, tradução nossa).

A Arqueologia Espacial, procedeu da crítica à Arqueologia Histórico-Cultural e foi impulsionada por nomes como Binford, White e Clarke, sobressaindo a sua origem como resposta à hegemonia culturalista. Ela se consolidou como uma ferramenta valiosa para a compreensão dos grupos culturais, sendo aplicada a uma ampla gama de problemas e locais, desde sítios pré-coloniais até cidades contemporâneas.

Seu impacto constitui-se na capacidade de oferecer interpretações mais contextualizadas e conceituais dos dados coletados em campo. Através da análise espacial, os achados arqueológicos são situados em um contexto mais amplo, revelando padrões de comportamento, organização social e relações com o meio

ambiente que de outra forma seriam ignorados.

Villaescusa (2006), apresenta como fundamentos epistemológicos, três pilares principais que sustentam a Arqueologia Espacial:

1. Neopositivismo: Crença na construção do conhecimento científico através do método hipotético-dedutivo, com ênfase na experimentação e na verificação empírica.
2. Teoria Geral dos Sistemas: Aplicação de modelos matemáticos e estatísticos para analisar o comportamento humano e as relações entre diferentes elementos de um sistema, incluindo o cultural e o ambiental.
3. Ecologia Cultural Materialista: Ênfase na relação entre as sociedades e o meio ambiente, reconhecendo que o ambiente impõe restrições e oportunidades ao desenvolvimento social, sem determiná-lo de forma automática. (VILLAESCUSA, 2006, p. 30, tradução nossa).

Na perspectiva da paisagem, as noções temporais de passado e presente são percebidas como um devir. Na paisagem, isso pode ser visto na localização espacial específica de enterramentos ou monumentos simbólicos. Esses elementos servem como marcos e referências que definem o território de um grupo. Eles também podem ser vistos como símbolos étnicos que são mostrados a outras etnias para identificar os espaços ocupados por um grupo (FAGUNDES, 2009). Como exemplo da conceituação de Fagundes, é possível dizer que os túmulos dos faraós egípcios eram construídos em grandes pirâmides que eram visíveis de longe e que essas pirâmides serviam como símbolos de poder e autoridade, ajudando a legitimar o governo dos faraós.

O significado da paisagem é construído socialmente. Não é algo inerente ao território, mas é o resultado de negociações entre diferentes grupos que ocupam o mesmo espaço. A definição de paisagem, segundo a perspectiva pós-processual, não é a natureza do ambiente físico, mas o produto da interação entre as pessoas e seu ambiente natural. Portanto, o estudo do espaço e da paisagem é essencial para a percepção das sociedades e culturas. O ambiente natural é um fator importante na manifestação do comportamento dos indivíduos e a paisagem é a expressão desse relacionamento:

Imprescindível à pesquisa arqueológica é a compreensão do entorno dos sítios, isto quer dizer, da paisagem onde se inserem os

assentamentos pré-históricos, vista tanto em uma perspectiva natural, isto é, na sua materialidade, quanto em sua condição simbólica, grosso modo, como é pensada, interpretada e simbolizada pelos grupos que a ocuparam, fazendo parte de sua organização social como um todo (FAGUNDES; PIUZANA, 2010, p. 210).

As novas perspectivas da Arqueologia, que enfatizam o papel do espaço e da paisagem na compreensão das diferentes sociedades, foram rapidamente consolidadas. Hoje, as técnicas espaciais são uma parte essencial da pesquisa arqueológica. O termo "Arqueologia Espacial" ainda é pouco utilizado, mas a abordagem proposta por diferentes autores foi gradualmente adotada e aplicada a muitos estudos de caso. O enfoque da Arqueologia Espacial permitiu perceber o registro arqueológico de uma nova forma: como resultado da transformação do espaço por grupos humanos (SOUZA, 2018).

Os avanços teóricos e metodológicos da Arqueologia Espacial em sua época permitiram superar uma abordagem detalhada do espaço, centrada na descrição de atributos materiais, para uma abordagem relacional e interpretativa, que considera a materialidade dos lugares e os significados simbólicos associados a eles.

O trabalho de autores como Clarke (1937-1976)¹⁸ e Ian Hodder (1948)¹⁹ foi fundamental para esse desenvolvimento, tanto no aprimoramento de novos métodos e técnicas, quanto na formação de uma nova geração de arqueólogos. A Arqueologia Espacial é um campo que oferece muitas possibilidades para estudar os grupos humanos (SOUZA, 2018).

A relação entre os sistemas socioculturais e ambientais foi abordada por Villaescusa (2006), que afirma que esses sistemas estão em constante "interação dinâmica". Isso significa que as atividades humanas podem modificar o meio ambiente e que as mudanças ambientais podem influenciar as sociedades. Esse conhecimento é essencial para criar estratégias para um futuro mais sustentável (SOUZA, 2018). Em concordância com esse argumento, preconiza John Barret:

¹⁸ David Leonard Clarke (1937-1976), pré-historiador britânico que foi um dos principais expoentes da chamada Nova Arqueologia. Disponível em: <https://www.oxfordreference.com>.

¹⁹ Ian Hodder, arqueólogo britânico nascido em 1948, Professor na Universidade norte americana de Stanford. Disponível em: <https://journals.openedition.org/midas/1163>.

Os arqueólogos abordam a sua compreensão do passado através da metáfora representacional de um “registro arqueológico”. Em outras palavras, os vestígios arqueológicos são tratados como uma representação atual de certos aspectos do passado. Esta percepção do material-como-registro direcionou o pensamento arqueológico ao longo de algumas linhas de investigação muito específicas. O registro material do passado é considerado parcial; em qualquer época, ocorreram muitas coisas que não deixaram nenhum registro sobrevivente ou deixaram um registro que não está aberto à nossa interpretação (BARRETT, 2001, p. 8, tradução nossa).

Barret (2001) ainda afirma, de forma crítica, que o registro material do passado é considerado *incompleto*. Isso ocorre porque nem tudo o que aconteceu deixou vestígios arqueológicos; aqueles que ficaram podem ser interpretados de diferentes maneiras. Isso significa que os arqueólogos devem ser cautelosos ao interpretar os artefatos arqueológicos. Eles devem estar cientes de que esses objetos testemunho podem não representar o passado de forma completa ou precisa. Barret defende que a *teoria arqueológica* deve ser capaz de explicar a relação entre as sociedades humanas e seu ambiente, sem se concentrar apenas nas organizações sociais. Além disso, que essa teoria deve ser viável na prática e deve conduzir a novas compreensões das condições históricas.

A crítica de Barret é essencial para compreender a complexidade da relação entre as sociedades humanas e a paisagem. Essa noção é baseada na ideia de que as sociedades humanas são entidades homogêneas que adaptam a paisagem de forma unilateral. No entanto, elas são complexas e dinâmicas; as paisagens são frequentemente o resultado da interação de diferentes culturas e sociedades. Essa interação pode ser de cooperação, competição ou conflito.

Para Hodder (1994), os arqueólogos devem começar a análise com uma descrição cuidadosa dos sítios arqueológicos, incluindo a localização, o tamanho, a forma e o conteúdo. Essa “leitura” é essencial para identificar padrões de distribuição e densidade de objetos materiais, que podem fornecer informações sobre a organização social e econômica das sociedades antigas, conforme explica o autor:

Como pode ser feita essa “leitura”? Afirma-se frequentemente que os objetos materiais são mudos, que não falam: como podemos então compreendê-los? [...], um objeto do passado não nos diz nada sobre si mesmo. Se os arqueólogos receberem um objeto de uma cultura desconhecida, eles geralmente encontrarão grande

dificuldade em oferecer uma interpretação. Mas olhar para objetos como esses, por si só, não é arqueologia. A arqueologia está interessada em encontrar objetos em estratos e outros contextos [...].

A partir do momento em que o contexto de um objeto é conhecido, ele não é mais completamente mudo. [...] [...] não podemos afirmar que, mesmo contextualizados, os objetos não mostrarão o seu significado cultural, mas por outro lado não são totalmente silenciosos. A interpretação do significado é limitada pela interpretação do contexto. (HODDER, 1994, p. 18-19, tradução nossa)

Os diferentes olhares de alguns teóricos sobre os conceitos da Arqueologia da Paisagem demonstram a diversidade de abordagens e perspectivas que caracterizam esse campo de estudo. Esses olhares podem ser complementares ou conflitantes, a depender da abordagem adotada por cada arqueólogo. Considerando os conceitos levantados por Hodder (1994), Tilley (1994), Villaescusa (2006), Fagundes e Piuzana (2010), dentre outros, podemos considerar três categorias diferentes relacionadas aos "olhares sobre os conceitos da arqueologia da paisagem", conforme apresentado:

Quadro 2. Três olhares da Arqueologia da Paisagem:

Diferentes olhares referentes aos conceitos da arqueologia da paisagem: Três categorias principais:	
Primeira	Pode ser vista como uma abordagem descritiva, que se concentra na identificação e mapeamento de elementos materiais da paisagem, como sítios arqueológicos, monumentos e recursos naturais. Essa abordagem é importante para a preservação do patrimônio arqueológico e para o desenvolvimento de estratégias de conservação e gestão. O olhar descritivo concentra-se na identificação e caracterização dos elementos da paisagem arqueológica, como sítios, artefatos e estruturas. Um arqueólogo com olhar descritivo pode mapear os sítios arqueológicos de uma região, identificando padrões de distribuição e densidade (HODDER, 1994).
Segunda	Pode ser vista como uma abordagem interpretativa, que busca compreender as relações entre as pessoas e seu ambiente. Essa abordagem enfatiza a importância da paisagem como um produto da interação entre humanos e natureza e busca identificar padrões e estruturas que podem revelar informações sobre as sociedades passadas. O olhar interpretativo busca compreender o significado da paisagem arqueológica, a partir da análise de fatores como a localização, a distribuição e a interação dos elementos da paisagem. Um arqueólogo com olhar interpretativo pode analisar a localização de um sítio arqueológico em relação a recursos naturais, como água e terras férteis. Essa análise pode ajudar a compreender a economia e a subsistência da sociedade que ocupou o sítio (TILLEY, 1994).

Terceira

Pode ser vista como uma abordagem crítica, que questiona as noções tradicionais de paisagem e patrimônio. Essa abordagem enfatiza a importância da subjetividade na construção do conhecimento arqueológico e busca desenvolver novas metodologias e interpretações que sejam mais inclusivas e sensíveis às diferentes perspectivas. O olhar crítico questiona as interpretações existentes da paisagem arqueológica, levando em consideração a diversidade das perspectivas e experiências humanas. Um arqueólogo com olhar crítico pode questionar a noção de que a paisagem é um produto de uma única cultura ou sociedade (BARRETT, 2001).

Elaboração: Mirta Barbosa, 2023.

A interação de algumas, ou todas essas abordagens, favorece uma melhor compreensão dos grupos culturais, fornecendo uma visão mais abrangente e complexa. Os arqueólogos usam uma variedade de métodos e técnicas para estudar a paisagem, incluindo sua percepção analítica de campo, ou seja, seus diferentes olhares sobre o contexto do sítio arqueológico.

O uso conceitual da paisagem no campo da Arqueologia pode ser observado, por exemplo, no estudo de sítios arqueológicos com representações rupestres. Nestes sítios, os profissionais observam os painéis de pinturas e/ou gravuras no suporte rochoso e o contexto natural das cavernas, abrigos ou lajedos.

Arqueólogos acreditam que esse contexto natural pode fornecer pistas sobre os espaços culturais que foram locais de ocupações humanas. Por isso, o ambiente das representações rupestres que focamos é mais do que isso: é a base para a compreensão dos vestígios culturais identificados em territórios específicos, onde pessoas estiveram.

Quadro 3. Aspectos Conceituais da Paisagem na Arqueologia.

Aspecto	Descrição	Implicações para a Arqueologia
Ampliação do Foco	A análise da paisagem transcende os limites de um sítio arqueológico, abrangendo toda a área modificada por fatores naturais, humanos ou interações recíprocas (Boado).	Permite uma compreensão mais ampla da relação entre as sociedades e o seu entorno.
Simbolismo e Significado	A paisagem pode assumir um significado simbólico para as sociedades que a ocupam, gerando um vínculo sentimental com o local.	Revela a dimensão cultural e social da paisagem, além de sua funcionalidade.
Organização Regional	A organização regional de estruturas arqueológicas é crucial para entender a relação entre grupos humanos e o ambiente (Binford).	Desvenda padrões de ocupação, hierarquias sociais e relações de poder.
Registro Arqueológico	O registro arqueológico fornece informações sobre a oferta e obtenção de recursos, como habitat, matérias-primas, áreas de caça, pesca, coleta e espaços ritualísticos.	Elucida as estratégias de subsistência, organização social e crenças das sociedades antigas.
Construção Social da Paisagem	O significado da paisagem é construído socialmente, fruto de negociações entre diferentes grupos que ocupam o mesmo espaço (perspectiva pós-processual).	Enfatiza a agência humana na construção da paisagem e as relações de poder entre os grupos sociais.
Leitura da Paisagem	A análise da paisagem inicia com uma descrição minuciosa dos sítios arqueológicos (localização, tamanho, forma, conteúdo) para identificar padrões de distribuição e densidade de objetos materiais (Hodder).	Estabelece a base para a interpretação do significado e das funções dos sítios arqueológicos.

Elaboração: Mirta Barbosa, 2023.

1.3. A arqueologia da Paisagem: paradigmas e práticas

Para Thomas Kuhn²⁰ (1998 [1962]), um paradigma é um conjunto de crenças, valores, técnicas e práticas compartilhadas por uma comunidade científica. Ele define o que é ciência para essa comunidade, estabelecendo o que é considerado válido e legítimo. De acordo com Kuhn:

Considero “paradigmas’ realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência (KUHN, 1998 [1962], p. 13).

²⁰ Thomas Kuhn (1922-1996). Filósofo e historiador norte-americano autor de “*A estrutura das revoluções científicas*” com a primeira edição no ano de 1962 (MENDONÇA, 2012).

Kuhn (1998 [1962]) afirma que os paradigmas são realizações científicas que resultam de pesquisas e experimentos validados também por uma comunidade científica que fornecem problemas e soluções exemplificativas que devem ser resolvidas e um conjunto de soluções que podem ser usadas para resolvê-las. Desta forma, os paradigmas fornecem um quadro de referência para a investigação e a interpretação, ou seja, fornecem uma estrutura para a investigação científica e para a interpretação dos resultados dessa investigação.

A ideia de paradigma para Kuhn serve para entender a ciência como um processo. Quando um paradigma é desafiado, pode levar a uma mudança de paradigma, isto é, a um novo quadro de referência para a pesquisa científica.

Um paradigma é um modelo ou padrão que orienta a compreensão de uma determinada área de conhecimento (KUHN, 1998 [1962]). Na Arqueologia, o paradigma é a visão que os arqueólogos têm das sociedades e como elas podem ser estudadas. Os paradigmas atuais da Arqueologia da Paisagem nos ajudam a entender como as pessoas interagem com a natureza.

O paradigma ambiental, também conhecido como determinismo ambiental, enfatiza o meio ambiente como o principal fator que influencia os comportamentos humanos. Nesse paradigma, o indivíduo é visto como um ator passivo, que é formado pelas condições ambientais. Por exemplo, uma sociedade que vive em uma região árida precisa desenvolver uma economia baseada na agricultura de irrigação (BARBOSA; SANTOS, 2017).

O paradigma do possibilismo, por sua vez, enfatiza o indivíduo como um agente ativo, que pode optar por interagir com seu ambiente de diferentes maneiras. Nesse paradigma, a agência humana é evidenciada, ou seja, os pensamentos e as ações são considerados os principais fatores que determinam a relação entre o sujeito e o meio ambiente, onde o sujeito pode escolher como interagir com seu ambiente de diferentes maneiras. Por exemplo, uma sociedade que vive em uma região árida pode optar por desenvolver uma economia baseada na agricultura de irrigação, na pecuária ou na caça e coleta. O paradigma possibilista é considerado o mais adequado para a compreensão atual do universo arqueológico, pois permite uma visão mais complexa e multifacetada das relações entre o ser humano e o meio ambiente. Nesse paradigma, os arqueólogos reconhecem que os grupos humanos são capazes de adequar seu ambiente, mas

também que o ambiente pode influenciar o comportamento dos indivíduos (BARBOSA; SANTOS, 2017).

A natureza – seja do ponto de vista filosófico, como as sociedades a concebem, seja do ponto de vista prático, como existe e se apresenta na realidade fática – não é algo que simplesmente existe, mas é socialmente criada pelas pessoas através das ações, crenças e valores. Por exemplo, uma floresta pode ser vista como um espaço natural, mas também é um produto da ação humana. As pessoas que vivem na floresta podem cultivar árvores, caçar animais ou construir casas. Essas ações modificam a floresta, tornando-a diferente do que seria se as pessoas não estivessem presentes. Mas, mesmo sem a ação física direta sobre o ambiente, há também a forma como os grupos culturais concebem e se relacionam com a natureza, como bem exemplifica Viveiros de Castro nos estudos das sociedades indígenas a partir daquilo que chamou de perspectivismo ameríndio (VIVEIROS DE CASTRO, 1996).

A natureza e o ser humano estão em uma relação dinâmica de influência mútua. A natureza não é passiva à atuação humana, mas ativa e interacionista; ela condiciona e é condicionada. Esse elo pode ser observado na forma como as pessoas utilizam o ambiente, que pode ser alterado pela ação humana, como muitas vezes pode ser evidenciado pelo registro arqueológico, bem como a natureza limita ou possibilita certos aspectos da ação humana.

A Arqueologia pode ajudar a entender a relação entre a natureza e os grupos humanos. Por exemplo, estudando os remanescentes de assentamentos antigos para aprender sobre as práticas agrícolas de uma comunidade. Essas informações podem ajudar a compreender como as pessoas interagem com a natureza e como essa relação pode ter influenciado o mundo em que vivemos. Segundo Fagundes e Piuzana (2010), a essência dessa compreensão é a seguinte:

[...], a paisagem em que se inserem os assentamentos arqueológicos é vista aqui como um ambiente que ultrapassa os preceitos de uma entidade física intacta, mas que há uma relação intrínseca com a dinâmica cultural, compreendida como uma construção social, fundamentada pelos processos que atuam em uma sociedade (FAGUNDES; PIUZANA, 2010, p. 212).

Dentre tantas outras possibilidades, acreditamos que as populações que viveram em períodos pré-coloniais interagem com o ambiente natural por duas

razões: para atender às necessidades básicas, como alimentação e abrigo; para expressar suas crenças e valores culturais. Ao estudar como as pessoas se apropriavam dos recursos naturais, podemos aprender sobre o estilo de vida, economia e relações sociais. Os sítios arqueológicos são locais onde essas interações podem ser observadas. Segundo Fagundes e Piuzana (2010), esses locais são lugares físicos, espaços sociais e culturais. Eles são construídos pelas pessoas ao longo do tempo e refletem suas identidades e valores.

A Arqueologia da Paisagem é um campo de atuação da Arqueologia que estuda as relações mútuas entre as pessoas e ambientes. Segundo Villaescusa (2006), o termo "Arqueologia da Paisagem" foi utilizado pela primeira vez há quase 70 anos:

Um dos primeiros a utilizar a expressão Arqueologia da Paisagem será R. Chevallier, latinista de formação que, num congresso em 1977, a proclamou como uma nova forma de abordar o espaço rural e como alternativa à antiguidade clássica da geografia histórica, embora as primeiras análises de paisagens antigas usando o termo paisagens tenham sido realizadas por J. Bradford em 1957 (*Ancient landscapes, Studies in Field Archaeology*). Para Chevallier, a arqueologia nada mais é do que um método auxiliar da História que, através da prospecção aérea ou terrestre, permite a identificação do antigo habitat. A análise de fotografias aéreas verticais de grande altitude permite-nos identificar nas paisagens a estrutura geométrica de parcelas que os conquistadores romanos implantaram por todo o Mediterrâneo durante a sua expansão imperial (VILLAESCUSA, 2006, p. 32, tradução nossa).

Fagundes e Piuzana (2010) falam sobre a existência de uma diversidade de paradigmas sobre o uso do conceito de paisagem na Arqueologia, os quais se baseiam em diferentes pressupostos sobre a natureza da paisagem e sua relação com as pessoas. Para esses pesquisadores, o paradigma ecossistêmico, por exemplo, vê a paisagem como um sistema complexo composto de elementos naturais e culturais. O paradigma ecológico-evolutivo, por sua vez, enfatiza a relação entre a paisagem e a evolução das sociedades humanas. O paradigma adaptativo, por outro lado, enfatiza a capacidade das pessoas em se adaptar ao ambiente. O paradigma funcionalista, vê a paisagem como um produto da função social. O paradigma culturalista, por sua vez, vê a paisagem como uma construção cultural.

O método hipotético-dedutivo, desenvolvido por Lewis Binford, baseia-se na formulação de hipóteses sobre a relação entre a paisagem e as pessoas. Essas hipóteses são testadas com base em evidências arqueológicas. O método hipotético-dedutivo pode ser usado para desenvolver teorias de médio alcance, que são generalizações que podem ser aplicadas a uma ampla gama de contextos arqueológicos (FAGUNDES; PIUZANA, 2010).

Como já discutido anteriormente, a Arqueologia possui uma abordagem interdisciplinar que utiliza métodos e técnicas de diferentes áreas do conhecimento. Essa ampla abordagem é utilizada para compreender como as populações ocuparam e modificaram a paisagem, bem como a paisagem influenciou essas populações. Para Fagundes e Piuzana (2010), o possibilismo e o determinismo ambiental são paradigmas simplistas que não refletem a complexidade da relação entre as pessoas e a paisagem e a Arqueologia da paisagem busca compreender essa relação complexa, associando natureza e cultura em suas totalidades.

Quadro 4. Diversidade de paradigmas.

Paradigma	Pressupostos	Enfoque	Implicações para a Arqueologia
Ecosistêmico	Paisagem como sistema complexo (elementos naturais e culturais).	Interações entre os elementos da paisagem.	Compreensão da dinâmica da paisagem e seus impactos nas sociedades.
Ecológico-Evolutivo	Relação entre a paisagem e a evolução das sociedades.	Adaptação das sociedades à paisagem e vice-versa.	Identificação de padrões de adaptação e mudança social em diferentes paisagens.
Adaptativo	Capacidade das pessoas em se adaptar ao ambiente.	Estratégias de adaptação em diferentes contextos.	Análise das estratégias de subsistência e organização social em resposta às características da paisagem.
Funcionalista	Paisagem como produto da função social.	Funções da paisagem para as sociedades.	Interpretação do significado e uso da paisagem pelas sociedades.
Culturalista	Paisagem como construção cultural.	Percepções e valores culturais associados à paisagem.	Compreensão das relações simbólicas e identitárias entre as sociedades e a paisagem.

Elaboração: Mirta Barbosa, 2023.

CAPÍTULO 2 – ASPECTOS HISTÓRICOS, CULTURAIS E PAISAGÍSTICOS DA REGIÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO ENTRE MORROS

Para conhecer mais sobre a história de um determinado local, como o território de um município, é importante identificar documentos, como fotografias antigas ou os mais variados tipos de textos, que contenham informações sobre a ocupação territorial e suas transformações durante diferentes períodos.

Além do levantamento dos dados secundários, outra forma de buscar referências históricas do contexto pesquisado é a interação com as pessoas que nasceram e que sempre viveram na mesma região, pois elas podem apresentar relatos e/ou narrativas dos fatos do passado, a partir das memórias transmitidas oralmente ou registradas em bens materiais que preservam e que fazem parte das suas trajetórias existenciais.

Nesta dissertação, a coleta de dados primários e secundários foi essencial para a composição deste capítulo da dissertação, que objetiva conhecer a história local da cidade de Itatim, no estado da Bahia, no processo de contextualização histórica e cultural. Nos estudos realizados, os textos e os depoimentos de pessoas que residem neste território remontam o início dos primeiros núcleos populacionais registrados documentalmente, a partir de meados do século XIX, quando se tornou povoado com o desenvolvimento das atividades agrícolas e a construção e implantação de uma linha férrea. E foi a partir daí que as mudanças sociais, culturais e econômicas foram estabelecendo o processo de urbanização, transformando o povoado em freguesia e posteriormente em cidade, com emancipação no século XX.

Porém, a história do município remonta a períodos anteriores ao século XIX, de forma que essa historicidade levantada é insuficiente para compreender as ocupações anteriores a esse período. Desta forma, foi necessário, via pesquisa arqueológica, retroceder nesse processo histórico da região para encontrar outras fontes que corroborem com informações sobre a passagem de grupos humanos no atual território de Itatim.

Nesse sentido, este capítulo vai abordar, a partir do pouco conhecimento arqueológico que se tem sobre a região, as primeiras ocupações no território de

Itatim, apresentando as representações rupestres como os vestígios mais antigos, muito provavelmente deixados por populações que viveram antes da colonização europeia e que, por isso, testemunharam a passagem desses grupos pretéritos. Em seguida, será abordada a construção da linha férrea, que foi responsável pelo crescimento e desenvolvimento econômico da região, possibilitando a organização urbana da cidade e, conseqüentemente, sua emancipação no século XX.

A segunda perspectiva abordada será o contexto cultural dos *Inselbergs*, onde trataremos das características dessas formações rochosas identificadas em Itatim, ou seja, como são utilizadas e aproveitadas essas formações rochosas para lazer e economia da região, tendo como exemplo as atividades de aventura, como rapel e escalada. Outro aspecto cultural que será brevemente abordado, e que diz respeito ao sítio Entre Morros, é a atividade das pedreiras para extração de granitos com a finalidade de produzir paralelepípedos.

2.1. Breves aspectos do contexto arqueológico da região de Itatim

As informações sobre os sítios de pinturas rupestres no território de Itatim têm sido apresentadas de forma descontínua por diferentes pesquisadores. Os dados, quando disponíveis, são incompletos ou fragmentados. As pesquisas foram realizadas, em geral, por meio de visitas técnicas ou projetos de identificação, cadastro e análise, com abordagens e níveis de detalhamento variados, mas superficiais.

Os primeiros relatos de locais com pinturas na região datam de 1916, quando o engenheiro Theodoro Sampaio relata a viagem realizada à região do curso médio do Paraguaçu, com o objetivo de observar *in loco* lugares que podiam ter desenhos nas rochas, conforme havia tido informações, tendo como referência à região dos grandes morros e serrotes graníticos. Nesse contexto paisagístico que Sampaio buscava identificar os locais com pinturas e gravuras, estava o território de Itatim. No entanto, os sítios que ele registra ficam em municípios vizinhos²¹ (SAMPAIO, 1916).

²¹ O Theodoro Sampaio visita os abrigos com pinturas Serrote da Loja, Serrote do Pintor e Casa de Pedra, nos municípios de Santa Terezinha e Amargosa.

No ano de 2006, durante o desenvolvimento do projeto "Homem e Natureza nas representações gráficas da Bahia", vencedor do Prêmio Clarival do Prado Valladares, lançado pela Odebrecht S.A., a equipe do Grupo de Pesquisa Bahia Arqueológica realizou um levantamento arqueológico em várias partes do estado, incluindo o município de Itatim. Os sítios arqueológicos Pedra do Sino e Serra Prem, ambos localizados em Santa Teresinha, e o contexto ambiental da região, foram analisados e apresentados no livro "Escrito na Pedra. Cor, forma e movimento, nos grafismos rupestres do estado da Bahia" (2007), de autoria de Carlos Alberto Etchevarne.

Com o objetivo de contribuir para a preservação, conservação e manejo sustentável da biodiversidade no bioma Caatinga, melhorando a qualidade de vida dos seus habitantes através do manejo sustentável dos recursos naturais, o Governo do Estado da Bahia, por meio da Secretaria de Desenvolvimento e Ação Regional (SEDIR), da Secretaria do Meio Ambiente (SEMA) e da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), lançou o Projeto Mata Branca em 2010, com financiamento do Fundo Mundial para o Meio Ambiente (GEF) e do Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD).

O Projeto Mata Branca, implementado na Bahia nos municípios de Curaçá, Jeremoabo, Contendas do Sincorá e Itatim, foi estruturado em três componentes:

1. Apoio a instituições e políticas públicas para Gestão Integrada do Ecossistema: tinha como premissa a realização de estudos para promover um maior conhecimento do bioma Caatinga, no aspecto natural e da sua interação com o ambiente cultural. Para isso, foi elaborado um Termo de Referência para incluir uma pesquisa arqueológica na região de Itatim. Em 2012, teve início o "Programa de Mapeamento de Sítios com Representações Rupestres e Educação Patrimonial no Município de Itatim, Bahia"²²;

²² Programa de Mapeamento de Sítios com Representações Rupestres e Educação Patrimonial no Município de Itatim, Bahia, realizado no ano de 2012, sob a coordenação do pesquisador Alvandyr Bezerra. Relatório Final entregue na 7ª Superintendência do IPHAN em janeiro de 2013, sob o nº de protocolo 01502.000736/2013-12.

2. Subprojetos demonstrativos: Promoção de Práticas de Gestão Integrada de Ecossistema: visavam a promover a adoção de práticas sustentáveis de manejo da Caatinga por comunidades locais;
3. Monitoramento & Avaliação (M&A). Disseminação e Gestão do Projeto: visavam garantir a eficácia e a eficiência do projeto, bem como disseminar seus resultados.

Durante o desenvolvimento do primeiro componente do Projeto Mata Branca, o “Programa de Mapeamento de Sítios com Representações Rupestres no município de Itatim”, foram registrados 10 locais com pinturas rupestres (BEZERRA, 2013), entre eles o sítio Entre Morros, objeto desta dissertação.

No decorrer dos trabalhos de campo desse projeto, foi possível identificar o potencial rupestre da região deste município, pela quantidade de sítios de pinturas registrados *in loco* (conforme sequência de imagens abaixo) e pela abundância de informações de áreas que continham sítios com representações e que, devido ao cronograma do projeto, não puderam ser catalogadas. Além da questão quantitativa, outro fato relevante foi evidenciado durante o mapeamento de campo: o estado de vulnerabilidade desses espaços, em decorrência da intensa ação de pedreiras, que destroem as rochas graníticas para a confecção de paralelepípedos utilizados na construção de calçamentos.

Figura 1. Sítio rupestre Gruta da Cruz.



Fonte: BEZERRA, 2013a.

Figura 2. Sítio Gruta da Cruz. Representações rupestres em vermelho.



Fonte: BEZERRA, 2013a.

Figura 3. Município de Itatim. Sítio de arte rupestre Gildeon



Fonte: BEZERRA, 2013a.

Figura 4. Município de Itatim. Sítio de arte rupestre Gildeon. Representação de figura geométrica em vermelho.



Fonte: BEZERRA, 2013a.

Figura 5. Sítio rupestre Morrinho.



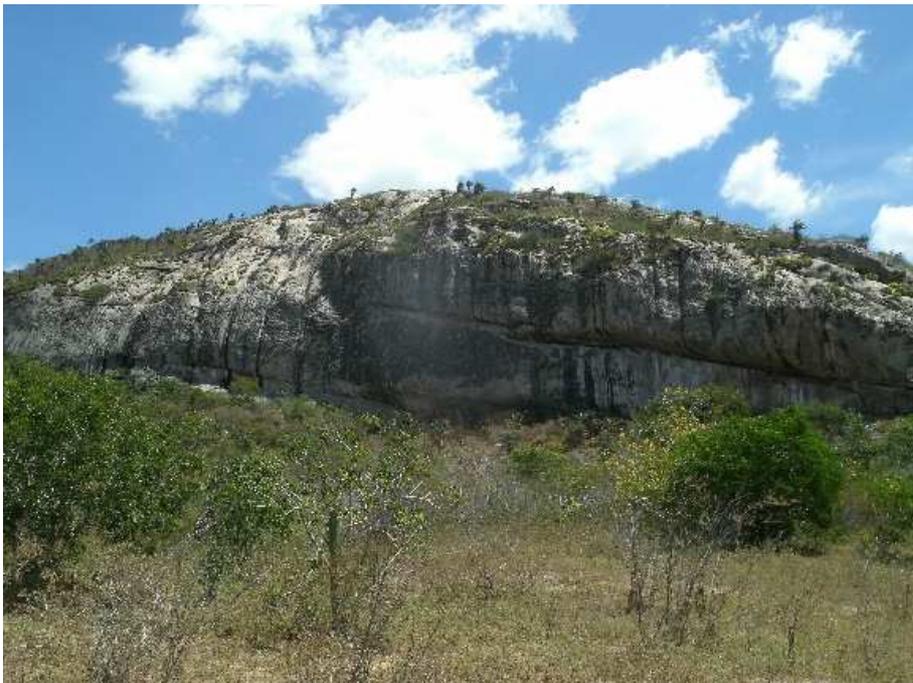
Fonte: BEZERRA, 2013a.

Figura 6. Sítio rupestre Morrinho. Representação monocromático em vermelho.



Fonte: BEZERRA, 2013a.

Figura 7. Sítio rupestre Morro de Baixo.



Fonte: BEZERRA, 2013a.

Figura 8. Sítio rupestre Morro de Baixo. Representações geométricas em vermelho.



Fonte: BEZERRA, 2013a.

Figura 9. Sítio rupestre Chama Galinha.



Fonte: BEZERRA, 2013a.

Figura 10. Sítio rupestre Chama Galinha. Representações monocromático em vermelho.



Fonte: BEZERRA, 2013a.

Figura 11. Sítio rupestre Morro do Santo Antônio.



Fonte: BEZERRA, 2013a.

Figura 12. Sítio rupestre Morro do Santo Antônio. Representações geométricas.



Fonte: BEZERRA, 2013a.

Figura 13. Sítio rupestre Morro do Tigre.



Fonte: BEZERRA, 2013a.

Figura 14. Sítio rupestre Morro do Tigre. Representação monocromático em vermelho.



Fonte: BEZERRA, 2013a.

Figura 15. Sítio rupestre Pedra Redonda.



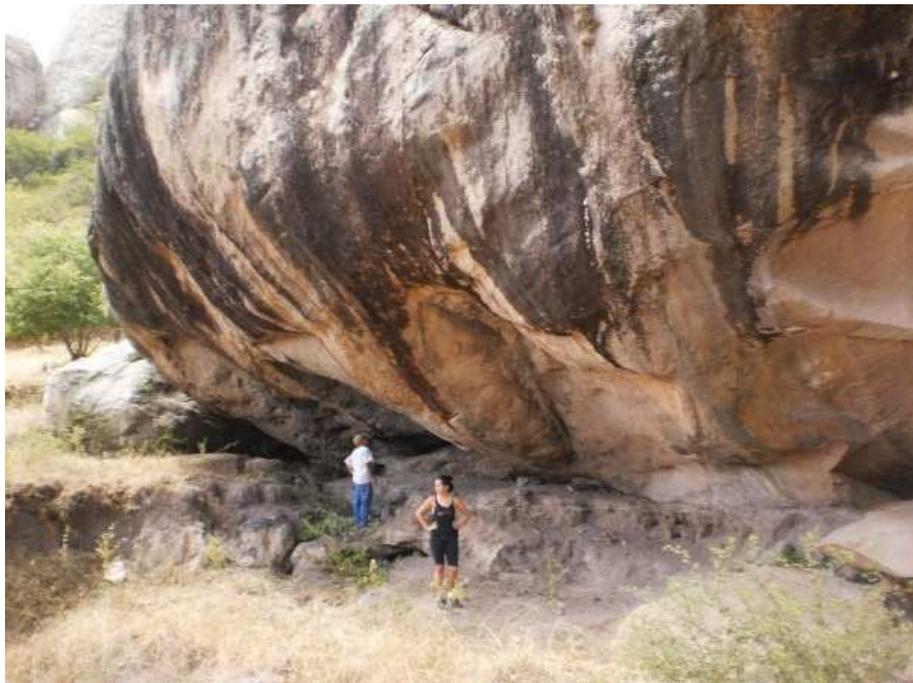
Fonte: BEZERRA, 2013a.

Figura 16. Sítio rupestre Pedra Redonda. Representação monocromático em vermelho.



Fonte: BEZERRA, 2013a.

Figura 17. Sítio rupestre Fazenda São João.



Fonte: BEZERRA, 2013a.

Figura 18. Sítio rupestre Fazenda São João. Representação monocromático em vermelho.



Fonte: BEZERRA, 2013a.

Figura 19. Sítio rupestre Toca Branca.



Fonte: BEZERRA, 2013a.

Figura 20. Sítio rupestre Toca Branca. Representação monocromático em vermelho.



Fonte: BEZERRA, 2013a.

Figura 21. Sítio rupestre Toca do Índio.



Fonte: BEZERRA, 2013a.

Figura 22. Sítio rupestre Toca do Índio. Representação monocromático em vermelho.



Fonte: BEZERRA, 2013a.

Por fim, de acordo com os dados arqueológicos obtidos após o mapeamento, foram identificados e registrados no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) do IPHAN os sítios abaixo tabulados no município de Itatim.

Tabela 2. Sítios cadastrados no IPHAN durante Programa de Mapeamento de Sítios com Representações Rupestres no município de Itatim.

Nº	SÍTIO	COORDENADAS UTM	FONTE
1	Entre Morros	24L 0417229/8594230	BEZERRA, 2013a e 2003b
2	Fazenda São João	24L 0429841/8589454	BEZERRA, 2013a e 2003b
3	Grua da Cruz	24L 0410928/8589638	BEZERRA, 2013a e 2003b
4	Morro Pequeno	24L 414900/ 8593465	BEZERRA, 2013a e 2003b
5	Morro de Baixo	24L 0414411/8584554	BEZERRA, 2013a e 2003b
6	Morro do Chama Galinha	24L 0420486/8601641	BEZERRA, 2013a e 2003b
7	Morro do Santo Antônio	24L 0418984/8599562	BEZERRA, 2013a e 2003b
8	Morro do Riachão	24L 0418334/8592218	BEZERRA, 2013a e 2003b
9	Pedra Redonda	24L 0418918/8603407	BEZERRA, 2013a e 2003b
10	Toca Branca	24L 0416337/8594780	BEZERRA, 2013a e 2003b

Fonte: BEZERRA, 2013a.

2.2. Breves aspectos geográficos, históricos e culturais do município de Itatim

Durante as pesquisas, foram encontradas diferentes delimitações relativas ao pertencimento do município à divisão territorial do Estado da Bahia. A Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais do Estado (SEI/BA), com base nos dados obtidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), considera que as “Mesorregiões Geográficas Estaduais” congregam as regiões de diversos municípios de uma área geográfica de um estado brasileiro com similaridades econômicas e sociais. Assim, a SEI/BA coloca o município de Itatim como pertencente ao “Centro Norte Baiano”²³.

O Comitê de Bacia Hidrográfica (CBH) abrange a:

Região de Planejamento e Gestão das Águas IX [...] constituída pelas bacias hidrográficas de rios estaduais, que deságuam no Oceano Atlântico, na contra-costa da Ilha de Itaparica, na contra-costa do Arquipélago de Tinharé-Boipeba e na Baía de Camamu, limitada ao norte e a oeste pela RPGA do Rio Paraguaçu, e ao sul e a sudoeste pela RPGA do Rio das Contas²⁴.

Assim, de acordo com essas informações, o município de Itatim pertence a “Bacia Hidrográfica do Recôncavo Sul”. Para essa dissertação, utilizaremos a classificação atribuída pela divisão regional que considera o “Território de Identidade do Piemonte do Paraguaçu”. Trata-se de um dos 27 Territórios de Identidade do estado da Bahia, “demarcados por critérios ambientais, econômicos e culturais, entre outros, além de observar as populações como grupos sociais relativamente distintos, os quais indicam identidade, coesão social, cultural e territorial”²⁵. Reconhecer essas diferenças é fundamental para o desenvolvimento justo e sustentável, permitindo que as políticas públicas sejam adaptadas às necessidades e interesses regionais. A participação dos representantes locais durante o planejamento de políticas públicas é essencial para garantir que as vozes e perspectivas dos membros da comunidade sejam consideradas e levadas em

²³ Disponível em: <https://www.sei.ba.gov.br>.

²⁴ Segundo essa divisão, Itatim está entre os municípios que têm menos de 40% do território nesta RPGA (Barra do Rocha, Cruz das Almas, Iaçú, Ibirapitanga, Ibirataia, Itaparica, Itaquara, Itatim, Lafaiete Coutinho, Maracás, Maragogipe, Santa Teresinha, Taperoá). Disponível em: <http://www.inema.ba.gov.br/gestao-2/comites-de-bacias/comites/cbh-reconcavo-sul/>.

²⁵ Disponível em: <http://www.cultura.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=314>

consideração durante o processo de execução.

Perafán e Oliveira (2013) apontam que os territórios vão além de um espaço geográfico delimitado por regras político-administrativas. Eles representam os espaços de vida, construído pelas relações que estabelecemos e a partir das quais é possível alcançar nossos objetivos, assim como contribuir com os objetivos dos outros. O sentido de pertencimento a um território por parte de um grupo de atores sociais pode ser compreendido se entendemos como são estabelecidas as inter-relações entre diferentes aspectos desse território, por exemplo, os movimentos sociais nele existentes, as formas de produção e comercialização, as manifestações culturais, as migrações, os sistemas agrários e o acesso à terra, o ambiente natural e os recursos (PERAFÁN; OLIVEIRA, 2013).

Figura 23. Divisão dos 27 dos Territórios de Identidade no Estado da Bahia. Destaque para o Território do Piemonte do Paraguaçu.



Fonte: <http://www.conselhodecultura.ba.gov.br/galeria/60/140/Conselho-Municipal.html>

Figura 24. Detalhe dos municípios que fazem parte da divisão (14) do Território de Identidade do Piemonte do Paraguaçu. Destaque para o município de Itatim/BA.



Fonte: http://www.cultura.ba.gov.br/arquivos/File/01_divisao_territorial_2/14_piemonte_paraguacu

Itatim, município do Território de Identidade do Piemonte do Paraguaçu, está localizado a cerca de 200 km de Salvador. As principais vias de acesso são a BR-116, BR-324 e BA-493, que liga a BR-101 a BR-116.

De acordo com o Censo Demográfico (IBGE/2022), o município tem uma população de 15.737 habitantes, com densidade populacional de 28,74 hab./km². A maior parte da população reside na área urbana desde a fundação e a taxa de urbanização do município aumentou de 63,30% em 1991 para 69,63% em 2010, apresentando um crescimento anual da população de 1,35%.

Jeová Pinto de Santana, morador local e historiador autodidata, reuniu um importante acervo de informações sobre a cidade de Itatim. Seu livro “Tanquinho de Outrora ao Itatim de Hoje” (2008), é uma das referências bibliográficas sobre a história da cidade. O conjunto documental reunido por Santana foi de grande relevância para a compreensão do processo histórico de formação da região, desde a origem como povoado, passando pela emancipação e chegando aos dias

atuais²⁶. A publicação apresenta uma variedade de informações sobre a história e a cultura de Itatim, incluindo biografias de personalidades da região, eventos cívicos e religiosos, manifestações tradicionais, fatos engraçados e curiosidades.

Entre as curiosidades, destaca-se o significado do nome do município. Segundo Santana, “Itatim” é um termo tupi que significa “bico de pedra”. Ele é formado pela junção das palavras “itá”, que significa “pedra”, e “tim”, que significa “bico, nariz”. A referência estaria relacionada ao Morro da Ponta Aguda (imagem abaixo), uma elevação geográfica próxima à cidade (SANTANA, 2008).

Figura 25. Morro da Ponta Aguda, Itatim, Bahia.



Fonte: <https://www.itatim.ba.gov.br>

Vale ressaltar que o Morro da Ponta Aguda também é uma formação rochosa granítica que faz parte de um contexto geológico encontrado em regiões do Nordeste brasileiro, mais especialmente nas porções interiores do sertão dos estados da Bahia, Pernambuco, Paraíba e Ceará. Essas formações rochosas afloram de forma abrupta na paisagem, sendo conhecidas por *inselbergs* (JATOBÁ,

²⁶ O livro "Tanquinho de Outrora ao Itatim de Hoje", de Jeová Santana, preenche uma lacuna importante na história da região. Não existe outro material impresso com tanta informação sobre a cidade em um único volume. A Biblioteca Municipal de Itatim comprova essa carência. O material disponível sobre a história do município é xerocado e encadernado, possuindo dados limitados, especialmente as suas nuances socioculturais.

1994), variando em altura e forma, dependendo do processo de desenvolvimento e litologia (BREMER; SANDER, 2000).

Ainda de acordo com Jeová Pinto de Santana, o ano de 1865 é considerado o marco para o início do processo de povoamento da região de Itatim. Isso porque, nesta data, foi instituída a Lei Provincial que autorizou a concessão da estrada de ferro que sairia de Cachoeira e São Félix e chegaria até as lavras diamantinas. Outra Lei Provincial organizou a Estrada de Ferro Central da Bahia, sob o comando do engenheiro americano Ruth Wilson, que locou os pontos por onde passariam as estradas de ferro (SANTANA, 2008).

Na época, as principais áreas identificadas pelos engenheiros para a construção da linha férrea eram as Fazendas Ponta Aguda, Tanquinho de Dentro e Morcego. Foi nesses locais que se iniciaram os primeiros núcleos populacionais da região, com a chegada de trabalhadores que participariam da implantação do empreendimento ferroviário. A construção da linha férrea foi fundamental para o desenvolvimento do centro urbano, pois movimentou o comércio local, devido à presença das famílias dos engenheiros e, principalmente, dos trabalhadores braçais que vinham de diferentes partes para atuarem nas obras da ferrovia. Foi essa aglomeração humana que consolidou a existência do povoado chamado de Tanquinho²⁷.

A ferrovia partia de Cachoeira e São Felix em direção a Chapada Diamantina na tentativa de conectar o interior a capital baiana através do Recôncavo. A linha férrea seguia o traçado dos rios, a rede das estradas gerais e os caminhos das tropas do Sertão. Com a estrada de ferro funcionando foi possível escoar a produção para as cidades de Cachoeira e Salvador, realizando também o transporte de trem de passageiros.

A chegada da ferrovia em 1865 levou uma grande esperança de progresso para o povoado de Tanquinho. Surgiram diversas atividades comerciais e um núcleo urbano mais consolidado, com a construção de casas residenciais e outros imóveis, como uma capela no centro do povoado, dedicada a Santo Antônio.

²⁷ Segundo o escritor Jeová de Santana (2008), o nome Tanquinho era em virtude de um tanque de formação rochosa existente no povoado, tendo as famílias Vieira Gomes e Rebouças como precursoras desta organização.

A capela deu início à organização religiosa e comunitária da localidade e impulsionou o comércio em seu entorno. Com o crescimento do povoado e a construção da Igreja Matriz, Tanquinho foi elevado à categoria de freguesia em 1887 e, mais de cem anos depois, em 13 de junho de 1989, o município foi criado pela Lei Estadual 5.015, publicada no Diário Oficial em 14 de junho do mesmo ano. Tanquinho foi desmembrado do município de Santa Terezinha e se emancipou em 1º de janeiro de 1990 (SANTANA, 2008).

O trem era a grande atração de Itatim nos fins do século XIX e meados do século XX, devido à importância e constante movimentação nas linhas férreas da cidade. Segundo relatos de moradores locais, durante a época de chuva, a lagoa enchia e as águas passavam sobre os trilhos, transformando o contexto em um espetáculo. De acordo com Santana, as pessoas ficavam encantadas ao ver as águas se deslocando com a passagem do trem.

Atualmente, o transporte de passageiros não existe mais e a estação local está desativada. A linha férrea continua ativa, transportando duas vezes por dia locomotivas e vagões carregados com produtos variados, como minério de ferro, combustíveis derivados do petróleo e da soja. No entanto, as lembranças do trem permanecem na memória de muitos moradores de Itatim, principalmente dos mais antigos (SANTANA, 2008). Ilustrando essa historicidade, disponibilizamos imagens históricas obtidas durante a pesquisa:

Figura 26. Estação ferroviária de Itatim, 1950.



Fonte: IBGE, 2022.

Figura 27. Praça da Matriz, 1983.



Fonte: Acervo pessoal de Vivaldo Nogueira.

Figura 28. Igreja do Morro da Ponta Aguda.



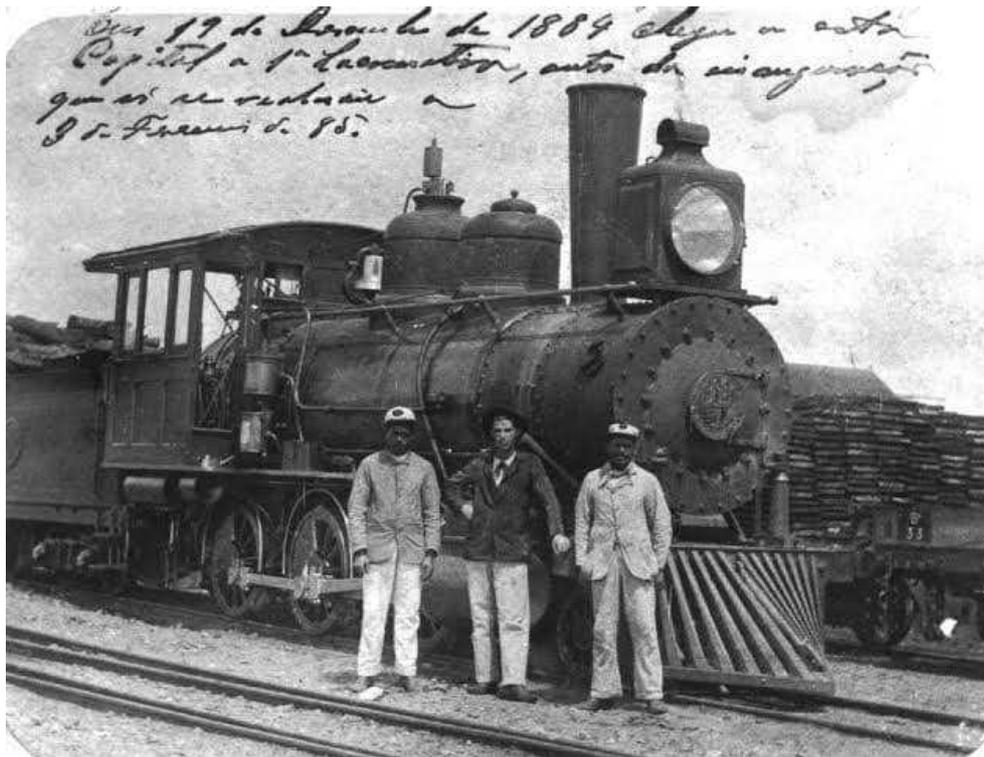
Fonte: <https://www.itatim.ba.gov.br>

Figura 29. Igreja de Nossa Senhora da Piedade, 1883.



Fonte: <https://www.meusserto.es.com.br>

Figura 30. Primeira locomotiva, 1884.



Fonte: Acervo pessoal de Vivaldo Nogueira.

Figura 31. Trem de passageiros, s/d.



Fonte: Acervo pessoal de Vivaldo Nogueira.

Figura 32. Venda de fumo de rolo, s/d.



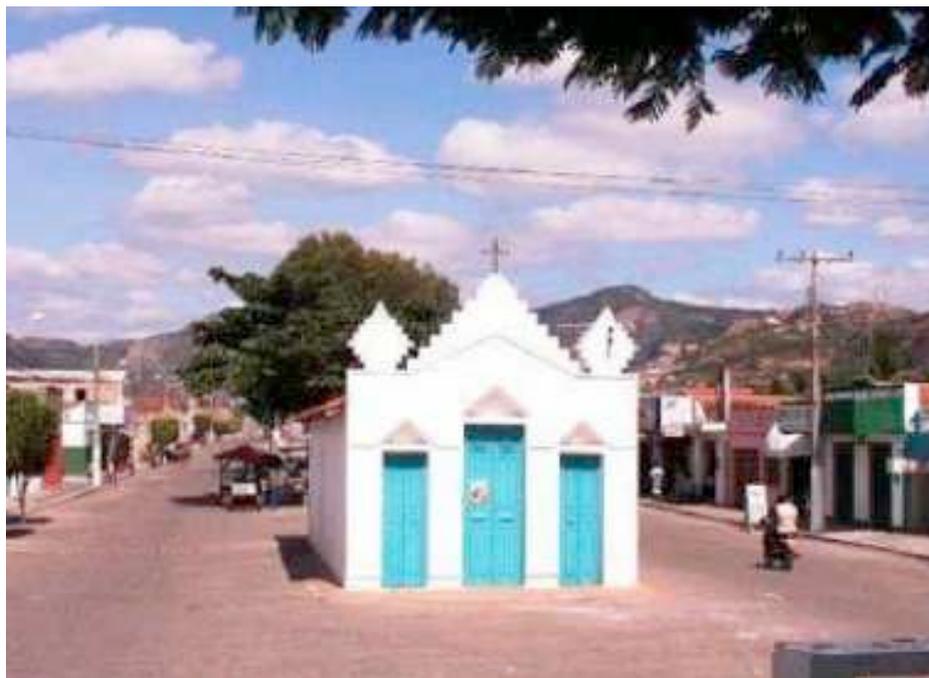
Fonte: Acervo pessoal de Vivaldo Nogueira.

Figura 33. Primeira venda de Itatim, s/d.



Fonte: Acervo pessoal de Vivaldo Nogueira.

Figura 34. Igreja de Santo Antônio.



Fonte: <https://www.itatim.ba.gov.br>

Figura 35. Igreja de N. Senhora da Conceição.



Fonte: <https://www.itatim.ba.gov.br>

Figura 36. Linha Férrea que corta o município.



Fonte: <https://www.itatim.ba.gov.br>

Figura 37. Fazenda Coité com aproximadamente 200 anos.



Fonte: <https://www.meusserto.es.com.br>

Além dos aspectos históricos, apresentados a partir de levantamentos de dados secundários, foram registradas também informações sobre os elementos culturais da região, com base em entrevistas com moradores locais. Essas entrevistas foram consideradas importantes fontes orais, pois proporcionaram o entendimento da produção artesanal desenvolvida no território (SILVA, 2019).

As entrevistas foram entendidas como uma ferramenta metodológica que auxiliou o trabalho de registro das memórias a partir de lembranças individuais e coletivas das pessoas. Esse processo de relembrar o passado, através dos relatos e das interpretações dos entrevistados, contribui para a compreensão de aspectos materiais do passado e reconstrução de características das ocupações pretéritas. É um tipo de fonte histórica que, muitas vezes, não é encontrada nos registros documentais (SILVA, 2019).

As informações culturais provenientes dos levantamentos primários apontam para a produção artesanal cerâmica na região, que, segundo os relatos, é uma atividade secular transmitida de geração em geração e possui algumas características regionais. De acordo com esses dados, em síntese, a produção segue as seguintes etapas, conforme também se vê na sequência de imagens:

- A argila utilizada é comprada no povoado de Lagoa do Canto, município de Itatim;
- A modelagem é feita a mão livre, sem o uso de torno ou qualquer outro instrumento;
- O forno utilizado é simples, feito de blocos e argila. Os objetos são empilhados dentro do forno, como em um quebra-cabeça, para que o calor circule uniformemente;
- Os materiais produzidos são utilitários, como vasos, panelas e também alguns itens decorativos;
- Os compradores desses objetos vendem em barracas montadas nas margens da BR-116, no trecho do município de Itatim, e também na feira livre de cidades circunvizinhas.

Figura 38. Detalhe do barro utilizado para a confecção dos objetos cerâmicos.



Foto: Mirta Barbosa, 2023.

Figura 39. Bloco de barro umedecido, preparado para ser moldado pelas mãos da ceramista.



Foto: Mirta Barbosa, 2023.

Figura 40. Ceramistas modelando as panelas para serem levadas para queima.



Foto: Mirta Barbosa, 2023.

Figura 41. Panelas de barro modeladas secando para serem levadas ao forno para queima.



Foto: Mirta Barbosa, 2023.

Figura 42. Chaleira de barro modelada que será levada para queima no forno.



Foto: Mirta Barbosa, 2023.

Figura 43. Forno a lenha utilizado para a queima dos objetos cerâmicos.



Foto: Mirta Barbosa, 2023.

Figura 44. Detalhe de alguns objetos cerâmicos utilitários produzidos pelas ceramistas.



Foto: Mirta Barbosa, 2023.

2.3. Breves aspectos naturais de Itatim

Segundo dados do SEI/BA (2004), o município de Itatim é constituído essencialmente por rochas cristalinas, pertencentes aos complexos de Jequié e Caraíba. O relevo é formado pelo Pediplano Sertanejo e Tabuleiro Pré-Litorâneos, com altas colinas, propícias à prática de atividades como ecoturismo e rapel. A região é caracterizada por formações rochosas distintas, destacando-se, além do morro da Ponta Aguda, os morros da Toca, Enxadão, Tiresoles e tantos outros.

O clima de Itatim é semiárido, com um alto risco de estiagem. A precipitação média anual é de 551 mm, mas pode variar de 142 mm a 1.206 mm. O período de maior precipitação ocorre entre os meses de dezembro a fevereiro, com pelo menos cinco meses secos durante o ano. A temperatura média anual é de 24,3°C, com máximas de 29,9°C e mínimas de 20,6°C.

No que diz respeito aos aspectos hidrográficos, o município é dividido em duas bacias hidrográficas: a bacia do rio Paraguaçu, na porção norte, e a bacia do rio Jequiriçá, na porção sul. As águas subterrâneas do município são do domínio hidrogeológico do cristalino, que tem comportamento de aquífero fissural. Como não existe uma porosidade primária nas rochas que compõem o domínio, a ocorrência de água subterrânea é condicionada por uma porosidade secundária representada por fraturas e fendas, o que se traduz por reservatórios aleatórios, descontínuos e de pequena extensão.

Quanto à dimensão ambiental a região está inserida no bioma da Caatinga, com muitas das espécies vegetais endêmicas, e enfrenta ventos fortes e secos, que contribuem para a aridez da paisagem durante a maior parte do ano. Assim, o território de Itatim tem a paisagem formada por uma Caatinga aberta, com árvores esparsas e solo quase descoberto. Há vegetação dos tipos Caatinga arbórea, Caatinga arbustiva aberta e floresta estacional decidual. Apresenta, também, floresta semidecídua arbóreo-arbustiva nas faces norte e sul, porém a vegetação é bastante alterada, devido a existência de muitas pedreiras em atividade (SANTOS, 1999).

Parte da vegetação é utilizada como pastagem nativa para bovinos e caprinos. A região é caracterizada pela presença de numerosos *inselbergs*, que abrigam uma vegetação de caatinga arbórea estacional semidecídua. Essa

formação perfaz um anel de 15 a 20 metros de largura na base dos *inselbergs* e se diferencia das caatingas adjacentes por ser mais densa e apresentar serrapilheira. As plantas características dessa formação são: Bromeliaceae, Cactaceae, Caesalpiniaceae, Euphorbiaceae, Fabaceae e Myrtaceae (SANTOS, 1999).

Quadro 5. Aspectos naturais de Itatim/BA.

Aspecto	Descrição	Considerações
Geologia e Geomorfologia	Rochas cristalinas, pediplano e tabuleiros pré-litorâneos	Potencial para ecoturismo e rapel (ex.: Morro da Ponta Aguda)
Clima	Semiárido, com alto risco de estiagem	Precipitação média anual de 551 mm (concentrada entre dezembro e fevereiro)
Temperatura média anual	24,3°C	-
Hidrografia	Bacias hidrográficas do Paraguaçu e Jequiriçá	Aquífero fissural com reservatórios aleatórios e descontínuos
Bioma e Vegetação	Caatinga, com muitas espécies endêmicas	Paisagem de Caatinga aberta, com árvores esparsas e solo quase descoberto
Tipos de vegetação	Caatinga arbórea, arbustiva aberta e floresta estacional decidual	Presença de inselbergs com vegetação de caatinga arbórea estacional semidecídua
Impacto humano	Vegetação alterada pela atividade de pedreiras	-
Considerações finais	Potencial para ecoturismo e turismo de aventura	Desafios: escassez de água, desertificação

Elaboração: Mirta Barbosa, 2023.

Figura 45. Caatinga - Vegetação predominante em Itatim, Bahia.



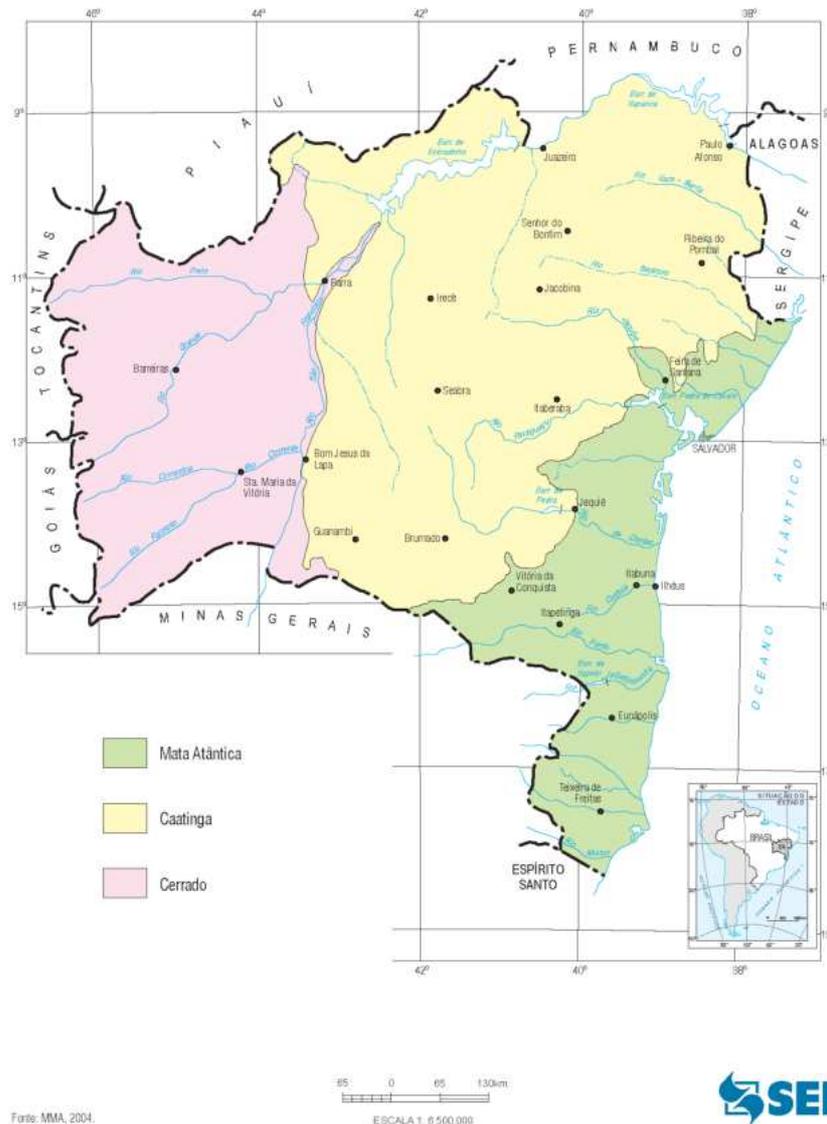
Foto: Mirta Barbosa, 2023.

Figura 46. Caatinga - Vegetação predominante em Itatim, Bahia.



Foto: Mirta Barbosa, 2023.

Figura 47. Biomas – Estado da Bahia.



Fonte: SEI/BA, 2004.

2.4. A paisagem dos *inselbergs*

O geólogo Geraldo Lima²⁸ é um dos professores e pesquisadores que se dedicam com aos estudos dos *inselbergs* da Bahia. Juntamente com outros pesquisadores da área, publicou em 2009 o livro: “Inselberge - Ilhas Terrestres”, onde buscaram caracterizar esses tipos de formações rochosas isoladas como:

[...] monumentos naturais que se destacam pela imponência ao rasgar o chão em direção ao céu. Estes monumentos retratam uma classe especial de montanha cuja configuração paisagística é

²⁸ Geraldo Marcelo Pereira Lima é Doutor em Geologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atualmente é Professor Associado II do Departamento de Geologia do Instituto de Geociências da UFBA.

marcada pela brutal proeminência topográfica e pelo total isolamento por uma planície ao seu redor (LIMA; et al. 2009, p. 18).

A literatura sobre esse tipo de monumento natural apresenta diferentes grafias para o termo, sendo as mais comuns a alemã "*inselberge*"²⁹ e a inglesa "*inselbergs*". No decorrer desta dissertação, optaremos por utilizar a grafia inglesa "*inselbergs*" para me referir a esses "*monumentos naturais*"³⁰ que ocorrem por meio de processos geológicos complexos, que expõem rochas ígneas ou metamórficas resistentes à erosão do tempo (LIMA et al., 2009).

Essas montanhas rochosas graníticas são formadas pela intensa erosão eólica e pluvial, que agem ao longo de milhares de anos sobre as rochas mais frágeis, deixando expostas as rochas mais resistentes. Essas rochas mais sólidas formam então os *inselbergs*, que se destacam pela extensão vertical e pela singularidade morfológica em meio a paisagem (TWIDALE, 1995). Cabe assim ressaltar que o crescimento dos *inselbergs* é derivado de sucessivas fases paleoclimáticas (CORRÊA, 2009). Acerca da formação dos *inselbergs*, nos explica Geraldo Lima:

[...] o consenso da maior parte dos pesquisadores, especialistas no assunto, sugere que os fatores responsáveis pela formação dos *inselberge*, [...] são: o controle estrutural existente na rocha, herdado pelas grandes movimentações tectônicas; a diferença mineralógica entre *inselberge* e as rochas adjacentes já erodidas; e a influência do clima árido e semiárido, no processo de pediplanação (LIMA et al., 2009, p. 24).

A maioria dos pesquisadores especialistas no assunto concorda que os *inselbergs* são formados ao longo de milhares de anos, em um processo complexo que envolve a ação de vários fatores, incluindo o controle estrutural da rocha, a

²⁹ "O termo *inselberge* foi criado pelo pesquisador alemão Wilhem Bornhardt, em 1900, para descrever as abruptas elevações rochosas, isoladas, encontradas nas extensas planícies da Namíbia, na África. O vocábulo adveio do alto germânico *insel* (de *insule*, alteração de *isila*, provavelmente um termo vulgar em latim: *ínsula*; ou *isle* = ilha) + *berg* (de *berc*, para então *berg*, do latim *montis* = montanha), personificando as montanhas isoladas em forma de ilhas. [...] *inselberg* é um termo acadêmico, de cunho geomorfológico [...], pouco conhecido fora das universidades" (LIMA; et al. 2009).

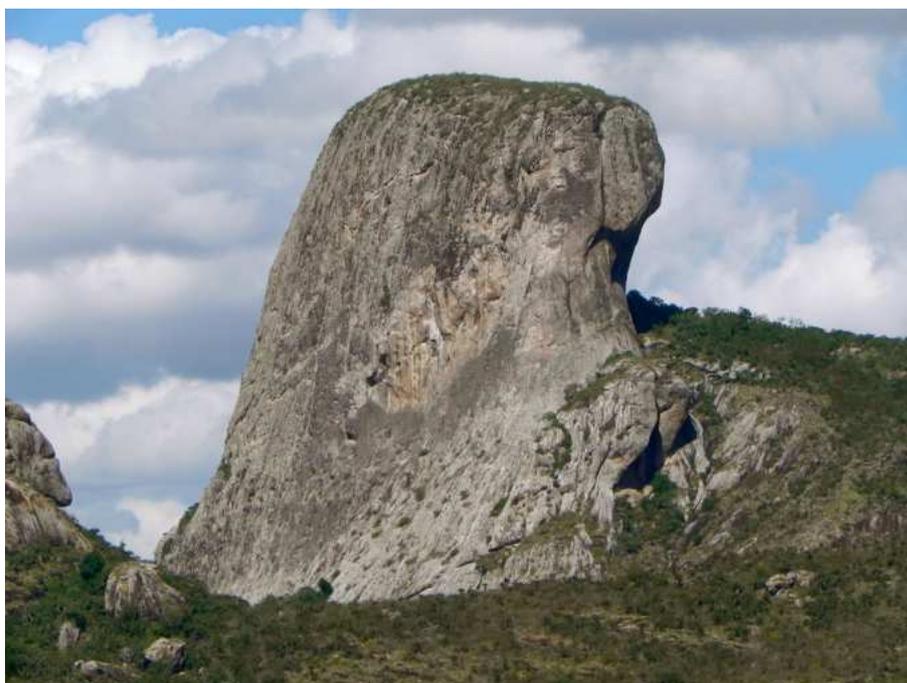
³⁰ "Monumento Natural é a categoria de Unidade de Conservação (UC) que tem como objetivo preservar a integridade de um elemento natural único, de extrema raridade ou beleza cênica, como, por exemplo, cachoeira, rochas e cânion. Pode ser constituído de áreas particulares se houver compatibilidade entre o objetivo de conservação da unidade e a utilização da terra e dos recursos naturais do local pelos proprietários". Disponível em: <https://www.ibram.df.gov.br/o-que-e-um-monumento-natural/>.

diferença mineralógica entre *inselbergs* e rochas adjacentes e a influência do clima.

Os *inselbergs* são formações rochosas isoladas que se elevam acima de uma superfície plana. Segundo Lima, essa formação está associada a dois fatores principais: 1. A natureza da rocha - os *inselbergs* são geralmente constituídos por rochas cristalinas, como o granito, que são mais resistentes à erosão do que as rochas sedimentares; 2. O clima: os *inselbergs* são mais comuns em regiões de clima árido ou semiárido, onde a erosão é mais intensa (LIMA *et al.*, 2009).

Na África e na Austrália, os *inselbergs* são comuns em regiões desérticas ou semidesérticas. Na América, eles podem ser encontrados em áreas do semiárido, como os Estados da Bahia, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte. Desta forma, como apresentado neste capítulo, a distribuição geográfica e as condições climáticas são determinantes para a formação dos *inselbergs*. É possível encontrá-los no semiárido baiano, nas bacias hidrográficas dos rios Paraguaçu, São Francisco e Itapicuru, dentre outros locais que apresentem características geoclimáticas semelhantes (LIMA *et al.*, 2009), conforme exemplo das imagens abaixo. Segundo afirma o geógrafo Aziz Nacib AB'Saber, os impactos naturais dos processos climáticos são mais evidentes, tanto na paisagem, quanto na drenagem e na biogeografia, no interior do Nordeste brasileiro (AB'SABER, 1956).

Figura 48. Inselberg Morro do Enxadaço. Itatim, Bahia.



Fonte: <https://www.itatim.ba.gov.br>

Figura 49. Inselberg Morro das Tocas. Itatim, Bahia.



Fonte: <https://www.itatim.ba.gov.br>

Os *inselbergs* são esculpido lentamente pela ação incessante da erosão eólica e pluvial. Essa modelagem gradual, ao longo de milhares de anos, revela a força da natureza e a resistência das rochas que compõem essas formações que resultam da interação entre diversos fatores: a composição das rochas (litologia), a estrutura geológica do local e o clima árido ou semiárido da região. Essa combinação única cria condições propícias para a erosão diferencial, que esculpe os *inselbergs* em suas formas características. (AB'SABER, 1956; LIMA et al., 2009).

Também conhecidos como "ilhas", os *inselbergs* são predominantemente constituídos por rochas cristalinas, como o granito, que são mais resistentes à erosão do que as rochas sedimentares ao seu redor. Essa diferença na composição das rochas, juntamente com a diversidade estrutural herdada de eventos tectônicos passados, é o que determina a forma e a altura dessas montanhas. (LIMA et al., 2009).

O controle estrutural exercido por lineamentos geológicos, como falhas e dobras, atua como um guia para a erosão diferencial, formando a morfologia singular dos *inselbergs*. Dobramentos e fraturas na rocha facilitam a infiltração da água e a ação erosiva, esculpindo formas escarpadas e declives abruptos. (AB'SABER, 1956).

O clima árido ou semiárido, caracterizado por chuvas torrenciais intercaladas com períodos de estiagem prolongada, intensifica o processo de erosão. A ação das fortes chuvas, combinada com a insolação intensa e a escassez de vegetação, promove a desagregação das rochas mais frágeis, enquanto as rochas resistentes dos *inselbergs* persistem, elevando-se acima da planície circundante. (AB'SABER, 1956; LIMA et al., 2009).

Os *inselbergs* são considerados laboratórios a céu aberto, oferecendo aos geólogos excelente oportunidade para estudar a história geológica de uma região, os processos de erosão e as mudanças climáticas ao longo do tempo. Através da análise de suas formas, estruturas e composição mineralógica, é possível perceber a complexa história geológica e os eventos que modificaram a paisagem ao longo de milhões de anos. (AB'SABER, 1956; LIMA et al., 2009).

No contexto arqueológico da região de Itatim, os elementos mais significativos dos *inselbergs* são as representações rupestres, onde diferentes grupos humanos do passado deixaram diversas figuras simbólicas que revelam os primórdios da cultura material do território. Como já mencionado em capítulos anteriores, o município possui 10 sítios com representações rupestres catalogados. Segundo o pesquisador responsável pelo mapeamento dessas áreas, em colaboração com guias locais, existem diversos outros espaços com pinturas ainda não catalogadas, o que evidencia o rico potencial pictórico dos afloramentos rochosos de Itatim.

A imponência dos *inselbergs*, tanto do ponto de vista geológico quanto arqueológico, aliada à rica diversidade biológica que abrigam em suas encostas e fendas, atrai visitantes de todo o mundo. Sua beleza natural singular proporciona oportunidades para o desenvolvimento do ecoturismo, a educação ambiental e a pesquisa científica. Portanto, a preservação desses afloramentos graníticos é fundamental para garantir a manutenção da biodiversidade local, do equilíbrio ecológico e do patrimônio natural e cultural. Através da implementação de medidas de proteção ambiental e manejo adequado, como a criação de unidades de conservação e o controle de atividades turísticas, é possível assegurar a preservação dessas formações geológicas.

2.4.1. O contexto cultural dos *inselbergs*

Considerando que a cultura pode ser compreendida como "o conjunto de atitudes, valores, crenças e comportamentos compartilhados por um grupo de pessoas, transmitido de uma geração para outra" (MATSUMOTO, 1997) é possível perceber a importância da análise do contexto cultural no desenvolvimento social de uma determinada região, sendo fundamental considerar a relação dos moradores locais com o território e com sua cultura em diferentes contextos temporais. Nesse sentido, considerando o contexto topográfico da região de Itatim formado pelos *inselbergs*, foi possível constatar a relação dos moradores que habitam essas áreas rochosas com aspectos culturais identificados em diferentes atividades praticadas no entorno das formações graníticas.

Sem dúvida, o destaque do aspecto cultural relacionado aos *inselbergs* está intimamente ligado à principal atividade econômica do município de Itatim, que diz respeito à extração de pedras proveniente da quebra das rochas graníticas. Essa atividade se concentra na produção de paralelepípedos para calçamentos, a partir do funcionamento de diferentes pedreiras que atuam na região. A existência das pedreiras em Itatim remonta a várias décadas e sua prática ainda é transmitida de geração em geração, a partir dos ensinamentos das técnicas de quebra manual e corte das pedras nos padrões exigidos pelo mercado. Tal lavra é feita sob condições socioeconômicas precárias e com imenso impacto ambiental, conforme relata Geraldo Lima:

Do ponto de vista ambiental é indubitável que o grande desafio dos *inselberge* será superar as precárias condições sociais da população que habita o seu entorno. Uma combinação explosiva pode traçar um destino irreversível para alguns desses gigantes de pedra: tornarem-se paralelepípedos ou diminuídos à condição de brita. Mesmo sendo os *inselberge* protegidos por lei, inúmeras pedreiras abertas clandestinamente atraem centenas de homens, mulheres e até mesmo crianças para suprir o sustento de suas famílias [...] (LIMA *et al.*, 2009, p. 18).

Pode-se afirmar que, apesar da representatividade e da importância dos *inselbergs* localizados em Itatim, estes ambientes encontram-se fortemente impactados pela indústria da construção civil, com a instalação de pedreiras para extração do granito, que objetivam, em sua maioria, a produção de paralelepípedos utilizados nos calçamentos de diversas cidades da região. Como consequência dessas ações antrópicas, as pinturas rupestres identificadas em alguns sítios

arqueológicos encontram-se ameaçadas de destruição, conforme vários relatos de moradores locais.

Conforme pode se ver nas imagens que seguem, o avanço das pedreiras é uma ameaça para a destruição de suportes rochosos com representações rupestres fazendo com que os mesmos desapareçam para sempre, sem a possibilidade da reconstrução histórica de sua existência, dando lugar a paralelepípedos que compõem os diversos calçamentos públicos espalhados pela região. Sendo assim, a extração clandestina de pedras, infelizmente, faz parte de uma realidade sociocultural do território que vem provocando a destruição total e parcial de muitos morros graníticos. A ação dessas empresas prejudica tanto a paisagem dos *inselbergs*, já que a região é conhecida mundialmente como um dos locais de maior concentração desse tipo de morro granítico, quanto para as representações rupestres, que estão se perdendo sem o devido controle pelos órgãos competentes.

Figura 50. Matacões sendo destruídos pela ação das pedreiras.



Foto: Paulo Laia, 2023.

Figura 51. Ação das pedreiras nos blocos graníticos próximos aos blocos com representações rupestres.



Foto: Saulo Passos, 2023.

Diferente do cenário destrutivo dos *inselbergs*, provocado pelas pedreiras que atuam no município de Itatim, outro aspecto cultural relacionado a essas rochas graníticas caracteriza-se pela preservação desses bens naturais e, também, o contexto das pinturas rupestres. Trata-se da prática do turismo de aventura, com destaque para as escaladas em diferentes morros da região e do ecoturismo, no qual se utilizam, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural como forma de incentivar a preservação da natureza e a formação de uma consciência ambiental, por meio da apreciação e usufruto racional da paisagem circundante.

Segundo a prefeitura, o município de Itatim está incluído no mapa turístico com base na temática esporte, turismo e preservação já que apresenta aspectos sociais, educacionais e culturais. Especialmente no período de férias, recebe visitantes para prática de diversos esportes de aventura como o rapel, montanhismo, “trilhas”, ciclo turismo, motocross e asa delta.

Nesse contexto preservacionista e aventureiro, se destaca na região de Itatim um grupo fundado em 2009, denominado de Calangos D'Aventura, que desenvolve atividades direcionadas para o ecoturismo e turismo de aventura, considerando o território com um dos poucos exemplares do Brasil que possuem as formações de ilhas graníticas de *inselbergs*.

A partir das ações desse grupo, Itatim e seus *inselbergs* passaram a ser referências nas práticas esportivas, o que levou à criação de outros grupos que desenvolvem o montanhismo, as “trilhas” ecológicas, visitas às pinturas rupestres, ciclismo e caminhadas. Essas atividades ajudam na movimentação do comércio local, principalmente na venda de gêneros alimentícios e em hospedagem. Em função da natureza geológica dessas formações, a cidade tornou-se um centro muito frequentado pelos praticantes da escalada esportiva. Em 2009, Itatim sediou o VIII Encontro de Escaladores do Nordeste (EENE), o mais importante da categoria no Brasil (<https://ccalangosaventura.webnode.com.br>).

Figura 52. Ciclismo - Clube Calangos da Aventura.



Fonte: Projeto Mata Branca, 2012.

Figura 53. Rapel – Clube Calangos da Aventura.



Fonte: Projeto Mata Branca, 2012.

O turismo controlado em Itatim demonstra que é possível conciliar aventura e preservação do patrimônio arqueológico. Através de medidas adequadas de manejo, educação e investimento, o turismo se torna uma ferramenta poderosa para a conservação da história e da cultura local, além de promover o desenvolvimento sustentável da comunidade.

O contato com sítios arqueológicos e representações rupestres oferece uma oportunidade única para conectar as pessoas com o passado, despertando o interesse pela história e pela cultura local. Através da experiência sensorial e imersiva proporcionada por esses locais, os visitantes podem desenvolver uma compreensão mais profunda de suas origens e da importância da preservação do patrimônio histórico e cultural.

CAPÍTULO 3. A CONSTRUÇÃO DO CONTEXTO ARQUEOLÓGICO: RELAÇÃO ENTRE REPRESENTAÇÃO RUPESTRE E PAISAGEM DO SÍTIO ENTRE MORROS

As representações rupestres são uma fonte valiosa de informações sobre as culturas e o ambiente onde diferentes grupos humanos estiveram instalados, de forma temporária ou com maior permanência. Elas nos fornecem percepções sobre as crenças, valores e práticas dos grupos humanos que as criaram, bem como sobre o ambiente natural em que viviam. Por exemplo, a presença de certos tipos de plantas e animais pode indicar a dieta, as atividades de caça e pesca, e as relações com o ambiente dos grupos humanos que as produziram.

A compreensão da paisagem pode nos propiciar novas concepções sobre as relações das pessoas com o ambiente e entre si. Isso ocorre porque a paisagem é mais do que um cenário para a ação humana; ela é um registro dessas ações, conforme corrobora Vanessa Linke e colaboradores:

Se optamos por analisar as figuras considerando seu processo de elaboração (o mesmo podendo ser dito para os painéis), temos novas possibilidades de dar sentido a escolhas e atitudes das pessoas autoras. [...] essas escolhas e atitudes são fenômenos construídos coletivamente, e que devem ser objeto de interesse dos estudos de grafismos rupestres. Convivemos com a premente queixa de que nossas análises tradicionais sequer esbarram nas motivações e nos sentidos geradores desse abundante e diverso universo de figuras [...]. O avanço em outros aspectos que nos permitam caracterizar comportamentos e percepções [...] das pessoas autoras poderá contribuir [...] para ampliar nosso entendimento e reduzir esse distanciamento entre figuras e pessoas que as produziram (LINKE *et al.*, 2020, p. 22).

Nesse contexto, a paisagem cultural do Sítio Entre Morros se revela como um marco-testemunho do ambiente natural que circunda o sítio arqueológico, com as representações existentes como objeto de estudo. Com esse objetivo, os painéis rupestres identificados foram analisados, correlacionando os aspectos naturais e culturais registrados nos três setores. Essa análise buscou identificar um padrão de inserção das pinturas na paisagem, assim como um possível padrão para suas características, que denotassem uma escolha consciente dos paredões rochosos usados por parte dos autores das pinturas (SALVIO, 2008).

A análise da relação entre a paisagem e as representações rupestres do sítio arqueológico trabalhado, parte da premissa de que este local, no passado, foi frequentado por grupos humanos para atividades cotidianas, como caça, coleta de frutos, e/ou para atividades ritualísticas de cunho religioso ou social, deixando vestígios que se preservaram ao longo do tempo (SALVIO, 2008).

Conforme já discutido, a análise dos painéis rupestres do Sítio Entre Morros indica que a escolha dos setores na rocha granítica pode ter sido influenciada por características naturais da paisagem, tais como drenagem, topografia e orientação geográfica. Essas características podem ter adquirido significados simbólicos que influenciaram a seleção do local para a realização das pinturas ou atividades relacionadas.

Este capítulo se dedica à exploração da relação entre as representações rupestres do Sítio Entre Morros e a paisagem que as envolve. Inicia-se com a caracterização da paisagem do sítio, dividindo-a em seus aspectos antrópico e natural. No âmbito antrópico, apresenta-se a localização do sítio na comunidade, caracterizando os aspectos sociais e culturais dos moradores e sua relação com as pinturas rupestres. Já no âmbito natural, a ênfase recai na descrição do ecossistema local, destacando fauna, flora, aspectos hidrográficos e geológicos, além de informações das escavações arqueológicas realizadas no local.

Após essa contextualização, o capítulo prossegue com a descrição e análise dos três setores que compõem o contexto arqueológico da área, detalhando o processo de análise dos painéis rupestres e seus resultados.

3.1. O sítio e a Comunidade Entre Morros

Localizada na zona rural do município de Itatim, Bahia, a comunidade quilombola de Entre Morros está a cerca de 7 km do centro da cidade. O acesso se dá pela BR-116 Sul e por estrada vicinal. Segundo informações da Fundação Palmares³¹, a ocupação do território remonta ao século XVII, com a chegada de negros escravizados que fugiram de fazendas em São Félix, Cachoeira e Castro

³¹ O Decreto nº 4.887/2003 regulamenta o reconhecimento de comunidades quilombolas, que se finaliza com a Certidão de Registro no Cadastro Geral de Remanescentes de Comunidades Quilombolas. Na comunidade Entre Morros, o processo nº 01420.100327/2017-59 foi concluído pela Portaria nº 91/2018, de 26 de abril de 2018.

Alves. No contexto desse povoado, encontram-se os blocos graníticos que compõem o sítio com representações rupestres, cadastrado no IPHAN com o mesmo nome da localidade.

Figura 54. Distância entre a sede do município de Itatim e a comunidade quilombola do Entre Morros.



Fonte: Google Earth, 2023. Elaboração: Luan Aquino, 2023.

A comunidade de Entre Morros baseia sua renda na agricultura familiar, voltada para o consumo interno, com destaque para o milho e a mandioca. A pecuária também é praticada em pequena escala, com criação de gado e caprinos. No entanto, a principal atividade econômica é a extração de paralelepípedos e blocos de granito em pedreiras, que vem provocando a descaracterização e o desmonte de alguns morros, com a destruição de vários sítios com representações rupestres.

Durante o trabalho de mapeamento arqueológico realizado no município de Itatim no ano de 2012, no âmbito do Projeto Mata Branca, a equipe de pesquisa promoveu encontros com os moradores da comunidade de Entre Morros. O objetivo era explicar as atividades dos arqueólogos na região e compreender a relação da comunidade com as pinturas rupestres identificadas no afloramento granítico próximo à localidade.

De modo geral, os moradores reconheceram que as representações nas rochas foram feitas por "*grupos de índios*" que habitavam a região em tempos

"*muito antigos*", mas que não residem mais no local. Há um consenso entre a população do povoado de que o significado dos desenhos é desconhecido, mas acreditam que representam animais caçados, formas do "*céu noturno*" e que o conjunto das representações pode ser uma forma de "marcar o local". (BEZERRA, 2013a.)

Figura 55. Palestra no Povoado de Entre Morros.



Fonte: BEZERRA, 2013a

Figura 56. Palestra no Povoado de Entre Morros.



Fonte: BEZERRA, 2013a

As conversas sobre arqueologia e representações rupestres realizadas na comunidade de Entre Morros foram de grande importância para conter o processo de destruição dos painéis com pinturas rupestres, especialmente diante da atuação das pedreiras na região. Os moradores se engajaram em um trabalho de informação junto aos proprietários e funcionários das pedreiras locais. Um dos resultados positivos dessa iniciativa foi a autorização para a realização de escavações arqueológicas no sítio Entre Morros, concedida tanto pelos moradores quanto pelos proprietários das pedreiras. (BEZERRA, 2013b).

3.2. Escavações arqueológicas no sítio Entre Morros

Localizado a aproximadamente 300 metros da comunidade quilombola homônima, o Sítio Entre Morros apresenta vegetação predominante de espécies xerófitas, adaptadas ao clima árido. Essas espécies possuem raízes profundas e mecanismos de retenção de umidade, como espinhos. A vegetação do sítio sofre diversos impactos da ação humana, como:

- Supressão vegetal: evidenciada pelo deslocamento de animais e abertura de vias de acesso para veículos que transportam produtos extraídos da pedreira.
- Descarte indevido de resíduos sólidos: garrafas PET, plásticos, vestimentas e calçados.
- Fragmentação florestal: presença de fragmentos florestais descontínuos, que vulnerabilizam espécies endêmicas e ameaçadas de extinção, como coroa-de-frade e bromélias. A redução populacional pode estar associada à extração comercial.
- Impacto na fauna (fragmentação do hábitat): aves se beneficiam da fragmentação do habitat para forragem, enquanto espécies de matas fechadas ficam vulneráveis à predação. Foram avistados mocós, aranhas, lagartos e aves de pequeno e médio porte. Serpentes, felinos e insetos adaptados ao ambiente urbano não foram observados. Conchas de gastrópodes foram encontradas, mas não os próprios animais. Líquens (associação de fungos e algas) são distinguíveis nas rochas.
- Desaparecimento de espécies: juazeiro, xique-xique, umbuzeiro, sabiá, quixaba, palma, mandacaru, malva branca, malícia, jurema branca, jericó, ipê roxo, faveleira, facheiro, cumaru, entre outras, não foram encontradas na área do sítio, indicando possíveis impactos em suas populações ou migração para áreas mais preservadas.

Com relação ao aspecto pedológico, o solo identificado no sítio Entre Morros caracteriza-se como arenoso, que é muito comum em áreas mais secas na Caatinga. A capacidade de retenção de água nesse tipo de solo é geralmente baixa, o que significa que o líquido disponível para as plantas é limitado, devido à textura do solo e à rápida evaporação em condições de clima árido, tendo como consequência uma baixa fertilidade natural. Por esse motivo, não existe atividade agrícola sendo desenvolvida no entorno do sítio.

No que diz respeito aos aspectos hidrográficos, o município de Itatim é constituído na porção norte pela bacia do rio Paraguaçu, enquanto a metade sul possui drenagens que fluem para a bacia do rio Jequiriçá. Com relação às águas subterrâneas, o município é ocupado unicamente pelo domínio hidrogeológico do cristalino. Porém, no entorno do sítio Entre Morros não há indícios de formação de

corpos d'água mesmo que sazonalmente, a não ser no período chuvoso. Segundo relatos de moradores locais, o curso de água mais próximo é o Riacho Grande, que fica aproximadamente a 4km e é alimentado pelo Rio Paraguassu.

Referente ao contexto geológico, o município de Itatim é constituído essencialmente por rochas cristalinas pertencentes aos complexos de Jequié e Caraíba e corpos máficos-ultramáficos diferenciados, estreitos alongados que ocorrem na porção norte e sul da região e apresenta um relevo formado pelo Pediplano Sertanejo e Tabuleiro Pré Litorâneos. E nesse cenário rochoso, a principal característica é a presença de numerosos *inselbergs* que dominam a paisagem do território, incluindo o ambiente granítico do sítio Entre Morros, onde grupos humanos do passado fizeram as pinturas rupestres.

Figura 57. Distância entre a comunidade quilombola e o sítio Entre Morros.



Fonte: Google Earth, 2023. Elaboração: Luan Aquino, 2023.

Figura 58. *Tacinga Palmadora*.
(Palmatória).



Foto: Mirta Barbosa, 2023.

Figura 59. *Encholirium spectabile*. (Macambira-de-
flecha).



Foto: Saulo Passos, 2023.

Figura 60. Contexto rochoso do sítio Entre
Morros.



Foto: Mirta Barbosa, 2023.

Figura 61. Solo arenoso característico do sítio
Entre Morros.



Foto: Saulo Passos, 2023.

Foi nessa paisagem que as escavações arqueológicas foram realizadas em 2012, no sítio Entre Morros, sob a coordenação do arqueólogo Carlos Alberto Etchevarne, conforme consta no relatório final protocolado ao Projeto Mata Branca (BEZERRA, 2013b). Naquela ocasião, dos três suportes rochosos onde estão as pinturas, foi selecionado o Setor 3 para a efetivar os trabalhos de campo, em decorrência do tamanho da área e pela quantidade de representações distribuídas na rocha.

A primeira providência tomada pela equipe de campo foi delimitar as áreas para o início das escavações. O critério adotado para o controle horizontal das intervenções arqueológicas foi a proximidade com o paredão da rocha onde aparecem as pinturas. Dessa maneira, foi possível a abertura de quatro quadras com dimensões de 1 x 1m cada uma e um pouco mais afastada da rocha, foram abertas mais duas quadras.

O procedimento adotado para controle vertical das escavações foi semelhante para as quatro quadras: decapagem por níveis artificiais de 10 em 10cm, mas, antes da retirada de sedimentos, se fez a coleta de materiais localizados em superfície. Em superfície, o solo sedimentar, em todas as quadras, se apresentou soltos, arenoso, com certa quantidade de matéria orgânica, como pequenos gravetos, folhas secas, raízes, carvões e fezes de pequenos animais.

Seguindo a decapagem, de modo geral, foi possível perceber que o solo, a partir dos 20 cm, ficou mais compactado e sem o aparecimento de vestígios arqueológicos, voltando a reaparecer a partir dos 80 cm, conforme pode se ver na descrição das sondagens.

Quadro 6. Características das quadras escavadas - Setor 3 (2013)

Características das quadras escavadas no solo do Setor 3		
QUADRAS	1	A partir de 30 cm o solo começa a ficar mais compacto e a cor, até então amarronzada, passa a ficar mais alaranjada. Essa situação estratigráfica irá se repetir nas outras quadras escavadas. O material arqueológico começa a aparecer após os 80 cm. Entre a camada estratigráfica que vai de 84 cm a 120 cm, são coletados trinta e nove fragmentos líticos, todos de artefatos lascados. Muitas dessas lascas foram identificados durante o processo de peneiramento dos sedimentos.
	2	O material arqueológico começa a aparecer após os 130 cm e vai até 150 cm. São coletados seis fragmentos líticos, todos são lascas. Muitas dessas lascas foram retiradas durante o processo de peneiramento dos sedimentos.
	3	Do nível 10 cm até 30 cm aparecem pequenos ossos de animais. O material arqueológico começa a aparecer aos 30 cm, com a coleta de uma lasca. Os artefatos só voltam a ser identificado a partir dos 80 cm e terminam em 90 cm. Todos os artefatos líticos são lascas. Muitas dessas lascas foram retiradas durante o processo de peneiramento dos sedimentos.
	4	Do nível 10 cm até 30 cm aparecem pequenos ossos de animais. O material arqueológico começa a aparecer após os 80 cm. Entre a camada estratigráfica que vai de 80 cm a 140 cm, são coletados cento e seis fragmentos líticos, todos de lascas. Muitas dessas lascas foram retiradas durante o processo de peneiramento dos sedimentos.
	5	Do nível 10 cm até 30 cm aparecem pequenos ossos de animais. Não há evidências de material arqueológico.

Elaboração: Mirta Barbosa, 2023.

Figura 62. Sítio Entre Morros. Escavação de uma das quadras do Setor 3. Decapagem dos sedimentos.



Fonte: BEZERRA, 2013b.

Figura 63. Sítio Entre Morros. Detalhe de uma pintura localizada acima de uma das quadras escavadas.



Fonte: BEZERRA, 2013b.

Figura 64. Sítio Entre Morros. Setor 3. Peneiramento dos sedimentos retirados da quadra.



Fonte: BEZERRA, 2013b.

Figura 65. Sítio Entre Morros. Setor 3. Peneiramento dos sedimentos retirados da quadra.



Fonte: BEZERRA, 2013b.

Figura 66 Vista de duas quadras no Setor 3.



Fonte: BEZERRA, 2013b.

Figura 67. Vista de duas quadras no Setor 3.



Fonte: BEZERRA, 2013b.

3.3. Análise dos painéis rupestres do sítio Entre Morros e suas relações com a Paisagem

O procedimento de estudo dos painéis rupestres do sítio Entre Morros exigiu a realização de uma série de atividades. A elaboração da ficha documental e as visitas a campo foram etapas fundamentais para a coleta de dados básicos sobre os painéis como o contexto natural e o estado de conservação. A aplicação complementar de outras ferramentas analíticas, como o *DStretch* e o *Apexel*, permitiram obter informações adicionais sobre as pinturas, como a identificação de pinturas imperceptíveis a olho nu e alguns pigmentos sobre o suporte.

A análise dos painéis rupestres e suas relações com a paisagem é um estudo abrangente que busca refletir a profunda conexão entre as representações rupestres e o ambiente natural em que foram criadas. Esse estudo de observação vai além da mera descrição das imagens, buscando compreender os motivos pelos quais os grupos humanos do passado escolheram determinados locais para registrar suas expressões e qual o significado simbólico que as representações possuem em relação ao entorno. (LINKE *et al.*, 2020).

Na análise de representações rupestres e seus autores, os processos cognitivos e perceptivos são considerados como fenômenos complementares e inter-relacionados às formas de apreensão, compreensão e construção da realidade. A percepção da paisagem varia de acordo com a posição que cada indivíduo ocupa em seu interior e com a atividade social que ele desenvolve. A paisagem é composta pela soma de todas as relações que os indivíduos estabelecem com ela, relações essas que se expressam na considerável diversidade de sistemas materiais e representações simbólicas presentes. (TILLEY, 1994)

Essas abordagens fornecem aos arqueólogos ferramentas conceituais valiosas para auxiliar na compreensão dos aspectos simbólicos e dos valores significativos que foram atribuídos à paisagem natural no passado pelos grupos humanos que habitavam o local, conforme síntese abaixo:

1. Escolha dos Locais de Pintura:

A análise de diversos aspectos da paisagem, como topografia, vegetação, recursos hídricos e outros elementos, pode fornecer indícios sobre as razões pelas quais os

grupos humanos escolheram determinados locais para criar suas representações rupestres. Fatores como abrigo natural, acesso à água, vista panorâmica e significado simbólico do local podem ter influenciado essa decisão.

2. Representações da Paisagem:

As próprias representações rupestres podem conter elementos da flora, fauna, topografia e outros componentes da paisagem da época; A análise dessas representações pode fornecer informações sobre o ambiente natural em que os grupos humanos viviam, as espécies animais e vegetais que existiam na região e como eles interagiam com esse ambiente.

3. Significados Simbólicos:

A relação entre os painéis rupestres e a paisagem pode ter um significado simbólico que vai além da mera representação; Elementos da paisagem podem ter sido utilizados para transmitir mensagens, crenças e valores culturais; A análise da posição das pinturas, dos elementos representados e das cores utilizadas podem ter significados específicos para determinados grupos.

4. Mudanças Ambientais:

A análise dos painéis rupestres pode fornecer informações sobre como a paisagem mudou ao longo do tempo; A presença ou ausência de determinadas espécies animais ou vegetais nas pinturas pode indicar mudanças climáticas ou na ocupação humana da região.

5. Relação Homem-Natureza:

A análise da relação entre os painéis rupestres e a paisagem pode contribuir para uma melhor compreensão da relação entre os grupos humanos do passado e o meio ambiente; podemos tentar compreender sobre como eles utilizavam os recursos naturais, como se relacionavam com a fauna e flora e como a paisagem influenciava sua vida cotidiana.

3.3.1. Elaboração da ficha documental e visitas a campo

Para iniciar a pesquisa no sítio, foi necessária a idealização e estruturação da ficha de campo. Para isso, baseei-me no modelo utilizado nas pesquisas de Carlos Alberto Etchevarne (2006), durante a execução do Projeto Homem

Natureza, quando sua equipe de Arqueologia fez o mapeamento de sítios com representações rupestres em todo território baiano. Posteriormente, essa ficha foi adaptada pelo arqueólogo Carlos Costa (2012), em decorrência dos estudos desenvolvidos para a elaboração da sua tese de doutorado. Além dessas referências, utilizamos tópicos da ficha de Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do IPHAN (CNSA/IPHAN) e protocolos apresentados no Manual de Campo do Arqueólogo (2015).

A ficha que foi utilizada na pesquisa reúne informações importantes sobre o sítio, as pinturas e seu contexto, que podem ser aplicadas para estudos arqueológicos, históricos e, até mesmo, antropológicos. Sobre isso, o arqueólogo Carlos Costa explica em sua tese:

(...) à medida que se vai aprofundado no conhecimento físico do sítio, vão sendo agregadas informações de natureza analítica, de maneira a permitir uma leitura inicial do espaço abordado (COSTA, 2012, p. 155).

As informações de natureza analítica (COSTA, 2012), podem ser aplicadas a qualquer tipo de sítio arqueológico, mas é especialmente relevante para sítios que são pouco conhecidos ou que são mais complexos para realização dos estudos. Nesses casos, os arqueólogos precisam acumular uma grande quantidade de informações antes de poder gerar interpretações significativas.

Isso significa que, à medida que os arqueólogos estudam um sítio arqueológico, vão acumulando informações sobre o aspecto físico, como localização, topografia, vegetação etc. Essas informações são então usadas para gerar conhecimentos sobre o sítio, que permitem uma compreensão inicial do espaço.

Desta forma, a ficha de campo inicia-se com informações sobre a localização espacial e geográfica do sítio arqueológico Entre Morros, incluindo os dados de cadastramento no IPHAN, o proprietário da área, o contato do colaborador local e os aspectos ambientais. Em seguida, são apresentadas informações mais detalhadas sobre cada espaço utilizado para a pintura, destacando as características dos painéis, das representações, um croqui da área (quando possível), o estado de conservação do bloco rochoso, observações e

dados sobre o preenchimento da ficha. Tendo esse documento como referência, a próxima etapa foram as visitas programadas para o sítio pesquisado.

Por se tratar de um sítio de fácil acesso e três setores de análise, foram realizadas três visitas a campo. A primeira, em 2021, contou com a presença do orientador dessa investigação de mestrado, o professor Carlos Costa (UFRB), da professora Viviane Silva Santos (UFRB) e do arqueólogo Alvandyr Bezerra. A segunda, em 2023, contou com a participação do professor Luydy Fernandes (UFRB), do arqueólogo Alvandyr Bezerra e do mestrando do em Arqueologia Paulo Laia (UFRB), que realizou alguns registros fotográficos utilizados nesta pesquisa. A terceira visita a campo ocorreu em 2023 contou com a participação do biólogo Saulo Passos, da estudante de Artes Juliana Tanaka (UFBA), que realizaram levantamentos dos dados de campo em suas respectivas áreas de atuação acadêmica. Nesta terceira etapa Alvandyr Bezerra também esteve presente de forma esporádica.

Figura 68. Primeira visita de campo realizada em 2021.



Foto: Mirta Babosa, 2021

Figura 69. Segunda visita de campo realizada em 2023.



Foto: Paulo Laia, 2023

Figura 70. Terceira visita de campo realizada também em 2023.



Foto: Mirta Babosa, 2023

3.3.2. Procedimentos analíticos dos painéis rupestres

O processo de análise de um sítio com representações rupestres é gradual e se desenvolve à medida que os pesquisadores vão adquirindo mais conhecimento sobre o contexto paisagístico do local e, principalmente, com a distribuição espacial das pinturas nos suportes rochosos. No início das observações *in loco*, as interpretações são baseadas em informações limitadas, mas à medida que o estudo avança, elas se tornam mais complexas e detalhadas. Trata-se também de um processo que se retroalimenta à medida em que o conhecimento vai se aprofundando, no qual as concepções iniciais geram novas perguntas, que levam a novos estudos e a novos conhecimentos; essa interação pode continuar por muito tempo, à medida que se vai aprendendo sobre o sítio.

Nesse aspecto, as informações de natureza analítica vão sendo agregadas à medida que o conhecimento físico de um sítio arqueológico se aprofunda, principalmente, a partir da obtenção de dados resultantes dos levantamentos de campo, como, por exemplo, a relação do contexto ambiental com os locais das pinturas, a identificação das atividades humanas que ocorreram no espaço e, se possível, a datação das estruturas e artefatos encontrados. Esses elementos informativos podem ser usados para gerar entendimentos sobre o sítio arqueológico, como o período de ocupação e as funções.

No contexto específico dos painéis rupestres do sítio Entre Morros, utilizamos três procedimentos analíticos específicos considerando as relações com a paisagem natural: 1. A localização e características dos painéis nos três suportes rochosos de granito; 2. O tema representado nos painéis rupestres: o procedimento analítico possibilita a identificação de variados motivos pintados, como figuras humanas, animais, símbolos geométricos ou cenas; 3. Além de todas essas perspectivas, também houve a análise das sobreposições, em que uma imagem é pintada sobre outra, para se obter datações relativas a partir da sequência de pinturas.

No caso da primeira etapa da análise, referente a observação e descrição geral dos painéis rupestres nos três espaços pintados, foi levado em conta a localização das pinturas na rocha, as características do suporte rochoso, o estado

de conservação e as dimensões. Cabe aqui ressaltar que o conceito de painel utilizado nesse estudo corresponde a um conjunto de pinturas relacionadas por proximidade e formalmente entre si no agenciamento das representações. Essas relações podem ser de proximidade estilística, de posição associada ou de superposição de motivos. A proximidade estilística significa que as figuras têm um estilo semelhante, seja em termos de forma, tamanho, cor ou técnica (ETCHEVARNE, 2007).

A segunda etapa da análise foi a verificação das imagens representadas nos painéis com pinturas e os pigmentos utilizados na sua elaboração. As representações rupestres podem ser agrupadas, conforme a possibilidade de identificação por parte do pesquisador. Existem quatro classes de imagens que podem ser encontradas nas pinturas rupestres, identificadas segundo a percepção do universo cognitivo ocidental: antropomorfos, zoomorfos, fitomorfos e geométricos. Essa classificação é uma forma de facilitar a compreensão e a análise das pinturas. No entanto, é importante lembrar que essa classificação é subjetiva e que nem sempre é possível identificar com certeza o significado das representações (ETCHEVARNE, 2007):

- Antropomorfos: figuras que representam seres humanos inteiros (ex. caçadores, dançarinos e guerreiros); apenas partes do corpo (ex. mãos, pés e cabeças); ou figuras humanas estilizadas (ex. círculos ou linhas);
- Zoomorfos: figuras que representam animais reais (ex. veados, onças e pássaros); fantásticos (como dragões ou monstros); ou animais estilizados (ex. formas geométricas);
- Fitomorfos: figuras que representam plantas reais (ex. árvores, flores ou frutos); estilizadas (ex. formas geométricas); ou plantas com características antropomórficas (ex. árvores com rostos);
- Geométricos: figuras que representam formas geométricas (ex. círculos, quadrados, triângulos, linhas, pontos, espirais, etc., em composições de diferentes graus de complexidade). Os motivos geométricos são comuns em pinturas rupestres de todo o mundo.

Com relação aos pigmentos utilizados nas pinturas rupestres, em sua maioria são de origem mineral. O preto é a única exceção, pois podia ser produzido a partir de pirolusita ou de materiais orgânicos, como carvão vegetal, fuligem ou

outros (ETCHEVARNE, 2007). Para a confecção os pigmentos eram moídos até formar um pó e misturados com água ou outro aglutinante para criar uma tinta que pudesse ser aplicada às superfícies rochosas (LAGE, 1997; ETCHEVARNE, 2007).

Figura 71. Exemplo de minerais que deram origem a alguns pigmentos e que foram utilizados nas representações rupestres.



No caso da Bahia, por exemplo, Carlos Etchevarne (2007) afirma que as pinturas rupestres registradas por ele em diferentes regiões do Estado, foram feitas a partir da utilização de duas técnicas de aplicação de pigmentos: a úmida e a seca, sendo a segunda a mais comum. Na técnica úmida, os pigmentos pulverizados eram misturados com veículo líquido (provável que água) em proporções diferentes. A quantidade de líquido determinava a consistência da mistura, resultando em uma tinta mais ou menos espessa, chegando a forma pasta.

As tintas mais aquosas permitem que a luz passe pela superfície da pintura, revelando o suporte rochoso. Isso ocorre porque a água evapora, deixando os pigmentos suspensos no ar. As emulsões espessas e as pastas são mais opacas, pois não permitem a passagem da luz. Isso ocorre porque elas são mais densas e possuem um maior teor de pigmentos. As emulsões e as pastas são usadas para criar figuras mais detalhadas e com mais contraste, como a representação de figuras humanas ou animais (ETCHEVARNE, 2007).

Sobre a pintura rupestre a seco, Etchevarne explica que os blocos minerais eram aplicados diretamente sobre o suporte rochoso “à maneira de lápis ou giz” e que a rugosidade da rocha ajudava a fixar os pigmentos e a garantir a precisão dos traços (*crayon*). As pinturas rupestres a seco, identificadas até o momento na

Bahia, são predominantemente vermelhas, feitas com hematita e outros pigmentos minerais que resultam nessas tonalidades. Em menor frequência, também são encontrados pigmentos pretos, feitos com carvão ou óxido de manganês, representando motivos geométricos até figuras de animais, como grades, traços paralelos, peixes e felinos (ETCHEVARNE, 2007).

A terceira etapa foi a tentativa de identificação das sobreposições nos painéis do sítio, observando sua incidência em diferentes partes da rocha. Para a efetivação dessa análise nos suportes, foi utilizado o aplicativo denominado *DStretch*, o qual, a partir do tratamento automatizado de fotografias digitais por “alongamento por de correlação”, amplifica a visualização, aumenta a separação das cores em camada distintas e permite melhorar a visualização de pigmentos imperceptíveis ao olho nu, evidenciando formas não visíveis.

Na representação rupestre, os suportes rochosos variam em composição mineralógica conforme a região na qual eles estão inseridos. No caso da região de Itatim, na Bahia, o suporte rochoso é granítico. A decomposição da imagem digital com *DStretch* permite acompanhar a evolução e degradação dos componentes do suporte e das comunidades micro e macrobióticas instaladas na superfície, fenômenos que podem ser identificados através de diferentes tons e texturas na figura (MARTÍNEZ, 2010).

O *DStretch*³², é um plug-in para *ImageJ* desenvolvido por Jon Harman³³ que permite evidenciar imagens desgastadas em painéis rupestres. Ele funciona decompondo a imagem original em bandas RGB e aplicando uma série de operações matemáticas estatísticas (algoritmo de correlação) sobre as informações quantitativas nela contidas. O resultado é uma nova imagem que permite visualizar motivos antes difíceis de perceber na imagem real, bem como fazer a distinção entre diferentes sobreposições e tipos de pigmentos utilizados (MARTÍNEZ, 2010).

³² Disponível em: <https://www.dstretch.com/index.html>.

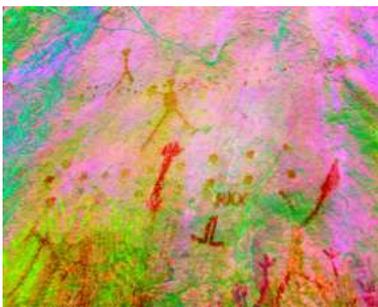
³³ Bacharel e Doutor em matemática, membro da “*Bay Area Rock Art Research Association*” (BARARA), da “*Society for California Archaeology e da American Rock Art Research Association*” (ARARA). Disponível em: <http://rockartresearch.org/jon-harman.htm>.

Figura 72. Exemplos de utilização do aplicativo *DStretch* no Setor 1.

Setor 1



Imagem original



DStretch-CRGB



DStretch-YYE

Figura 73. Exemplos de utilização do aplicativo *DStretch* no Setor 2.

Setor 2

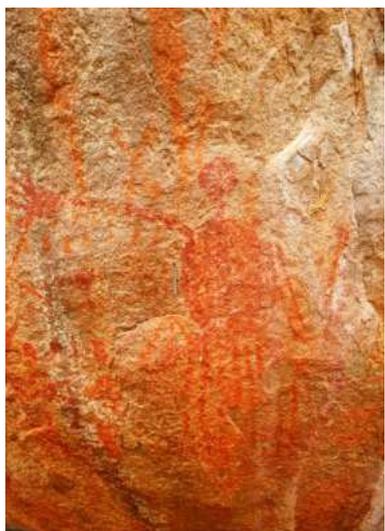
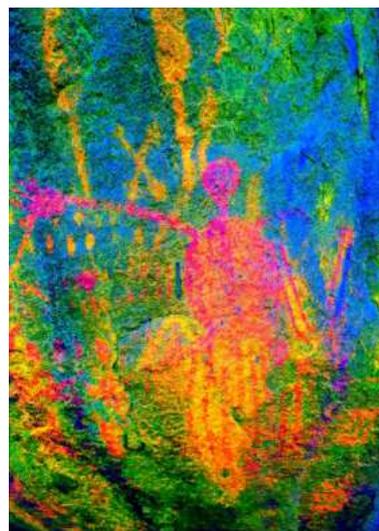


Imagem original

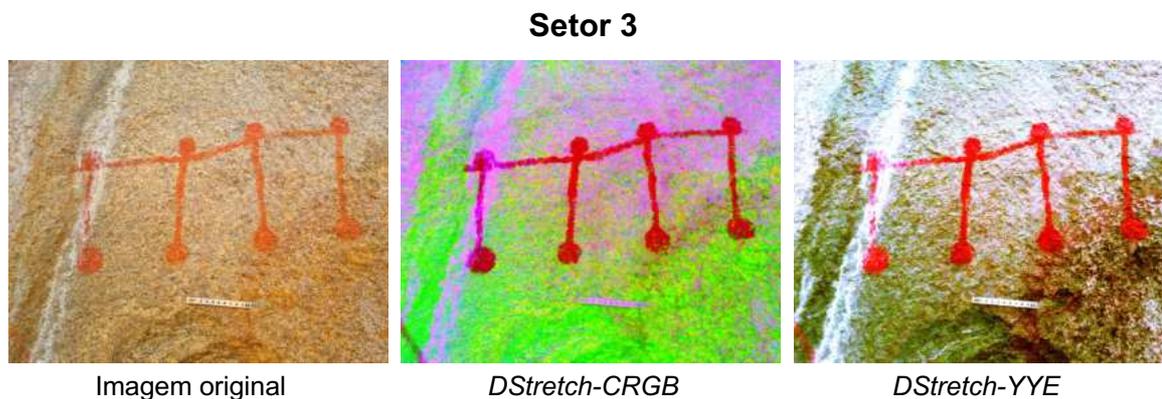


DStretch-CRGB



DStretch-YBK

Figura 74. Exemplos de utilização do aplicativo *DStretch* no Setor 3.



As diferentes características da relação entre o fluxo de radiação que incide numa superfície e o fluxo de radiação que é refletido, tanto do suporte como das pigmentações, condicionam os resultados obtidos após a aplicação dos espaços de cores pré-determinados pelo *DStretch* (GUEDES, 2016). Acerca deste debate, Elia Martínéz exemplifica:

Na arte rupestre de Múrcia, embora os suportes sejam em grande parte de composição calcária, a sua natureza (...) varia de acordo com as diferentes proporções de minerais básicos em cada área. Além disso, o ambiente seco (...) poderá ter favorecido a utilização de aglutinantes ou preparações prévias dos painéis que poderiam afetar, mesmo de forma muito sutil, as variações cromáticas da imagem resultante (MARTÍNEZ, 2010, p. 22, tradução nossa).

Em relação às pigmentações, uma das vantagens oferecidas por este *plug-in* é a possibilidade de diferenciar seus distintos tipos através das variações de intensidades e tons presentes em um painel. Dependendo do estado de degradação, também é possível distinguir algumas técnicas de execução aplicadas, como por exemplo, a fricção de fragmentos de ocre ou carvão, o uso de pincéis, a utilização de sopradores ou aplicações digitais diretas.

Além disso, o software *Image-J* oferece outras possibilidades para o processamento de imagens de instrumentos mais precisos. Por exemplo, o uso de um microscópio USB portátil favorece a análise das respostas de absorção do suporte e dos pigmentos, fornecendo maior detalhamento do material geológico e dos processos de alteração físico-química (MARTÍNEZ, 2010). Para essa função,

foi utilizada lente microscópica Apexel, de ampliação ultra HD Digital (200x) com LED³⁴.

Figura 75. Utilização da lente de aumento “Apexel” para registro do suporte granítico e posterior aplicação do aplicativo “DStretch” para evidenciar o pigmento.

Pigmentos através da lente de aumento Apexel

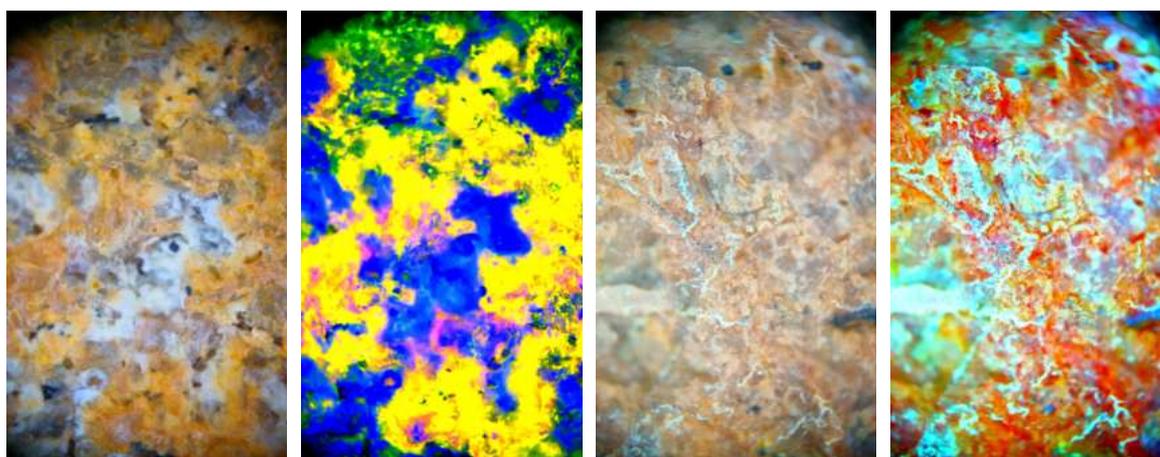


Imagem original
(pigmento amarelo) –
utilização de lente
microscópica Apexel

DStretch-YBK
Destaque do
pigmento amarelo

Imagem original
(pigmento vermelho –
óxido de
ferro/hematita) –
utilização de lente
microscópica Apexel

DStretch-YDR
Destaque do
pigmento vermelho –
óxido de
ferro/hematita

Uma vez realizada a transformação do espaço de cores na imagem, os resultados serão condicionados por diversos motivos, considerando as proporções das matérias-primas utilizadas na composição dos pigmentos, a permeabilidade do suporte ou erosões e contribuições de água mais ou menos contínuas. Todos esses fatores alteram o estado da tinta e causam diferenças de cor na aplicação do cálculo algorítmico. Por este motivo, algumas vezes, é aconselhável aplicar vários espaços de cores na mesma imagem de entrada, para que diferentes figuras possam ser destacadas de maneira alternada, isoladas ou em grupos, sobreposições ou composições, de acordo com os tons originais e o estado de degradação (MARTÍNEZ, 2010).

³⁴ Microscópio Apexel é um acessório profissional para câmeras de smartphones com revestimento multicamadas e ampliação ultra macro. Disponível em: <https://www.apexellens.com/>.

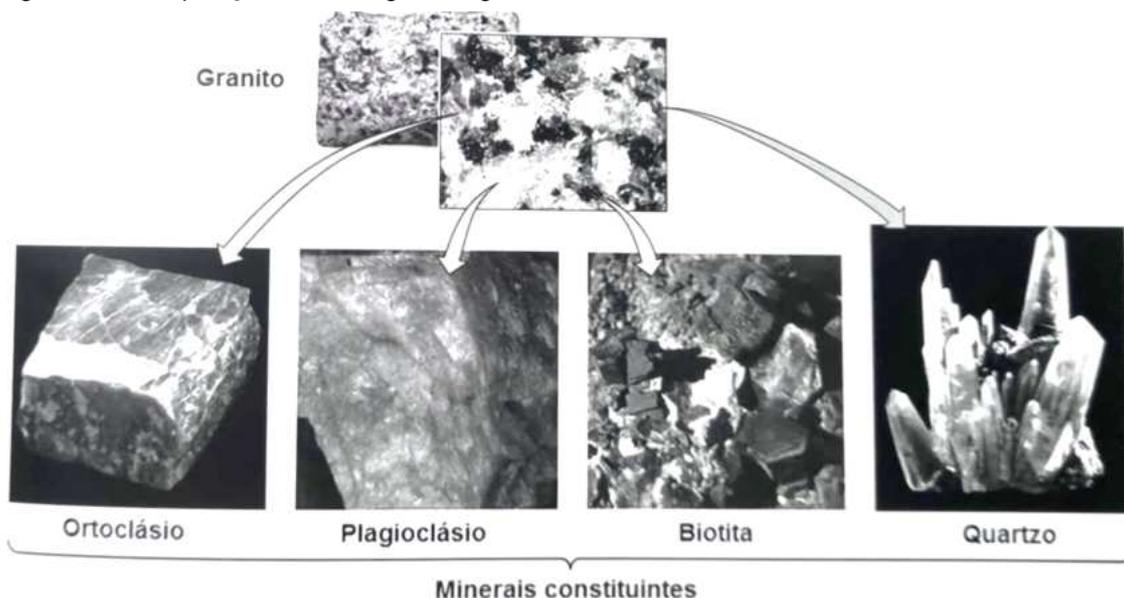
3.3.3. Suporte e pigmento

Uma das análises realizadas durante a pesquisa foi relacionada à aderência do pigmento ao suporte rochoso granítico dos *inselbergs* no sítio Entre Morros. Essa análise foi importante, pois a elaboração das pinturas sobre a rocha é uma atividade complexa e desafiadora, em decorrência da porosidade e irregularidade da superfície do granito.

Segundo Geraldo Lima e colaboradores (2009), o granito é uma rocha magmática intrusiva, também conhecida como rocha plutônica, formada pelo resfriamento lento do magma a grandes profundidades da crosta terrestre. A composição do granito varia de acordo com a composição do magma a partir do qual ele se formou. Magmas mais ricos em sílica tendem a produzir granitos com maior proporção de quartzo e menor proporção de feldspato. Magmas mais ricos em sódio e potássio tendem a produzir granitos com maior proporção de feldspato alcalino e menor proporção de plagioclásio.

Os *inselbergs* são formados por rochas plutônicas ácidas, que são ricas em sílica. Essas rochas podem ser metamorfizadas ou não. As rochas plutônicas ácidas são compostas de dois grupos principais de minerais: os félsicos e os máficos. Os minerais félsicos, como o feldspato e o quartzo, conferem cor clara às rochas. Os minerais máficos, como a olivina, o piroxênio, o anfibólio e as micas, conferem cor escura às rochas (LIMA *et al.*, 2009).

Figura 76. Composição mineralógica do granito.



Fonte: LIMA *et al.*, 2009, p. 55.

A superfície granítica não possui grãos de tamanhos uniformes, sendo possível que tenham se formado em diferentes momentos e em diferentes condições de cristalização (LIMA *et al.*, 2009).

Os pigmentos aplicados no suporte rochoso, em geral, eram obtidos basicamente a partir de óxidos de ferro triturados e dissolvidos em algum ligante líquido ou “semilíquido”, talvez até um ligante gorduroso ou resinoso. Esse ligante conferia uma certa viscosidade ao pigmento, facilitando a aplicação na rocha. Essa possibilidade pode ser verificada nos traçados fortes e largos, na maior parte das representações.

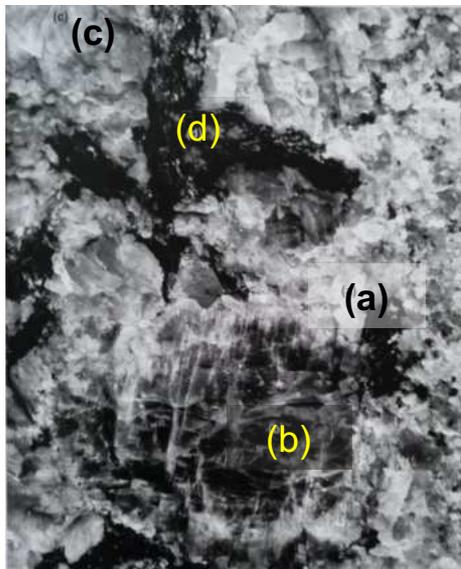
Durante as análises comparativas dos dados da pesquisa com a descrição mineralógica da rocha granítica, foi possível perceber que os pigmentos aplicados na superfície rochosa dos painéis aderiram a área do quartzo. Essa aderência pode ser explicada pela estrutura cristalina do quartzo, que é composta por moléculas unidas por ligações covalentes fortes. Essas ligações tornam o quartzo um material muito resistente à erosão e à fragmentação, o que facilita a fixação dos pigmentos.

A imagem ilustrativa disponibilizada por Geraldo Lima e colaboradores, apresentada abaixo, mostra a ampliação de uma superfície rochosa granítica. Ao lado, acrescento uma foto ampliada através da lente Apexel da superfície granítica com pigmento amarelo e outra com tratamento utilizando o *DStretch*. As imagens

revelam que os pigmentos estão fixados principalmente aos grãos de quartzo. Em alguns casos, os pigmentos também estão aderidos a outros minerais, como o feldspato e a mica. No entanto, a aderência aos grãos de quartzo é mais evidente.

Nesse sentido, percebe-se que a aderência dos pigmentos ao quartzo pode ser um fator importante que afeta a preservação das pinturas rupestres. Os pigmentos que se consolidaram ao quartzo são mais resistentes à erosão e à fragmentação, o que aumenta suas chances de sobreviver ao longo do tempo.

Figura 77. Detalhe de um maciço rochoso granítico.



Exemplo de textura grossa e inequigranular, caracteristicamente encontrada nos maciços dos *inselberge*, de minerais como: quartzo (a), pórfiro de plagioclásio (b), feldspato alcalino (c) e biotita (d). Fonte: LIMA *et al.*, 2009, p. 57.

Figura 78. Detalhe de um maciço rochoso granítico do sítio Entre Morros. Pigmento amarelo sobre o quartzo.

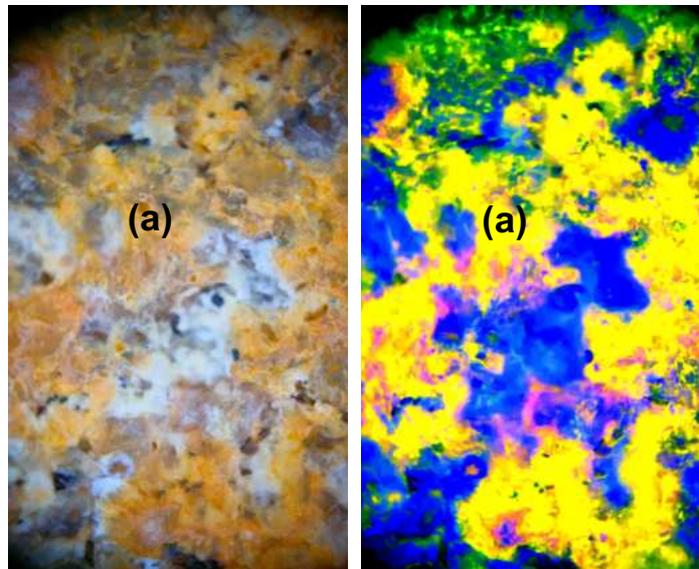


Foto: Mirta Barbosa, 2023
Tirada com o uso da lente Apexel (pigmento amarelo)

DStretch-YBK
Destaque do pigmento amarelo

O sítio Entre Morros é composto por uma concentração de cinco ou seis *inselbergs* graníticos, um deles em avançado estado de esfacelamento por retirada de pedras. Tendo como referência as quatro etapas descritas anteriormente e como forma de organizar a análise do contexto ambiental e das representações, o sítio Entre Morros foi dividido três setores, cada um deles caracterizado pela associação entre a saliência de um dos cinco *inselbergs* e as pinturas rupestres nele localizadas, conforme ilustrações abaixo:

Figura 79. Entre Morros. Imagem dos três setores de análise a partir do Google Earth.



Fonte: Google Earth, 2023. Elaboração: Luan Aquino, 2023.

Figura 80. Entre Morros. Identificação dos setores de pintura, conforme a identificação nos *inselbergs* do sítio.



Foto: Mirta Barbosa, 2022

3.3.4. Análise de Campo e Laboratório:

A pesquisa teve como objetivo analisar o Sítio de Representação Rupestre Entre Morros, utilizando o método proposto por Copé e Rosa (2016). Esse método, composto por etapas interligadas, permite o reconhecimento e a descrição das representações rupestres nos sítios arqueológicos.

Partimos da compreensão de que o painel rupestre é composto por um conjunto de imagens realizadas em uma rocha ou outro suporte natural, formando uma unidade visual. Essas representações podem ser agrupadas de acordo com critérios de identificação, como nas classes propostas por Etchevarne (2007): antropomorfas, zoomorfas, fitomorfas e geométricas. Essa classificação visa facilitar a compreensão e a análise das representações rupestres, pois se baseia no universo cognitivo do pesquisador. Por essa mesma razão, a classificação é subjetiva, e nem sempre é possível identificar com total certeza o significado das figuras.

Como forma de apresentar as ações realizadas para analisar o contexto rupestre dos painéis gráfico do sítio Entre Morros, segue abaixo uma síntese das etapas de campo e laboratório, que foram de suma importância para os resultados do trabalho:

1. Etapas de campo:

- Contemplação e estudo detalhado das representações nas paredes, tetos e blocos caídos de um abrigo sob rocha ou outro suporte rochoso.
- Verificação se as representações constituem painéis (conjuntos de representações próximos no espaço).
- Separação dos painéis quando há espaços vazios entre os grupos de figuras, acidentes topográficos do suporte rochoso, temas, figuras ou cenas diferenciadas.
- Numeração dos painéis e das figuras.
- Descrição das representações de forma isolada e por painéis.
- Fotografias.

- Verificação das técnicas de cada representação:
- Nas pinturas: tipo de contorno, largura do traço, técnica de preenchimento da figura, análise do traço do contorno e do interior para descobrir quais instrumentos foram utilizados, análise de superposições, ação do sol e das intempéries.

2. Etapas de laboratório:

- Análise de todos os painéis e de cada representação em detalhe.
- Análise em diferentes níveis:
- Descritivo: elementos morfológicos da figura, regras de composição, perspectiva e dados técnicos de realização.
- Interpretativo: universo cultural contido na figura a partir do universo cultural do pesquisador.

3.4. Setor 1

Figura 81. Sítio Rupestre Entre Morros. Vista geral do Setor 1.

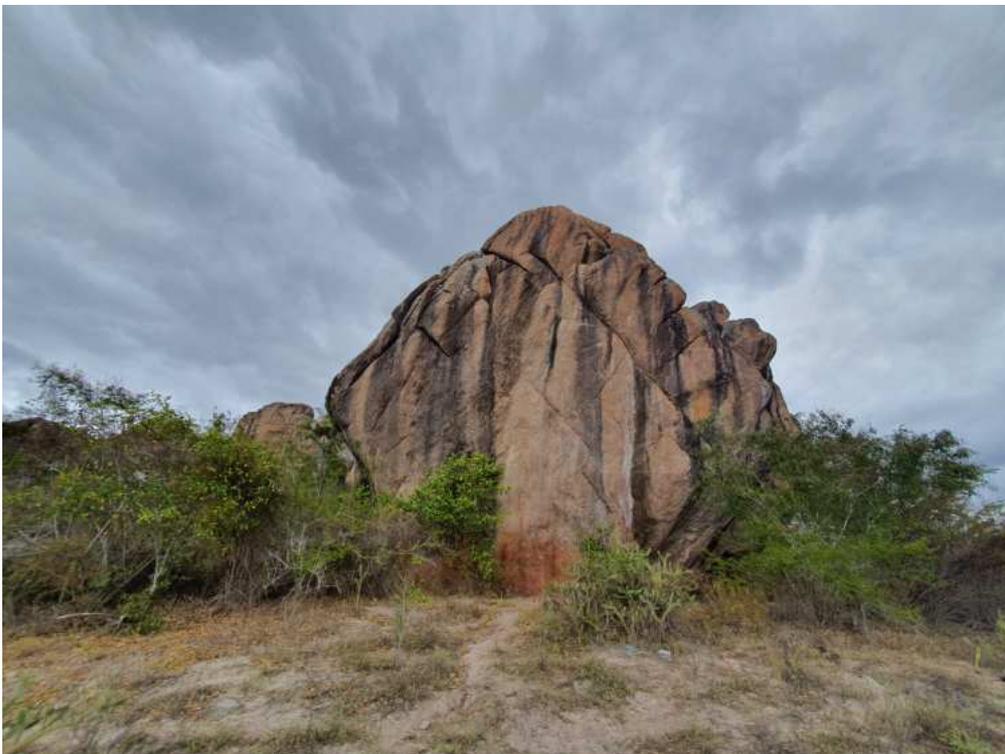


Foto: Mirta Barbosa, 2021.

O primeiro bloco de representações rupestres do Sítio Entre Morros encontra-se em estado crítico de conservação, decorrente da intensa antropização da área. A extração manual e as detonações para retirada de granito causaram o desprendimento de pedras e intensificaram o desgaste das pinturas.

O desmatamento em frente ao painel principal agravou ainda mais a situação, expondo o paredão rochoso às intempéries. Sem a proteção da vegetação, a rocha fica mais suscetível às intempéries, acelerando o processo de deterioração das pinturas.

As profundas modificações no ambiente natural, causadas pela atividade humana, configuram um sério risco à preservação das representações rupestres do Sítio Entre Morros. A devastação da área e a exposição do paredão rochoso colocam em risco a integridade das pinturas, exigindo medidas urgentes de proteção e valorização deste patrimônio cultural.

No Setor 1 do Sítio Entre Morros, foram registrados 62 registros rupestres distribuídos em 6 painéis distintos³⁵. Dos registros rupestres do Setor 1, 40 são geométricos, 15 são antropomorfos e 3 são zoomorfos.

A tabela abaixo, mostra a quantidade, proporção e porcentagem de cada tipo de representação em um conjunto de 62 representações.

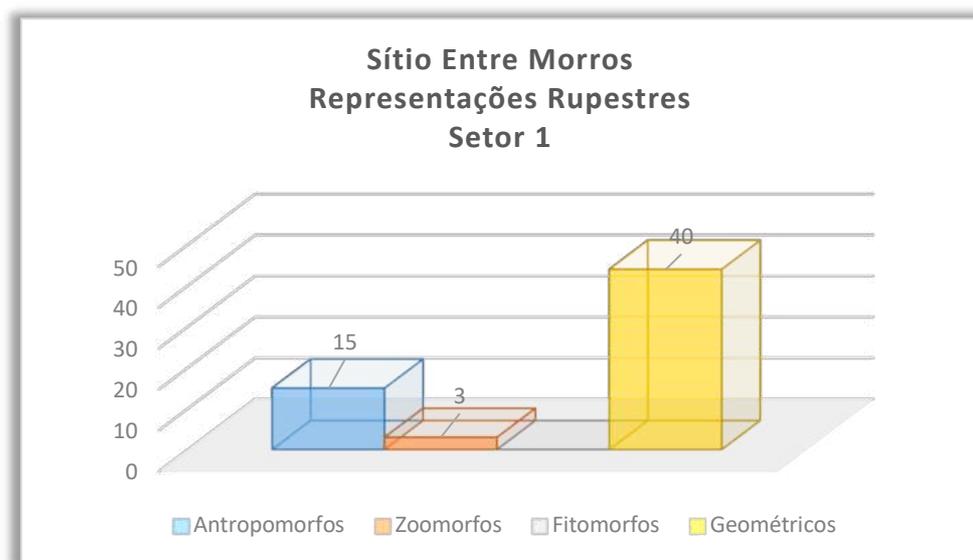
Tabela 3. Setor 1 - Distribuição das representações por tipo:

Tipo de Representação	Quantidade	Proporção	Porcentagem
Geométricas	44	44/62	64,52%
Antropomorfos	15	15/62	24,2%
Zoomorfos	3	3/62	4,84%
Total	62	62/62	100%

Elaboração: Mirta Barbosa, 2023.

³⁵ O Setor 1 foi dividido em seis painéis, considerando a quebra natural da rocha e a distância entre os grupos das representações.

Gráfico 1. Setor 1 - Quantitativo das imagens identificadas nos painéis.



Elaboração: Mirta Barbosa, 2023

Tabela 4. Setor 1 - Dimensão dos painéis.

Painel	Largura (m)	Altura (m)	Área (m ²)
1	3	9,3	28,9
2	2,2	1,8	3,96
3	2,1	2	4,2
4	2,4	3,2	7,68
5	0,2	0,3	0,06
6	0,1	0,03	0,003

Dados: Juliana Tanaka. Elaboração: Mirta Barbosa, 2023.

Tabela 5. Setor 1 - Dimensão das figuras isoladas identificadas.

Figura Isolada	Largura (m)	Altura (m)
1	0,2	0,12
2	0,1	0,03
3	0,2	0,12
4	0,4	1,4

Dados: Juliana Tanaka. Elaboração: Mirta Barbosa, 2023

Figura 82. Entre Morros. Setor 1. Falta de proteção da vegetação natural no paredão com representações rupestres.



Foto: Mirta Babosa, 2023.

Figura 83. Entre Morros. Setor 1 - Painei 1. Detalhe da “mancha vermelha” na base do paredão e do deslocamento natural.



Foto: Mirta Babosa, 2023.

O painel principal deste setor é dominado por figuras geométricas e antropomorfas. As figuras antropomorfas, em sua maioria, apresentam uma postura singular: braços erguidos e pernas abertas. A paleta de cores é composta principalmente por tons de vermelho em diversas intensidades, complementados por tons ocre.

A sobreposição de imagens é um aspecto marcante do painel, dificultando a identificação precisa de alguns elementos a olho nu. O uso do software *DStretch* torna-se crucial nestes casos, revelando detalhes antes imperceptíveis e possibilitando uma análise mais profunda das representações.

Figura 84. Sítio Entre Morros. Setor 1. Representações monocromáticas (vermelho), bastante desgastadas pela ação das intempéries.

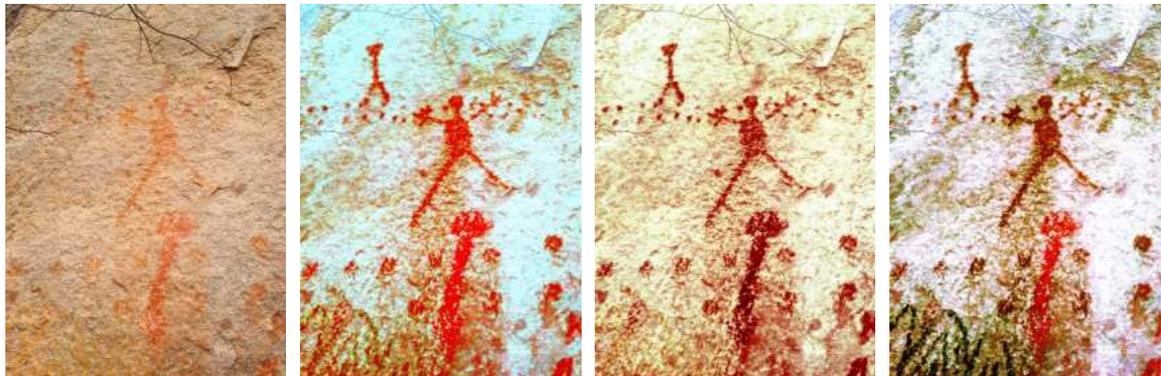


Foto: Mirta Babosa, 2023

Imagens após tratamento do *DStretch*

Figura 85. Entre Morros. Foto de uma sobreposição do painel 1 mostrando figuras bastante desgastadas.



Foto: Paulo Laia, 2023.

Figura 86. Após o tratamento da imagem no *DStretch* "YDT", foi possível perceber uma figura representada com pigmento amarelo sob as representações em vermelho.



Foto: Paulo Laia, 2023.

Figura 87. Sobreposição localizada após tratamento no *DStretch* YRD, no primeiro painel do Setor 1. Várias figuras geométricas ficaram visíveis com a utilização do *DStretch*.

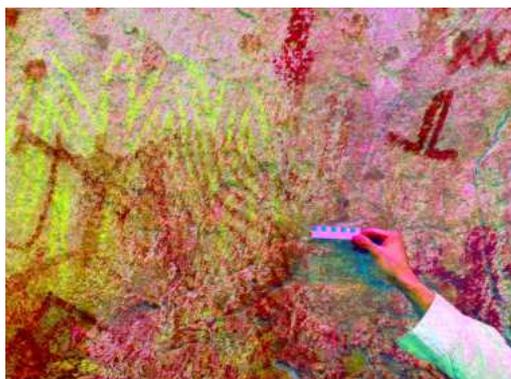


Foto: Mirta Barbosa, 2021.

Figura 88. Sobreposição com figura vermelha sobre figura geométrica em pigmento amarelo, identificada após tratamento do *DStretch* YRE.



Foto: Paulo Laia, 2023.

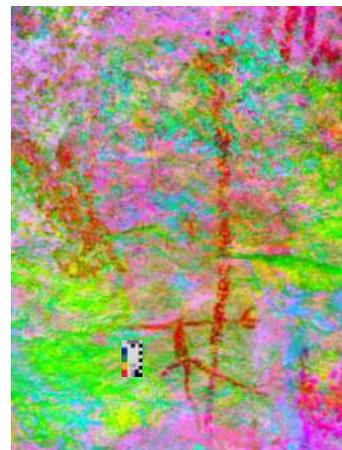
Figura 89. Sítio Entre Morros. Setor 1. Representações monocromáticas (vermelho), bastante desgastadas pela ação das intempéries.



Foto: Mirta Babosa, 2023



Imagem após tratamento n.o *DStretch*.



3.5. Setor 2

Figura 90. Entre Morros. Visão geral do Setor 2.

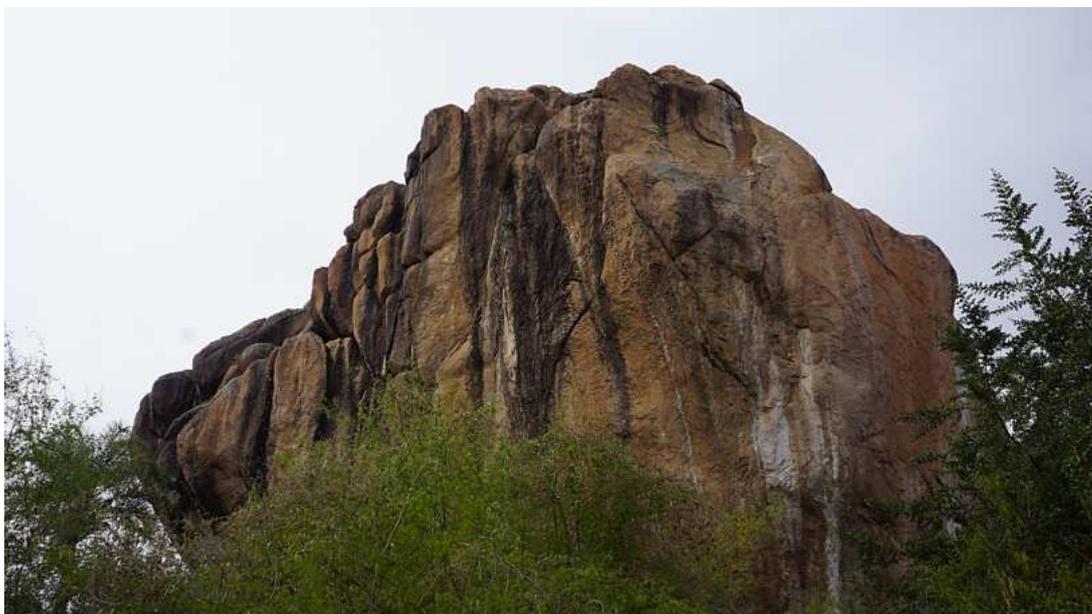


Foto: Paulo Laia, 2023.

Figura 91. Entre Morros. Detalhe do painel do Setor 2.

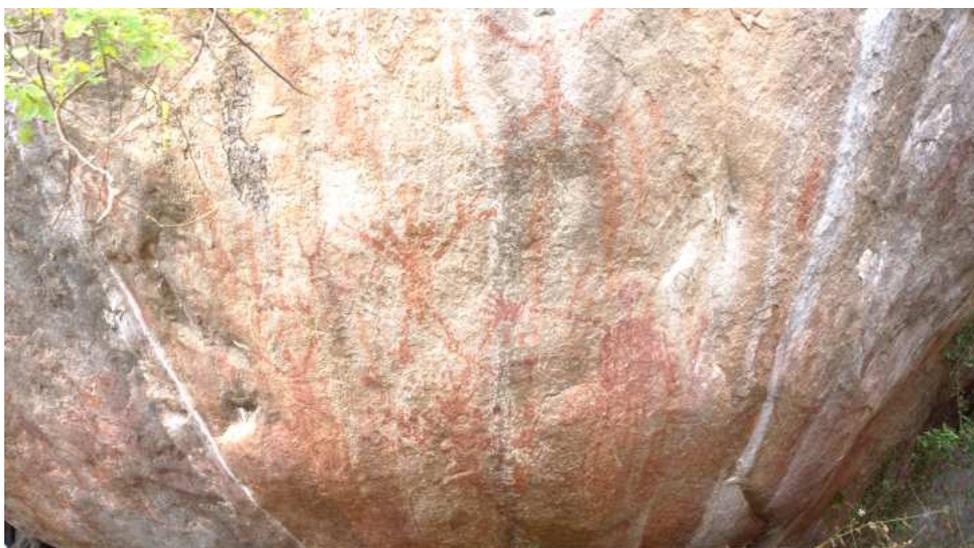


Foto: Paulo Laia, 2023.

O Setor 2 do Sítio Entre Morros está localizado em um *inselberg* granítico a uma curta distância do Setor 1. A medição completa do diâmetro da formação rochosa foi inviabilizada devido à presença de grandes obstáculos, resultado da ação destrutiva da pedreira e do desprendimento de rochas.

A análise do Setor 2 seguiu os mesmos procedimentos do Setor 1, conforme descrito por Copé e Rosa (2016). O local apresenta apenas um único painel rupestre, voltado para o noroeste, com dimensões aproximadas de 3,85 metros de altura e 12,30 metros de largura.

As figuras que mais se destacam pela dimensão e sequência são visíveis à primeira vista no bloco granítico. As principais representações exibem figuras com pernas e braços abertos e levantados. Algumas apresentam características semelhantes a antropomorfos, enquanto outras assemelham-se a zoomorfos.

As figuras geométricas são as mais numerosas no Setor 2, seguidas por antropomorfos, zoomorfos e fitomorfos. Todas as representações foram elaboradas com pigmento vermelho em diversas tonalidades, utilizando principalmente dedos e pincéis grossos.

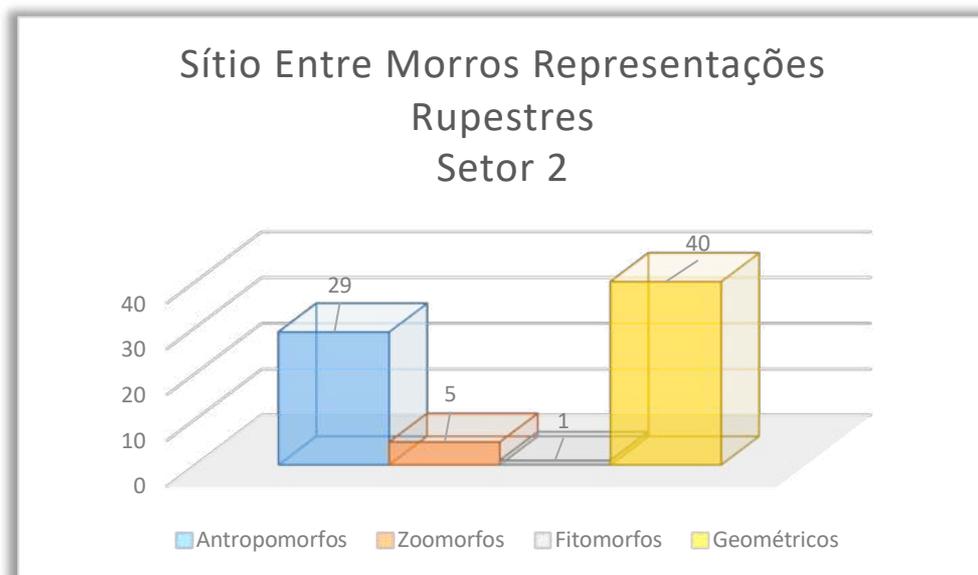
Assim como no Setor 1, observa-se a presença de sobreposições. No entanto, todas as figuras mantêm a mesma tonalidade de vermelho, indicando que as imagens sobrepostas também foram feitas com pigmentos vermelhos.

Tabela 6. Setor 2 - Distribuição das representações por tipo:

Tipo de Representação	Quantidade	Proporção	Porcentagem
Geométricas	40	40/75	53,33%
Antropomorfas	29	29/75	38,67%
Zoomorfos	5	5/75	6,67%
Fitomorfos	1	1/75	1,33%
Total	75	75/75	100%

Elaboração: Mirta Barbosa, 2023.

Gráfico 2. Setor 2 - Quantitativo das imagens identificadas:



Elaboração: Mirta Barbosa, 2023.

Na extremidade esquerda deste setor, existe um pequeno refúgio natural com capacidade para abrigar poucas pessoas. O local oferece proteção contra a chuva, mas o acesso está obstruído por diversos pedaços de granito provenientes da atividade da pedreira.

Figura 92. Setor 2 – Blocos de granito extraídos pela pedreira deixados próximo ao suporte com as pinturas.



Foto: Juliana Tanaka, 2023.

Figura 93. Setor 2 – Dificuldade de acesso - pedras extraídas da pedreira.



Foto: Paulo Laia, 2023.

Figura 94. Sítio Entre Morros. Setor 2. Representações de vários antropomorfos em vermelho.



Foto: Mirta Barbosas, 2023.



Imagem após tratamento do *DStretch* "CRGB".

Figura 95. Sítio Entre Morros. Setor 2. Representações de vários antropomorfos em vermelho.



Foto: Mirta Barbosas, 2023.



Imagem após tratamento do *DStretch* "RGB0".

Figura 96. Setor 2. Representação antropomorfa monocromática (vermelha) com destaque para mão em positivo.

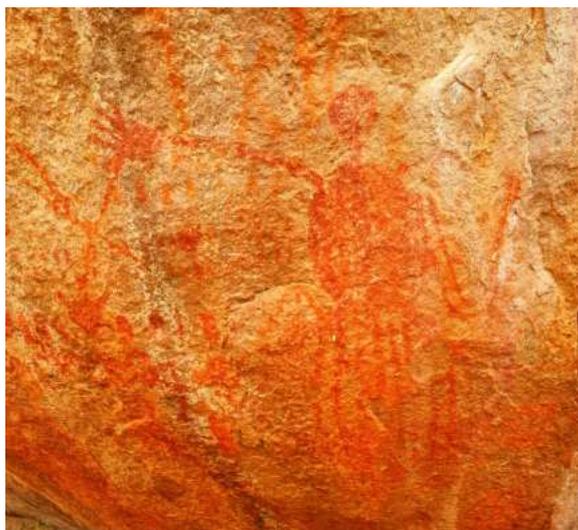


Foto: Mirta Barbosas, 2023



Imagem após tratamento do *DStretch* "CRGB"

Figura 97. Setor 2. Representação antropomorfa com braços abertos e levantados monocromática (vermelha). Logo abaixo a esquerda da figura, uma espiral realizada em outro momento.



Foto: Mirta Barbosas, 2023.

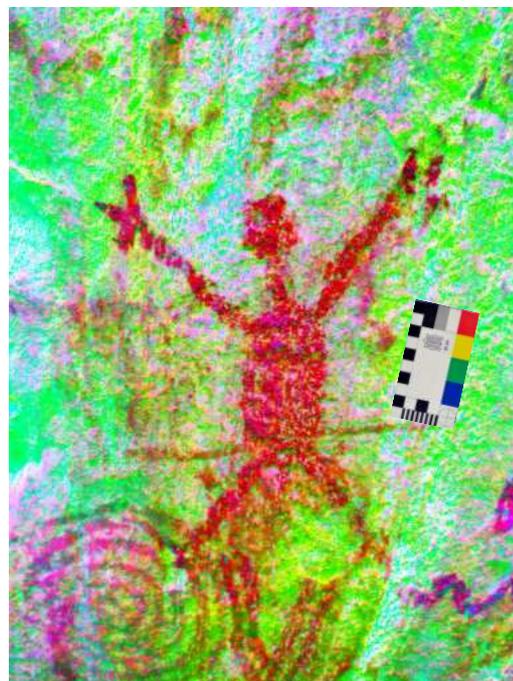


Imagem após tratamento do *DStretch* "CRGB".

Figura 98. Setor 2. Representação antropomorfa com braços erguidos.

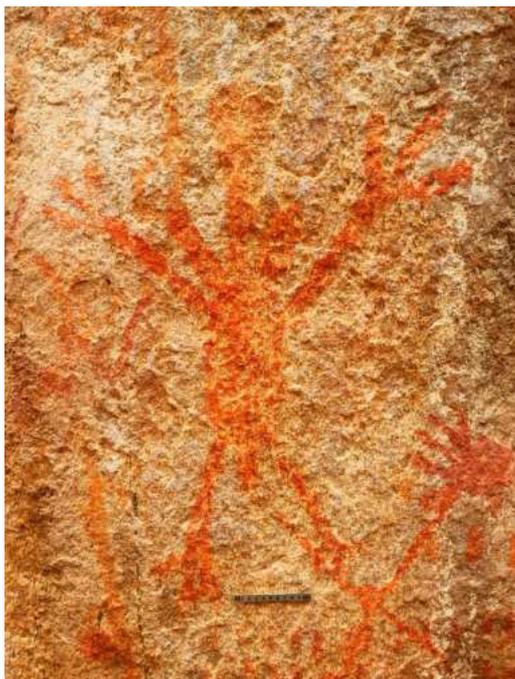


Foto: Mirta Barbosas, 2023.



Imagem após tratamento do *DStretch* "CRGB".

Figura 99. Setor 2. Representação de dois zoomorfos e um geométrico em forma de círculo no canto direito.



Foto: Mirta Barbosas, 2023.

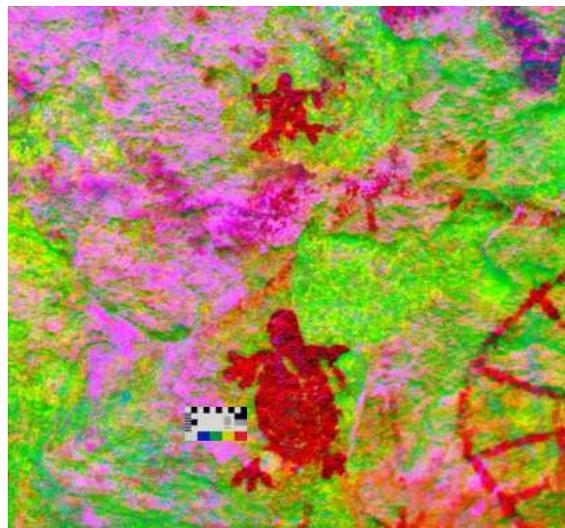


Imagem após tratamento do *DStretch* "CRGB".

3.6. Setor 3

Figura 100. Visão geral do Setor 3.



Foto: Saulo Passos, 2023.

A análise do Setor 3 seguiu os mesmos parâmetros dos dois primeiros setores, permitindo uma comparação entre as áreas. Este setor se destaca por apresentar o melhor estado de preservação entre os três *inselbergs*, pois a vegetação arbustiva do entorno permanece intacta, mesmo com a proximidade da pedreira em operação. A presença de espécies como xique-xique, mandacaru, unhas de gato e juazeiro contribui para a proteção natural do local. Por esse motivo, as representações deste setor são ligeiramente mais visíveis que as dos demais. No entanto, a presença de gado³⁶, evidenciada pela grande quantidade de esterco no solo, representa uma ameaça à preservação das pinturas. O hábito dos bovinos de se esfregar nas paredes rochosas pode danificar os pigmentos das representações mais baixas do painel ao longo do tempo.

³⁶ Ressaltamos que a presença de gado nesse local foi observada também nos trabalhos realizados em 2012, no já mencionado Projeto Mata Branca.

Figura 101. **Setor 3 – Vegetação em frente ao painel com as representações rupestres.**



Foto: Mirta Barbosa, 2023.

Figura 102. **Setor 3 – Esterco de gado na área do sítio.**



Foto: Mirta Barbosa, 2021.

Figura 103. **Setor 3 – Pés de Juazeiro em frente ao painel com as representações rupestres.**



Foto: Mirta Barbosa, 2023.

Figura 104. **Setor 3. Devido a quantidade de vegetação, em comparação aos demais setores, o paredão parece manter boa conservação dos pigmentos e melhor visibilidade das imagens.**



Foto: Juliana Tanaka, 2023.

O painel que abriga as representações rupestres mede aproximadamente 2,5 metros de altura por 17,0 metros de comprimento. A diversidade de imagens é significativa, com predominância de figuras geométricas, especialmente círculos vazados monocromáticos em tons de vermelho. Figuras em forma de machados (preto e vermelho), linhas em ziguezague (vermelho), antropomorfos e zoomorfos também estão presentes, em menor quantidade.

As pinturas são predominantemente em tons de vermelho intenso, com traços fortes. Também são encontradas representações em tons alaranjados, possivelmente provenientes da diluição do pigmento vermelho (Etchevarne, 2007),

além de outras em preto, amarelo e ocre. Assim como nos outros dois setores, sobreposições foram identificadas, sem que seja possível definir a sequência cronológica relativa das imagens.

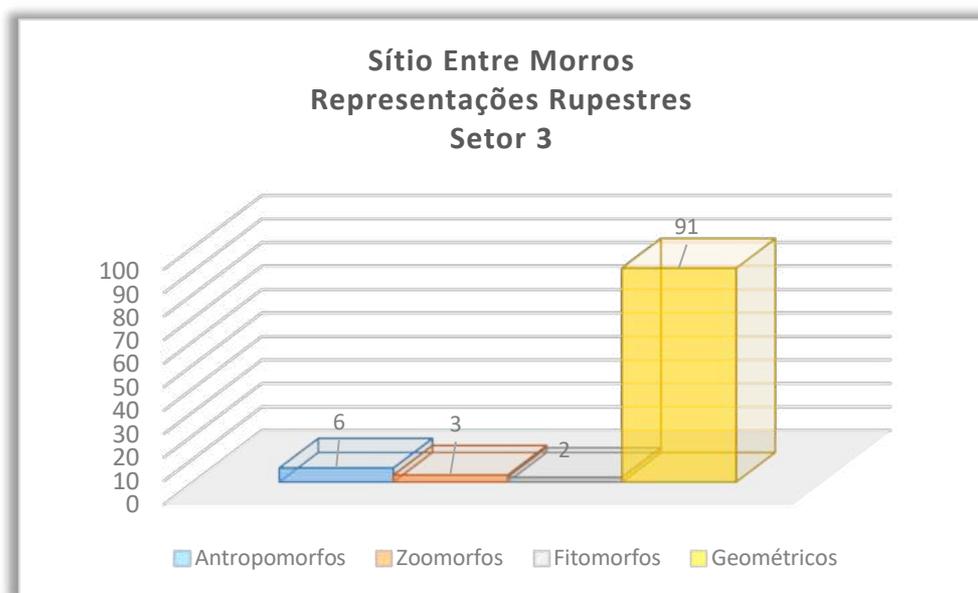
Neste setor, foram identificadas 102 representações rupestres, das quais 91 são geométricas, 6 são antropomorfas, 3 são zoomorfas e 2 são fitomorfas, conforme apresentado na tabela a seguir:

Tabela 7. Setor 3 - Distribuição das representações por tipo:

Tipo de Representação	Quantidade	Proporção	Porcentagem
Geométricas	91	91/102	89,22%
Antropomorfas	6	6/102	5,88%
Zoomorfas	3	3/102	2,94%
Fitomorfas	2	2/102	1,96%
Total	102	102/102	100%

Elaboração: Mirta Barbosa, 2023.

Gráfico 3. Setor 3 - Quantitativo das imagens identificadas.



Elaboração: Mirta Barbosa, 2023.

Figura 105. Setor 3. Visão do painel principal com várias figuras geométricas policromáticas sobrepostas.



Foto: Mirta Barbosas, 2021.



Imagem após tratamento do *DStretch* "YDT".

Figura 106. Setor 3. Figuras geométricas em formas de círculos.



Foto: Mirta Barbosas, 2023.



Imagem após tratamento do *DStretch* "YDT".

Figura 107. Setor 3. No canto esquerdo da imagem está a representação geométrica em forma de zig-zague monocromático (vermelho). Logo abaixo, em pigmento preto, outra representação classificada como geométrica.



Foto: Mirta Barbosas, 2023.

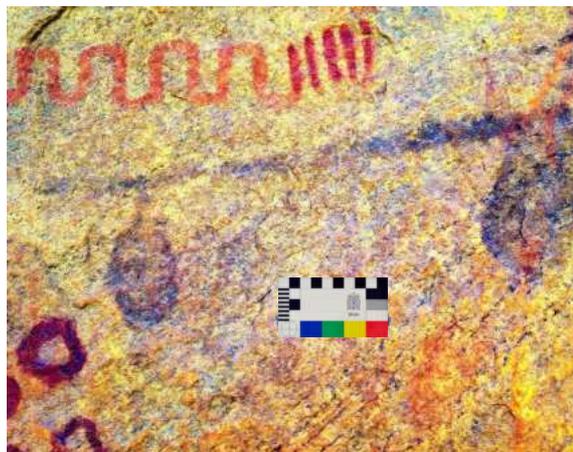


Imagem após tratamento do *DStretch* "YDT".

Figura 108. Setor 3. a) Representação geométrica de um círculo com linhas verticais em vermelho; b) Representação geométrica em vermelho cheio; c) Representação geométrica em pigmento preto cheio.

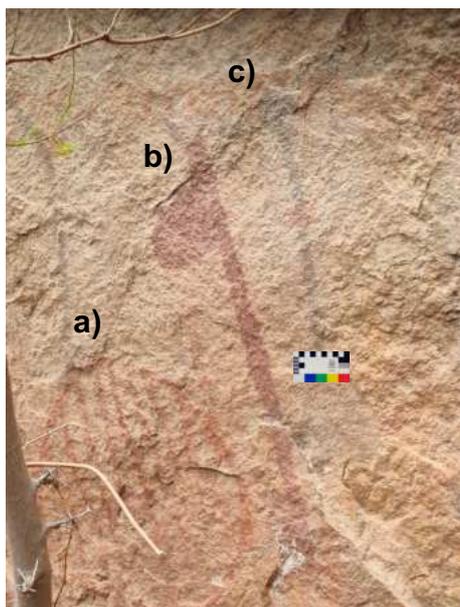


Foto: Mirta Barbosas, 2023.



Imagem após tratamento do *DStretch* "YDT".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada no sítio Entre Morros contemplou a análise das representações rupestres em associação com os suportes geomorfológicos que os abrigam, os inselbergs. Cada um dos três blocos com pinturas, foi concebido metodologicamente como um setor de pesquisa arqueológica. Estes setores, por sua vez, se subdividem em conjuntos de painéis rupestres identificados no relevo de cada formação granítica.

O procedimento analítico que norteou a investigação de campo consistiu em uma macroanálise do contexto natural e cultural da área, como resultado da interação humana ao longo do tempo. Esse estudo também priorizou a observação do suporte granítico e das composições rupestres nele presentes, em locais específicos da rocha. Nesse sentido, a pesquisa buscou estabelecer relações entre os grupos humanos que ocuparam o espaço do sítio e o ambiente em tempos remotos. Como referência teórica, foram utilizadas diversas abordagens da Arqueologia da Paisagem, conforme apresentado no Capítulo 1.

Considerando a abordagem da Arqueologia da Paisagem, os sítios arqueológicos transcendem sua natureza física, assumindo o papel de espaços sociais e culturais carregados de significado. Eles representam a materialização da identidade e dos valores de grupos pretéritos, revelando como eles se apropriavam e interagiam com o ambiente natural ao longo do tempo. Fagundes e Piuzana (2010), por exemplo, reforçam essa perspectiva, destacando que os sítios arqueológicos são construções sociais, muitas vezes alteradas pelas ações e pelas crenças das populações ao longo do tempo. Apenas através das pesquisas nesses locais, é possível conjecturar como esses grupos percebiam o mundo natural, como o utilizavam para atender às suas necessidades e como o integravam em sua cultura.

Compreendemos também essa paisagem em seus variados significados simbólicos, ponderando que os elementos culturais nela presentes foram compartilhados entre os membros de um grupo social, influenciando suas percepções do ambiente em torno dos suportes rochosos. Os resultados dessa interação se manifestaram nas representações rupestres identificadas e analisadas nos três setores do sítio.

No Capítulo 2, foram explorados os aspectos históricos e culturais do município de Itatim, com foco nos diversos processos de ocupação humana na região e nas transformações sociais e econômicas do território. O capítulo também se dedicou às características ambientais do entorno do sítio Entre Morros, destacando o cenário paisagístico dos *inselbergs* e suas relações com a dinâmica sociocultural daquela sociedade. Nesse sentido, as informações específicas sobre o contexto petrológico do sítio Entre Morros foram fundamentais para compreender como as características rochosas dos suportes graníticos condicionaram a escolha meticulosa de setores e dos locais da rocha para a criação de representações rupestres. Essas representações, por sua vez, revelam elementos simbólicos da cultura daquela sociedade, de sua percepção e relação com o ambiente e a paisagem local.

No que concerne às pesquisas arqueológicas realizadas no setor 3 do sítio Entre Morros, marcada pela escavação de subsuperfície, os resultados obtidos neste estudo não se mostraram suficientes para contextualizar o paleoambiente do local circundante e apresentar conjecturas sobre a relação entre a paisagem do período em que as pinturas foram elaboradas e as características pictóricas utilizadas em cada suporte pintado. Apesar da ausência dessa análise das representações em relação ao meio ambiente, as informações expostas neste trabalho podem auxiliar em novas pesquisas no entorno do sítio e abrem caminho para novas perspectivas científicas que propõem a integração dos conceitos da Arqueologia da Paisagem na compreensão cultural de um contexto marcado por representações rupestres.

Considerando as análises dos resultados obtidos durante a execução do projeto, duas ideias foram ponderadas:

Primeira: os painéis (paredões) com representações rupestres podem ter sido elaborados para expressar atividades cotidianas como caça, coleta ou rituais, e principalmente contextos simbólicos caracterizados por figuras geométricas, dos quais não temos o código de acesso a suas mensagens. Portanto, segundo essa possibilidade, o conjunto de painéis seria demonstrativa da importância daquele local para o grupo. Seus vestígios permaneceram através dos tempos, evidenciando a importância daquele local para a vida dos grupos humanos e sua relação com o ambiente natural.

Segunda: a escolha das áreas específicas para as representações rupestres certamente foi orientada por critérios socioculturais, mas também pode ter sido influenciada por aspectos naturais da paisagem, como: topografia, na qual a visibilidade, o acesso e a proteção contra intempéries podem ter influenciado na seleção dos locais; orientação geográfica, em que a relação com o sol, a lua, as constelações e outros astros celestes como a Cruzeiro do Sul pode ter sido um fator importante.

A escolha do local onde realizar as pinturas está relacionada a um significado que atrela, de forma indissociável, o componente cultural (as representações rupestres) e o suporte associado à paisagem (os *inselbergs*, como marcos físicos da depressão sertaneja). Essa relação complexa revela a profunda conexão entre os grupos humanos e seu entorno, abrindo caminho para a compreensão de suas crenças, valores e organização social.

Para desenvolver os estudos dos suportes rochosos e painéis rupestres, foi aplicado um método de investigação individualizado que considerou os elementos específicos da rocha e as características das representações, como animais, figuras humanas e formas geométricas, pigmentos e sobreposições. A partir da análise das formas presentes nas pinturas e sua relação com a paisagem e os locais específicos da rocha granítica, foi possível compreender as imposições mineralógicas sob a forma representada.

O estudo contou com a utilização de diferentes técnicas de observação e registros de campo. Além das fotografias digitais, foi utilizada uma lente de aumento (*Apexel*) acoplada à câmera do smartphone, permitindo posteriores tratamentos de software de imagens, como o *DStretch*, ferramenta já bastante utilizada pelos arqueólogos.

As lentes de aumento Apexel³⁷ para celular funcionam utilizando um princípio óptico chamado de "lente convergente". Fabricadas com materiais transparentes como vidro ou acrílico, elas possuem uma forma curva que direciona os raios de luz para um ponto focal. Ao serem posicionadas na frente da câmera do celular, concentram os raios de luz provenientes do objeto a ser fotografado, fazendo com que este pareça maior na tela. A lente utilizada oferece uma

³⁷ Disponível em: <https://www.apexellens.com/>

ampliação de 200 vezes, o que significa que o objeto a ser fotografado aparecerá 200 vezes maior na tela do celular.

Após as análises e interpretações realizadas nos três setores estudados, considerando o suporte rochoso e as representações nele inseridas, chegou-se a alguns resultados.

Segundo a nossa análise, a orientação das representações do sítio Entre Morros apresenta concentrações de pinturas nos três setores estudados, todos posicionados na mesma direção noroeste. Da mesma forma, não há diferenças quanto às predominâncias das representações nos três setores, pois em todos eles a sequência de classificação das figuras é geométrica, antropomorfa, zoomorfa e fitomorfa.

A análise das representações rupestres do sítio Entre Morros revela uma organização espacial complexa e rica em simbolismos. As diferenças nos tipos de figuras, técnicas de pintura e temporalidades sugerem a utilização do local por diferentes grupos humanos ao longo do tempo. A investigação aprofundada das relações entre as pinturas e a paisagem pode contribuir para a compreensão da cosmovisão e dos modos de vida desses grupos.

No Setor 1, foram identificadas sessenta e duas representações rupestres distribuídas em seis painéis. Desse total, quarenta são geométricas, quinze são antropomorfas e três são zoomorfas. As figuras geométricas e antropomorfas se destacam no painel principal deste setor. A coloração predominante é a vermelha, em diversas intensidades, mas também é possível observar tons de ocre. Há uma grande quantidade de sobreposições, o que indica a utilização do local ao longo do tempo.

Este setor apresenta um acervo de representações rupestres que se distingue pela predominância de formas geométricas simples, como círculos, linhas retas e onduladas. Figuras antropomorfas esquemáticas, embora menos frequentes, fornecem indícios sobre a percepção do corpo humano pelos povos originários que habitaram o local. A identificação de figuras zoomorfas, possivelmente aves, mamíferos e répteis, apresenta maior grau de dificuldade, exigindo análises mais aprofundadas pelos autores.

A técnica de produção das pinturas rupestres apresenta o uso de pigmentos minerais em tons de vermelho, amarelo, ocre e carvão, aplicados em superfícies lisas e rugosas das rochas graníticas, demonstrando a versatilidade técnica dos autores. O estado de conservação das pinturas varia, com algumas figuras apresentando desgaste acentuado pelo tempo e pela ação de agentes naturais.

O Setor 2 do Sítio Entre Morros, composto por setenta e cinco representações rupestres, tem figuras geométricas, com 40 exemplares, as mais frequentes, traçam círculos, linhas retas e onduladas. Em seguida, figuram as representações antropomorfas, com vinte e nove exemplares, retratando a forma humana de maneira esquemática.

Os zoomorfos foram identificados em cinco figuras, possivelmente, representam répteis e uma única figura fitomorfa, representando uma planta. A paleta de cores utilizada no Setor 2 é limitada, mas muito interessante. O vermelho, em suas diversas tonalidades, é a quantitativamente predominante, aplicado sobre as superfícies lisas e rugosas das rochas. As técnicas de pintura revelam que os autores utilizavam principalmente seus dedos e pincéis grossos para registrar às suas criações.

Assim como no Setor 1, encontramos sobreposições de figuras, um testemunho claro da dinâmica temporal das representações rupestres. O que chama a atenção é a homogeneidade cromática: todas as figuras, mesmo sobrepostas, apresentam a cor vermelha, em diferentes tonalidades, sugerindo que as imagens sobrepostas também foram elaboradas com pigmentos vermelhos em diferentes momentos.

O Setor 3 do Sítio Entre Morros apresenta cerca de cento e duas representações rupestres. Este setor se destaca pela heterogeneidade e complexidade das imagens. As formas geométricas, apontam um grau de elaboração superior aos Setores 1 e 2, pois os desenhos tem formas mais variadas. São encontrados espirais, círculos concêntricos, losangos e formas não reconhecíveis em nosso universo cognitivo, com destaque para figuras que sugerem a forma de machados, em preto e vermelho. Linhas em ziguezague, em tons de vermelho, complementam o panorama, podendo estar associados à água, aos raios ou a outros elementos da natureza, ou até mesmo a representação de

cercas como demarcação de território. Ao lado das formas geométricas, figuras antropomorfas e zoomorfas estilizadas, em menor quantidade, completam o conjunto rupestre do Setor 3.

Ao compararmos os três setores, podemos observar a predominância de formas geométricas em todos eles, com o Setor 3 se destacando pela maior complexidade e variedade de pinturas. As figuras antropomorfas também estão presentes nos três setores. A presença de figuras zoomorfas é menos frequente, com o Setor 2 apresentando a maior quantidade e o Setor 3 se destacando por uma figura fitomorfa. A paleta de cores se limita ao vermelho em todos os setores, com variações nas tonalidades e na combinação com outras cores (ocre e amarelo no Setor 1 e preto no Setor 3). As técnicas de pintura utilizadas são semelhantes, com o uso de dedos e pincéis grossos para a aplicação dos pigmentos. A presença de sobreposições em todos os setores indica a utilização contínua dos locais ao longo do tempo, com o Setor 2 se destacando pela homogeneidade cromática das sobreposições.

Tabela 8. Comparativo das Representações Rupestres nos Setores 1, 2 e 3:

Tipo de Representação	Setor 1	Setor 2	Setor 3
Geométricas	44 (64,52%)	40 (53,33%)	91 (89,22%)
Antropomorfas	15 (24,2%)	29 (38,67%)	6 (5,88%)
Zoomorfas	3 (4,84%)	5 (6,67%)	3 (2,94%)
Fitomorfas	-	1 (1,33%)	2 (1,96%)
Total	62 (100%)	75 (100%)	102 (100%)

Elaboração: Mirta Barbosa, 2023.

Tabela 9. Proporções e Porcentagens das Representações Rupestres nos Setores 1, 2 e 3:

Tipo de Representação	Setor 1	Setor 2	Setor 3
Geométricas	0,7097 (70,97%)	0,5333 (53,33%)	0,8922 (89,22%)
Antropomorfas	0,242 (24,2%)	0,3867 (38,67%)	0,0588 (5,88%)
Zoomorfas	0,0484 (4,84%)	0,0667 (6,67%)	0,0294 (2,94%)
Fitomorfas	-	0,0133 (1,33%)	0,0196 (1,96%)

Elaboração: Mirta Barbosa, 2023.

Tabela 10. Setores 1,2 e 3 por critérios comparativos:

Critério	Setor 1	Setor 2	Setor 3
Nível de Preservação	Altamente degradado	Moderadamente preservado	Bem preservado
Número de Representações	62	75	102
Número de Painéis	6	1	1
Predominância de Temas	Figuras geométricas e antropomorfas	Figuras geométricas	Figuras geométricas (círculos vazados)
Outras Figuras	Zoomorfos, ocre presente	Antropomorfos, zoomorfos, fitomorfos, preto presente	Antropomorfos, zoomorfos, fitomorfos, amarelo e ocre presentes
Cores	Vermelho predominante, tons de ocre	Vermelho predominante, preto presente	Vermelho intenso predominante, tons de alaranjado, preto, amarelo e ocre presentes
Técnicas	Dedos e pincéis grossos	Dedos e pincéis grossos	Não especificado
Sobreposições	Grande quantidade, dificultando a identificação de algumas figuras	Presentes, mas todas em vermelho	Presentes, mas sem definição da sequência cronológica
Considerações Adicionais	Maior quantidade de sobreposições	Menor diversidade de temas	Maior diversidade de cores
Riscos à Preservação	Pedreira e desmatamento	Pedreira	Pedreira e Gado

Elaboração: Mirta Barbosa, 2023.

Através da análise das representações nos painéis dos três setores do Sítio Arqueológico Entre Morros, observou-se que os pigmentos aplicados nas superfícies graníticas aderiram à área do quartzo. A estrutura cristalina do quartzo, composta por moléculas unidas por ligações covalentes fortes, torna o material resistente à erosão e fragmentação, facilitando a fixação dos pigmentos. Essa fixação pode ser explicada pelas características da estrutura cristalina do quartzo, composta por moléculas unidas por fortes ligações covalentes. Essa estrutura torna o quartzo um material resistente à erosão e à fragmentação, o que facilita a fixação dos pigmentos. Nesse sentido, a aderência dos pigmentos ao quartzo é um fator importante que afeta a preservação das pinturas rupestres. Os pigmentos que se consolidaram ao quartzo são mais resistentes à erosão e à fragmentação, o que aumenta as chances de sobreviver ao longo do tempo.

A análise sistemática do sítio demonstra que as representações presentes nos setores estudados foram cuidadosamente selecionadas para construir uma mensagem específica. Essa seleção evidencia a intencionalidade dos autores das pinturas e reforça a importância da comunicação simbólica no sítio. As formas e as associações presentes no sítio, certamente não foram escolhidas ao acaso. Os autores das representações selecionaram e organizaram as formas de acordo com funções específicas, com o objetivo de materializar suas elaborações mentais e informar o que era pretendido. A escolha e o uso da topografia natural do suporte e o aproveitamento dos nichos abobadados foram utilizados como parte da composição das pinturas, demonstrando uma relação intrínseca entre as imagens e o suporte.

É importante destacar que as pinturas rupestres do sítio Entre Morros não foram analisadas de maneira interpretativa, por meio dos significados específicos estabelecidos por aqueles que a elaboraram. Partimos para a concepção arqueológica, na qual, a partir de nossa escolha teórica, concebemos as imagens como representações mentais dos grupos humanos que a realizaram, materializadas a partir das pinturas rupestres nos espaços dos *inselbergs*, cujas elaborações derivaram de complexas redes socioculturais. Consequentemente, as pinturas associadas às paisagens podem expressar os significados culturais impostos por aqueles que a realizaram, ainda que não tenhamos acesso aos significados impostos pelos povos originários..

Ao imaginarmos a paisagem como um livro repleto de histórias, tanto do presente quanto do passado, podemos compreender a profunda conexão entre o ambiente natural e as narrativas que nele se entrelaçam (TILLEY, 1994). Cada elemento da paisagem – desde as montanhas imponentes, como os *inselbergs*, até as pequenas pedras esculpidas pelo tempo – carrega em si um capítulo da história local e regional, guardando memórias sobre os povos que ali viveram, suas crenças, costumes e relações com o meio ambiente.

Esperamos com essa pesquisa ter contribuído para o conhecimento das pinturas rupestre identificadas nas áreas da depressão sertaneja, onde os *inselbergs* imperam como suportes naturais e marcadores da paisagem.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Depressões periféricas e depressões semi-áridas no Nordeste do Brasil**. Boletim Paulista, São Paulo, n. 22, p. 3-18, 1956.

AB'SABER, Aziz Nacib. **Participação das superfícies aplainadas nas paisagens do nordeste brasileiro**. Geomorfologia, n. 19, p. 1-38, 1969Tradução. Disponível em:
https://biblio.fflch.usp.br/AbSaber_AN_1348922_ParticipacaoDasSuperficiesAplainadas.pdf.

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ALARCÃO, Jorge de. **Para uma epistemologia da arqueologia**. «Conimbriga» XXXIV, p. 5-32, 1995.

ARAUJO, Astolfo Gomes de Mello. **A arqueologia como paradigma de ciência histórica e interdisciplinar**. Estudos Avançados, Universidade de São Paulo, v. 32, n. 94, p. 285-308, 2018.

ARAUJO, Astolfo Gomes de Mello. **Arqueologia, Ontologia, Epistemologia: Quando a Teoria Encontra a Matéria (ou, Por Uma Arqueologia Cética)**. Tese apresentada como cumprimento das exigências para o concurso de títulos e provas visando a obtenção do título de livre-docente. São Paulo, agosto, 2017.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. **A técnica e a estética nos estudos da arte rupestre – reflexões iniciais em busca da ampliação dos instrumentos de estudo**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 317-333, set./dez. 2022.

BARBOSA, Ronaldo dos Santos; SANTOS, Francisco Kennedy Silva dos. **A cartografia e as correntes do pensamento geográfico**. Revista de Geografia (Recife) v. 34, nº. 3, 2017.

BARRETT, John. **Agency, the Duality of Structure, and the Problem of the Archaeological Record**. Archaeological Theory Today, 2001.

BEAUDRY, Mary; COOK, Lauren; MROZOWSKI, Stephen. **Artefatos e vozes ativas: cultura material como discurso social**. Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica. v. 1. Nº. 2, 2007.

BEZERRA, Alvandyr. **Relatório Final do Programa de Mapeamento de Sítios com Representações Rupestres e Educação Patrimonial no Município de Itatim, Bahia**. Projeto Mata Branca. Salvador, 2013a.

BEZERRA, Alvandyr. **Relatório Final: pesquisa arqueológica realizada nos sítios Gruta da Cruz e Entre Morros, município de Itatim, Bahia**. Projeto Mata Branca. Salvador, 2013b.

BINFORD, Lewis Roberts. **The Archaeology of Place**. Journal of Anthropological Archaeology, Elsevier B.V, n. 1, p. 5-31, 1982.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. In: Memória e Sociedade. Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1989.

BREMER, H.; SANDER, H. **Inselbergs: Geomorphology and eeoecology**. In Poreinbski, S. Barthlott, W. (eds). Inselbergs — biotic diversity of isolated rock

outcrops in tropical and temperate regions. *Ecological Studies*. Springer-Verlag, Berlin, v.146, p. 7-35. 2000.

BRITO FABRÍCIO, Deyse Cristina; VITTE, Antônio Carlos. **Paul Vidal de La Blache e a Geografia Francesa: do Contexto Histórico às Monografias Urbanas**. *Cordis*. História, Arte e Cidades, n. 6, p. 301-332, 2011.

BUTZER, Karl W. **Arqueología – Uma ecologia del hombre: Método y teria para um enfoque contextual**. Ediciones Bellaterra, S.A. Barcelona, 1989.

CALDERÓN, V. (1967) – **Notícias Preliminares sobre as Sequências Arqueológicas do Médio São Francisco e da Chapada Diamantina, Estado da Bahia**. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas. Belém.

CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação**. *Revista das revistas*. Estudos Avançados 11 (5), 1991.

COELHO, Fabiano. **Conceitos “cultura” e “representação”: contribuições para os estudos históricos**. *Fronteiras: Revista de História*, Universidade Federal da Grande Dourados, v. 16, n. 28, p. 87-99, 2014.

COPÉ, Silvia Moehlecke; ROSA, Carolina Aveline Deitos. **A Arqueologia como uma prática interpretativa sobre o passado no presente: perspectivas teórico-metodológicas**. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos (Org.). *Ciências humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: UFRGS, 2008, p. 97-124.

CORRÊA, Antônio Carlos de Barros; SILVA, Danielle Gomes da; MELO, Jefferson Santana. **Utilização dos Depósitos de Encostas dos Brejos Pernambucanos como Marcadores Paleoclimáticos do Quaternário tardio no Semi-Árido Nordeste**. (hillslope sediments of the semi-arid Northeastern Brazil as palaeoclimatic markers). *Mercator*, Fortaleza, v. 7, n. 14, p. 99 a 125. ISSN 1984-2201. 2009.

COSTA, Carlos Alberto Santos. **Representações Rupestres no Piemonte da Chapada Diamantina (Bahia, Brasil)**. 476p. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012.

COSTA, Carlos Alberto Santos; SOUZA, Antônio Wilson Silva de. **Caminhos cruzados: diálogo entre a História da Arte e a Arqueologia sobre a arte rupestre**. *Estudos Ibero-Americanos*, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, V. 48, n. 1, p. 1-16, 2022.

COSTA, Luciana de Castro Neves; GASTAL Susana de Araújo. **Paisagem Cultural: Diálogos entre o Natural e o Cultural**. Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Universidade de Caxias do Sul – RS, 2010.

CRIADO BOADO, Felipe. **Construcción social del espacio y reconstrucción arqueológica del paisaje**. *Boletín de Antropología Americana*, Instituto Panamericano de Geografía e História, n. 24, p. 5-30, 1991.

DI BACO, Hiuri Marcel; FACCIO, Neide Barrocá; ROCHA LUZ, Juliana. **Das raízes da pesquisa arqueológica a Arqueologia processual: um esboço geral**. *TÓPOS* v.3, nº 1, p. 206-233, 2009.

ETCHEVARNE, Carlos. **As pesquisas arqueológicas no âmbito da Universidade Federal da Bahia**. *Memória do Seminário Arte Rupestre no*

Nordeste do Brasil – pesquisa, preservação e gestão de sítios arqueológicos de pinturas e gravuras rupestres. Salvador: UFBA, 2005.

ETCHEVARNE, Carlos. **Escrito na pedra: cor, forma e movimento nos registros rupestres do Estado da Bahia.** Rio de Janeiro, 2007.

ETCHEVARNE, Carlos. **Programa de Identificação, Proteção e Gestão de Sítios de Arte Rupestre da Chapada Diamantina, Bahia.** Salvador. Petrobrás Cultural, 2008, 15p.

ETCHEVARNE, Carlos. BEZERRA, Alvandyr. **Circuitos arqueológicos de visitação de sítios de arte rupestre da Chapada Diamantina.** IPAC/UFBA. Salvador. 2014.

ETCHEVARNE, Carlos. FERNANDES, Luydy. BEZERRA, Alvandyr. **Relatório Final do Projeto Contextos Arqueológicos e Marcos Temporais nos Grafismos Rupestres da Chapada Diamantina.** FAPESB. Salvador. 2010.

ETCHEVARNE, Carlos; FERNANDES, Luydy; BEZERRA, Alvandyr. **Cronologias e contextos arqueológicos nos sítios de arte rupestre na Vila Ventura, Morro do Chapéu, Bahia.** PetrArt, v. 1, p. 54-74, 2015.

ETCHEVARNE, Carlos; LAGE, Maria Concei o Soares Meneses; FARIAS FILHO, Benedito Batista; SANTOS, Francisco Eroni Paz dos. **Contextos Temporais em Sítios de Pinturas Rupestres, em Morro do Chapéu, Bahia.** CLIO. SÉRIE ARQUEOLÓGICA (UFPE), v. 35, p. 14-38, 2020.

FAGAN, Brian Murray. **Uma breve história da Arqueologia.** Tradu o: Janaína Marcoantonio. 1. ed. Porto Alegre/RS: L&PM Editores, 2019, 320p.

FAGUNDES Marcelo. **O conceito de paisagem em arqueologia – Os lugares persistentes.** HOLOS Environment, v.9 n.2, 2009 - P.301ISSN:1519-8634 (ONLINE)

FAGUNDES Marcelo; PIUZANA, Daniele. **Estudo teórico sobre o uso conceito de paisagem em pesquisas arqueológicas.** Revista Latinoamericana de Ciências Sociales, Ni ez y Juventud, Centro de Estudios Avanzados en Ni ez y Juventud, v. 8, n. 1, p. 205-220, 2010.

FAGUNDES Marcelo; GRECO, Wellington Santos; SU NER, Marcia Maria Arcuri; BANDEIRA, Arkley Marques. **Paisagem e suas interfaces em pesquisas sobre Arte Rupestre: um estudo de caso em Serra Negra, Alto Vale do Araçuaí, Minas Gerais, Brasil.** Revista de Arqueologia. Volume 34 n. 2. P. 74-103. 2021. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v34i2.904>

FURLANETTO, Beatriz Helena. **Paisagem cultural: da cena visível   encena o da alma.** Ateliê Geográfico. v. 8, n. 3, p. 215-232, 2014.

GOMES, Michel da Silva. **Extra o de Granito e Impactos Ambientais em Sobrado – PB.** Monografia (Gradua o) – UFPB/CCEN. João Pessoa/PB. 2014

GUEDES, Carolina. **Aplica o da ferramenta de aprimoramento de imagens DStretch  em sítios rupestres: uma releitura do sítio Bom Nome IV (Pão de Açúcar, AL).** v. 3 n. 5. Fontes materiais e a pesquisa histórica. Revista Fontes. São Paulo. 2016.

HODDER, Ian. **Interpretación en Arqueología. Corrientes actuales.** 2 . edición ampliada y puestas al d a. 1994

HODDER, Ian. **Theory and Practice in Archaeology**. Estados Unidos: Routledge, 2005. 261 p. Disponível em: <https://doceru.com/doc/secx5ce>. Acesso em: 2023

IPAC – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. **Conversas sobre Patrimônio – os Circuitos Arqueológicos da Chapada Diamantina** (Carlos Etchevarne, Idenor Borges, Ednalva Queiroz e Carolina Passos). Salvador: IPAC, 2011, 39p. Disponível: em <http://www.bahiaarqueologica.ufba.br/wp-content/uploads/2013/09/IPAC-Circuitos-arqueologicos.pdf>. Acessado em 03/10/2022.

JATOBÁ, Luciviano. **Geomorfologia do semiárido**. Recife: Universidade federal de Pernambuco, Núcleo de Educação Continuada, 31p. 1994.

KORMIKIARI, Maria Cristina N. **Arqueologia da Paisagem**. LABECA – MAE/USP. 2000.

KUHN Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**, 5ª Ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1998 [1962], 259 p.

LIMA, Geraldo Marcelo Pereira; FARIAS, Félix Ferreira de; BARBOSA, Johildo Salomão Figueiredo; GOMES, Luiz César Corrêa. **Inselberge: Ilhas Terrestres**. Salvador: EDUFBA, 2009, 123p.

LINKE, Vanessa; ALCANTARA, Henrique; ISNARDIS, Andrei; TOBIAS JÚNIOR, Rogério; BALDONI, Raíssa. **Do fazer a arte rupestre: reflexões sobre os modos de composição de figuras e painéis gráficos rupestres de Minas Gerais, Brasil**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Ciências Humanas, Museu Paraense Emílio Goeldi, v. 15, n. 1, p. 1-24, 2020.

LUCAS, Marco. **Sobre Noção de Representação em Filosofia e na Pesquisa Cognitiva em Inteligência Artificial**. Textos e Debates. Universidade Federal de Roraima, 2012.

MAIA, Rúbson Pinheiro; NASCIMENTO, Marcos Antonio Leite do. **Relevos graníticos do Nordeste brasileiro**. Revista Brasileira De Geomorfologia, 19(2), p. 373-389, 2018.

MARANDOLA, Hugo Leonardo. **Augustin Berque: um trajeto pela paisagem**. Espaço e Cultura. UERJ. Nº. 17-18. p. 55-63, 2004.

MARQUES DA SILVA, João Fernando Teixeira. **Uma abordagem do conceito de paisagem cultural em Arqueologia Pré-histórica da percepção ao conhecimento**. 2º Ciclo de Estudos em Arqueologia. Faculdade de Letras. Universidade do Porto, 2014

MARTÍNEZ, Elia Quesada. **Aplicación DStretch del software Image-J. Avance de resultados en el Arte Rupestre de la Región de Murcia**. Cuadernos de Arte Rupestre, 5. 2010.

MATSUMOTO David. **Culture and modern life**. Belmont: THOMSON Brooks/Cole Publishing Co; 1997.

MENDONÇA, André Luis de Oliveira. **O legado de Thomas Kuhn após cinquenta anos**. Scientle studia, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 535-560, 2012

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **A cultura material no estudo das sociedades antigas**. Revista de História, [S. l.], n. 115, p. 103-117, 1983.

- MESQUITA, Barbara. **A Biografia Humboldt Por Andrea Wulf**. Finisterra, LII, 105, CEG – Centro de Estudos Geográficos. 2017, p. 139-142.
- ORTNER, Sherry B. **Teoria na Antropologia desde os anos 60**. Documenta, 2011 (Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132011000200007>)
- PEREIRA, Edithe; **A Arte Rupestre de Monte Alegre**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2012.
- POPPER, K. **Lógica da pesquisa científica**. 9 ed. São Paulo: Cultrix. 1993.
- POLITIS Gustavo G. **The Theoretical Landscape and the Methodological Development of Archaeology in Latin America**. CONICET-Universidad del Centro de la Pcia de Buenos Aires y Universidad de La Plata, 2003.
- RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem**. In.: Dicionário do Patrimônio Cultural. IPHAN. 2019. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/92/paisagem>.
- ROBERT, Eric. **L'utilisation des reliefs pariétaux dans la réalisation des signes au Paléolithique supérieur Utilization of parietal relief for realization of signs during Upper Paleolithic**. L'anthropologie, Elsevier Masson SAS, n. 111, v. 4, p. 467-500, 2007.
- SALVIO, Vanessa Linke. **Paisagens dos sítios arqueológicos de pintura rupestre da região de Diamantina-MG**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2008.
- SANTANA, Jeová Pinto. **Tanquinho de Outrora ao Itatim de Hoje**. Itatim. 2008.
- SANTOS, Gilberto Marcos de Mendonça; DELABIE, Jacques H. C.; RESENDE, Janete J. **Caracterização da Mirmecofauna (Hymenoptera - Formicidae) associada à Vegetação Periférica de Inselbergs (Caatinga - Arbórea - Estacional - Semi-Decídua) em Itatim - Bahia – Brasil**. Sitientibus, Feira de Santana, n.20, p.33-43, jan./jun. 1999
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988, 28p.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª ed. 2. Reimpressão. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SANTOS, Welson Aialon Alcaniz dos. **Ecologia humana e ecologia cultural: um estudo comparativo entre Portugal e Brasil**. Natal, 2020.
- SAUER, Carl Ortwin. **The Morphology of Landscape, Land and Life: A Selection from the writings of Carl Ortwin Sauer**, ed. J. Leighley. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1925, p.12-73.
- SERPA Angelo. **Milton Santos e a Paisagem: Parâmetros para Construção de uma crítica da Paisagem Contemporânea**. Paisagem Ambiente. Ensaio – nº. 27. São Paulo. p. 131-138. 2010.
- SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 3ª edição. UFSC/PPGEP/LED. Universidade Federal de Santa Catarina. 2001.
- SILVA, Paulo Eduardo da. **O trabalho com fontes orais: desafios e trajetórias**. RIDPHE_R Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo, Campinas,

SP, v. 5, p. e019006, 2019. DOI: 10.20888/ridphe_r.v5i0.9680. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/9680>.

SIMONDON, Gilbert. **El modo de existência de los objetos técnicos**, Buenos Aires, Prometeo Libros, 2007.

SIMÕES, Fernanda Libório Ribeiro. **Arqueologia da paisagem nas dunas holocênicas: o estudo de caso do Sítio Cardoso (Lagoa Redonda, Pirambu, SE)**. Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras, 2014.

SOUZA, Lucas Bonald Pedrosa de. **Arqueologia espacial do sítio arqueológico Lagoa Uri de Cima (Salgueiro, PE): um estudo da distribuição intra-sítio dos vestígios líticos**. (Mestrado em Arqueologia) Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, 2018.

TILLEY, Christopher. **A Phenomenology of Landscape: Places, Paths and Monuments**, Berg, Oxford, 1994.

TRIGGER, Bruce. **História do pensamento arqueológico**. Tradução: Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odysseus, 2004, 504 p.

TWIDALE, Charles Rowland. Bornhardtts, Boulders and *Inselbergs*. **Caderno do Laboratório Xeolóxico de Laxe**, Coruña, vol. 20, p. 347-380. 1995.

VIALOU, Denis; VIALOU, Agueda Vilhena. **L'art rupestre: entre micro et macro échelles d'analyse. (Arte rupestre: entre micro e macro escalas de análise)**. PetrArt. Ano I, Vol. 1, N. 1. 2015.

VIEIRA, Felipe; ALVES, Flamarion Dutra; CORRÊA, Jhonatan; COSTA, Tamyris. **A história da geografia cultural e o conceito de paisagem / The history of cultural geography and the concept of landscape**. Caderno de Geografia, v. 31, Número Especial 2, 2021.

VILLAESCUSA, Ricardo González. **Una disciplina denominada arqueología del paisaje**. In: Apuntes de Ciencia y Tecnología nº 20. Madrid: AACTE, 2006, p. 28-36.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p.115-144, 1996.

APÊNDICE I – FICHA DOCUMENTAL

INFORMAÇÕES SOBRE O SÍTIO DE PINTURAS RUPESTRES ENTRE MORROS:

Estado: Bahia	Município: Itatim	Região: Território de Identidade / Piemonte do Paraguaçu	Localidade: Comunidade de Entre Morros
-------------------------	-----------------------------	--	--

CADASTRO NACIONAL DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS - CNSA / IPHAN:

Nº. de Cadastro: BA 01301	Data do Cadastramento: 01/08/2012	Responsável pelo Cadastro: Alvandyr Dantas Bezerra
Coordenadas Geográficas (UTM): 24L 0417229 / 8594230	Propriedade: Particular	

DADOS DO COLABORADOR DA REGIÃO:

Nome: Antônio do Carmo	Endereço: Povoado de Entre Morros - Zona Rural de Itatim	Contato: (75) 98339.8270
----------------------------------	--	------------------------------------

DADOS DO PROPRIETÁRIO DA PEDREIRA ONDE O SÍTIO ESTÁ INSERIDO

Nome do Proprietário: Sr. Carlos. Funcionário da Secretaria Municipal de Meio Ambiente	Contato: -
--	----------------------

Outras informações sobre a propriedade:

Pedreira em atividade

SETOR 3**CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA:**

Clima: Semi-árido	Altitude: 297 m - Com relação ao nível do mar
-----------------------------	---

Relevo:

Dolina [] Fundo de Vale [] Cume [] Meia Encosta [X] Beira de Rio [] Outros (Descrever) []
O sítio apresenta uma leve inclinação que se acentua próximo ao setor 3.

Tipo de Solo:

Arenoso [X] Argiloso [] Areno/Argiloso [] Argilo/Arenoso [] Rochoso [] Humífero [] Terra Roxa []
Outros (descrever) []

O Solo de Entre Morros

Solos arenosos são comuns em áreas mais secas na Caatinga, e no sítio não é diferente. A capacidade de retenção de água nos solos da Caatinga é geralmente baixa, o que significa que a água disponível para as plantas é limitada. Isso está relacionado à textura do solo e à rápida evaporação em condições de clima árido.

Vale acrescentar que os solos na região apresentam solos com baixa fertilidade natural. A presença de nutrientes pode ser limitada, sendo que alguns solos podem ser deficientes em elementos essenciais para o crescimento das plantas, como nitrogênio, fósforo e potássio.

A dessalinização do solo pode ser comum em áreas utilizadas para cultivo, pois estes já são solos rasos e que em condições normais são irrigados apenas em um período do ano, assim, a irrigação artificial em larga escala pode ser um fator preponderante para este impacto.

Algumas áreas podem ter solos pedregosos devido à erosão e à exposição de rochas. A pedregosidade do solo pode influenciar a capacidade de retenção de água e o desenvolvimento das raízes das plantas.

Vegetação:

Primária [] Secundária [X]

Vegetação de Entre Morros

A vegetação do Sítio de Entre Morros é definida pela presença predominante de espécies xerófitas, que são adaptadas a condições de clima árido. Essa adaptação se manifesta pela característica caducifólia de sua folhagem, indicando a queda sazonal de folhas. Além disso, a vegetação apresenta raízes profundas e mecanismos adaptativos voltados para a retenção da umidade, muitas vezes evidenciados pela presença de estruturas como espinhos.

Observa-se que o sítio exibe uma vegetação claramente modificada em relação à sua condição original, devido à presença de áreas degradadas destinadas à formação de pastagens, bem como à degradação da vegetação nativa para a extração das rochas graníticas.

A Fitofisionomia no sítio se apresenta com uma interface de savana estépica. Configura-se em uma mata seca nas áreas mais altas da encosta enquanto, a paisagem da vegetação mais distal e que circunda o sítio aponta para um caráter de caatinga arbustiva com árvores baixas. Assim, percebe-se um ambiente ecótono (faixa de transição) entre Savana Estépica arborizada e Savana Estépica florestada de acordo com a classificação utilizada pelo IBGE. Não foram encontradas vegetações de grande porte apesar de se encontrar na literatura formações vegetais de caatinga arbórea para a região de Itatim.

Vegetação Secundária

A vegetação é secundária pois se estabeleceu em uma área que já foi previamente coberta por vegetação, mas que sofreu alguma forma de perturbação. Neste caso, desmatamento e outras atividades humanas como o empreendimento de pedreiras. Difere-se da vegetação primária (floresta virgem) pois esta não passou por perturbações de atividades humanas, possui integridade e ciclos naturais, possui diversidade biológica, e estratos de vegetação de sub-bosques a mata fechada.

A vegetação secundária faz parte do processo de sucessão ecológica, que é a sequência gradual de mudanças na composição de espécies em uma área que foi perturbada. Começa com a colonização por plantas pioneiras e progride para comunidades mais complexas ao longo do tempo. Essas plantas pioneiras muitas vezes têm crescimento rápido e são tolerantes a condições adversas, devido à competição reduzida por luz, nutrientes e espaço elas se instalam com facilidade. Com o tempo, a vegetação secundária pode desenvolver uma diversidade de espécies mais complexas à medida que a comunidade amadurece. A composição específica dependerá das condições locais, incluindo solo, clima e histórico de perturbação. A vegetação secundária também pode ser formada por espécies exóticas, que se beneficiam das lacunas adaptativas de espécies especialistas enquanto as primeiras tendem a ser generalistas.

A vegetação secundária tem relação com a resiliência do ambiente e com os "Estados Estáveis Alternativos", pois é importante dizer que mesmo que o impacto e alteração seja imperceptível sempre causam modificações, novas pressões ambientais e novas condições adaptativas.

O Bioma Caatinga (Mata Branca)

A Caatinga representa um ecossistema vegetal caracterizado predominantemente por árvores e arbustos de pequeno porte, geralmente caducifólios e dotados de folhas miúdas, frequentemente acompanhados por cactáceas e bromeliáceas, por estas adaptações são chamadas de vegetação xerófila. O solo subjacente a essa vegetação é, comumente, raso e pedregoso, apresentando desafios significativos para práticas agrícolas na região. Devido às distintas condições edafoclimáticas, diferentes nomenclaturas regionais são atribuídas à Caatinga, como agreste, sertão, cariri, seridó, carrasco, serras, sertão, curimataú dentre outras.

O termo "Bioma Caatinga" é empregado de maneira abrangente para caracterizar as diversas fisionomias encontradas na região Semiárida do Nordeste brasileiro, abrangendo aspectos como fauna, flora e geomorfologia. Este bioma é singular no contexto global, sendo o único exclusivamente brasileiro e abrigando uma fauna e flora únicas, com diversas espécies endêmicas que não são encontradas em nenhum outro lugar do planeta. Essas características conferem à Caatinga um status de patrimônio biológico de valor incalculável.

É importante salientar que a Caatinga figura como um dos biomas brasileiros mais impactados pelas atividades humanas, apresentando mais de 45% de sua área afetada por intervenções antrópicas, posicionando-se logo atrás dos biomas Mata Atlântica e Cerrado em termos de antropização.

As espécies encontradas são adaptadas ao clima semi-árido, conhecido pelo baixo índice pluviométrico, portanto, as plantas são chamadas de xerófilas (bem adaptadas à escassez de água).

Algumas das adaptações:

Vegetação Caducifólia; a queda das folhas para evitar a transpiração e por conseguinte perda d'água.
Folhas modificadas; formação de espinhos no lugar das folhas em conjunto com caules clorofilados em razão da fotossíntese.

Sistema radicular profundo em busca de fontes de água em regiões mais profundas do solo.

Cutícula Espessa; presença de cutícula espessa na superfície das folhas para minimizar a perda de água por evaporação.

Tecidos Suculentos

Metabolismo Crassuláceo; algumas plantas xerófilas utilizam o metabolismo crassuláceo, um tipo de fotossíntese adaptado a condições áridas, que ocorre principalmente à noite para reduzir a perda de água.

Impactos à Vegetação do Sítio

A Caatinga é um dos biomas brasileiros mais alterados pelas atividades humanas, com mais de 45% de área antropizada, sendo ultrapassado apenas pelos biomas Mata Atlântica e Cerrado.

A vegetação de Entre Morros sofre diversos impactos decorrentes da ação humana, tais como:

Supressão vegetal

Supressão da vegetação para formação de zonas peatonais e deslocamento de animais.

Supressão para a abertura de vias de transporte de veículos e para o transporte de produtos da pedreira.

Supressão para o uso da madeira em construções de casas, cercas e outros utensílios

Descarte indevido de resíduos sólidos

Podem ser encontrados garrafas PET e outros materiais compostos de plásticos, bem como vestimentas e calçados. **Fragmentação Florestal**

A presença de fragmentos florestais descontínuos é notável na área, o que contribui para a vulnerabilidade de diversas espécies endêmicas e/ou ameaçadas de extinção, como a coroa-de-frade e bromélias. A redução populacional destas espécies pode ser associada à extração para exploração comercial.

Fauna e Fragmentação do Hábitat:

As aves são observadas de maneira expressiva na região, beneficiando-se da fragmentação do hábitat que facilita sua forragem. No entanto, espécies que dependem de matas fechadas encontram-se vulneráveis à visão destes predadores.

Ponto de vista do observador:

Foram avistados mocós, aranhas, lagartos e diversas aves de pequeno e médio porte na área estudada. Como esperado, de animais de grande porte, em regiões impactadas não foram avistadas serpentes ou felinos. Insetos adaptados ao ambiente urbano também não foram avistados na região. Algumas conchas de gastrópodes foram encontradas, mas não foram comumente avistadas. Líquens (associação de fungos e algas) foram distinguíveis nas rochas.

Desaparecimento de Espécies:

Algumas espécies, como juazeiro, xique-xique, umbuzeiro, sabiá, quixaba, palma, mandacaru, malva branca, malícia, jurema branca, jericó, ipê roxo, faveleira, facheiro, cumaru, entre outras, não foram encontradas na região, indicando possíveis impactos em suas populações ou migração para áreas mais preservadas.

Obs: devido a particularidade do terreno é possível que boa parte destas espécies não sejam capazes de vingar. O sítio apresenta muitas rochas graníticas à sua volta, e as espécies de plantas da caatinga tem raízes muito profundas no solo, a paisagem confusa de emaranhados encontrada na superfície conversa com a paisagem do subsolo nestes termos.

Características da Vegetação Preservada:

A maior parte da vegetação resiliente é composta por elementos arbustivos e herbáceos, com árvores esparsas e regiões de adensamento, onde o fluxo humano é notavelmente menor. Contudo, registros fotográficos evidenciam a presença de fezes de animais e resíduos sólidos industrializados, indicando a interferência humana mesmo em áreas aparentemente preservadas.

Fitofisionomia da Vegetação:

Área apresenta vegetação secundária devido a desmatamento e atividades humanas;

A maior parte da vegetação é composta por elementos arbustivos e herbáceos;

Predominância de espécies xerófitas adaptadas ao clima árido;

Varia entre mata seca em áreas mais altas e caatinga arbustiva em regiões distais.

Espécies Encontradas e Adaptações:

Vegetação composta por espécies adaptadas ao clima semiárido;

Adaptações incluem folhas caducifólias, raízes profundas, espinhos, cutícula espessa, tecidos suculentos e metabolismo crassuláceo.

Fauna e Fragmentação do Hábitat:

Observação expressiva de aves beneficiando-se da fragmentação do hábitat;

Registros de pequenos mamíferos, aracnídeos, e lagartos.

Impactos Antrópicos e Fragmentação Florestal:

A fragmentação florestal contribui para a vulnerabilidade de espécies endêmicas;

Regiões de adensamento de mata com menor fluxo humano, mas presença de fezes de animais domésticos e resíduos industrializados;

Áreas degradadas para formação de pastagens e extração de rochas graníticas.

Impactos no Solo:

Impactos decorrentes da exploração da mina e retirada da cobertura vegetal;

Vulnerabilidade à erosão, deslizamentos de terra e contaminação de corpos hídricos próximos;

Deslocamentos de sedimento evidenciados por trânsito de veículos, volume de água pluvial e atividades na pedreira.

Hidrografia:

Rio [] Riacho [X] Córrego [] Lagoa [] Nascente [] Minadouro [] Olho D'água [] Brejo []

No sítio não há dados de formação de corpos d'água mesmo que sazonalmente.

Relatos de riachos são informados por moradores da região. Riacho Grande a 4km, alimentado pelo Paraguaçu.

VISÃO GERAL DO CONTEXTO DO SÍTIO**Visibilidade**

Ambiente no Entorno do Sítio.

Apontar Obstáculos Caso Existam

A partir do Sítio:

Ótima [] Boa [X]

Regular [] Escassa []

Para o Sítio:

Ótima [X] Boa []

Regular [] Escassa []

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES**CARACTERÍSTICAS DOS SÍTIOS COM PAINÉIS:****Classificação do Local com Suporte Rochoso:**

Abrigo [] Paredão [X] Matakão [] Gruta [] Caverna [] Lapa [] Lajedo [] Outros (descrever) []

Identificação Geológica do Suporte Rochoso:

Granito [X] Calcário [] Arenito [] Arenito Silicificado [] Quartzito [] Quartzo [] Outros (descrever) []

Grau de Preservação do Sítio:

Ótimo [X] Bom [] Ruim []

Exposição aos Agentes Naturais e/ou biológicos:

Insolação [] Chuva [] Vento [] Fungos [X]

Deterioração Antrópica:

Exploração/Pedreiras [X] Fogueiras/Fuligem [] Outros (descrever) [X] Desplacamentos da rocha, possivelmente decorrente das constantes detonações da pedreira atuando no entorno do sítio arqueológico.

Impactos decorrentes da exploração da mina e da retirada de cobertura vegetal

A vegetação em encostas atua como uma barreira natural contra a erosão do solo. O desmatamento remove essa proteção, aumentando a vulnerabilidade à erosão, principalmente durante eventos de chuva intensa.

Sem a estabilidade do solo conferida pela cobertura vegetal, há o aumento do risco de deslizamentos de terra, especialmente em áreas íngremes e sujeitas a fortes chuvas.

O carreamento do solo para corpos hídricos próximos pode contaminá-los com o sedimento.

Apesar de não ser íngreme a ponto da erosão do solo apontar para prováveis deslizamentos de terra, é possível notar deslocamentos de sedimento em veios que são formados a partir do impacto do trânsito de veículos e volume robusto de água pluvial, os impactos referentes ao uso de bombas na pedreira também podem influenciar com tremores que vulnerabilizam a estabilidade do solo. Logo, isto pode influenciar no acesso ao local de forma peatonal ou de veículos.

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES:

Quantidade de Painéis:

1

Orientação (Pontos Cardeais):N S E O NO SO NE
SE **Instrumentos Utilizados:**Pincel Grosso Pincel Fino Mãos Dedos Pés Gravetos Crayon Carvão
Percutor Não identificado **Dimensões do Suporte:**

-

Dimensões do Painéis:Altura - 2,5 m
Largura - 17,0 m**Pigmentos:**Monocromático Bicromático
Policromático
Descrever cores: vermelho/amarelo/preto**Motivo das figuras:**Antropomorfo Zoomorfo Fitomorfo
Geométrico **Posicionamento das figuras nos Abrigos:**Tetos Lajedos Paredes **Predominância:**A Z F G **Sobreposições:**

Várias sobreposições ao longo do painel com pigmentos policromáticos: Amarelo ocre - laranja - vermelho - vermelho escuro - preto.

CONSERVAÇÃO DO BLOCO ROCHOSO:

Tipo de superfície do suporte granítico em que foram realizadas as representações rupestres:

Superfície plana lisa Superfície plana rugosa Aproveitamento de quebras na superfície Outros
Identificar:

FOTOS DO SETOR 3:



CONSERVAÇÃO DO BLOCO ROCHOSO:

Tipo de superfície do suporte granítico em que foram realizadas as representações rupestres:
Superfície plana lisa Superfície plana rugosa Aproveitamento de quebras na superfície
Outros Identificar:

TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO:

Fotografia Desenho Caderno de Campo Fichas

Responsável pelo registro de campo:

Saulo Passos

Equipe presente em campo:

Mirta Barbosa, Juliana Tanaka, Alvandyr Bezerra e Saulo Passos.

OBSERVAÇÕES:

É possível notar que a boa preservação do painel se dá principalmente por dois fatores: O abaulamento afiado de algumas partes do suporte acima do painel (protegendo assim as pinturas de intemperismos como a chuva) e a vegetação densa a seu redor.